



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO  
CEARÁ - IFCE CAMPUS FORTALEZA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E  
TECNOLÓGICA**

**JANAYNA DE SOUSA MACIEL MORAES**

**A HISTÓRIA E AS MEMÓRIAS DA EEEP ALAN PINHO TABOSA: UMA  
ESCOLA DE APRENDIZAGEM COOPERATIVA E SOLIDÁRIA**

**FORTALEZA**

**2025**

JANAYNA DE SOUSA MACIEL MORAES

A HISTÓRIA E AS MEMÓRIAS DA EEEP ALAN PINHO TABOSA: UMA ESCOLA  
DE APRENDIZAGEM COOPERATIVA E SOLIDÁRIA

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) - *Campus Fortaleza*, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica. Linha de pesquisa: Organização e Memória de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Profa. Dra. Antônia de Abreu Sousa

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Instituto Federal do Ceará - IFCE  
Sistema de Bibliotecas - SIBI  
Ficha catalográfica elaborada pelo SIBI/IFCE, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

M827h Moraes, Janayna de Sousa Maciel.  
A história e as memórias da EEEP Alan Pinho Tabosa : uma escola de Aprendizagem Cooperativa e Solidária / Janayna de Sousa Maciel Moraes. - 2025.  
136 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado) - Instituto Federal do Ceará, Mestrado Profissional em Rede Nacional de Educação Profissional e Tecnológica, Campus Fortaleza, 2025.  
Orientação: Prof. Dr. Antonia de Abreu Sousa.

1. História . 2. Memória . 3. Escola. 4. Cooperação. 5. Solidariedade. I. Título.

CDD 378.013

---

JANAYNA DE SOUSA MACIEL MORAES

A HISTÓRIA E AS MEMÓRIAS DA EEEP ALAN PINHO TABOSA:  
UMA ESCOLA DE APRENDIZAGEM COOPERATIVA E SOLIDÁRIA

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) - *Campus* Fortaleza, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Profª. Dra. Antonia de Abreu Sousa (Orientadora)  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

---

Profª. Dra. Bárbara Suellen Ferreira Rodrigues  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

---

Profª. Dra. Ana Amélia Rodrigues de Oliveira  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

---

Prof. Dr. Kleiton de Sousa Moraes  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Elton Luz Lopes  
Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC)

## AGRADECIMENTOS

A Jesus, meu salvador, que esteve comigo em todos os momentos, lembrando-me sempre de diferentes formas do propósito que me movia nessa difícil caminhada.

À família que construí com meu esposo Jocélio e meu filho Júlio, pela paciência que tiveram ao não me terem por inteiro em diversos momentos e por darem sentido a todas as minhas lutas.

Aos meus pais, a Agente Comunitária de Saúde Nonata e o Pescador Antônio Carlos, pelo sacrifício que fizeram para que meu irmão Nycla e eu tivéssemos a oportunidade de estudar, por serem a minha rede de apoio em mais uma jornada e por serem as pessoas com quem sempre poderei contar. A filha de vocês vai ser mestra!

Aos irmãos em Cristo da pequena congregação da Igreja Presbiteriana Independente em Cipó, por me ensinarem tanto sobre o amor, a fé e a vida em comunidade.

Aos amigos da EEEP Alan Pinho Tabosa em nome do diretor Elton Luz - pois seria impossível nomear cada um dos que me apoiaram com tanto carinho. Obrigada pelas palavras de incentivo e pela ajuda em absolutamente tudo para tornar este projeto não apenas possível, mas muito significativo para nossa amada escola.

Ao Movimento PRECE por mudar o rumo da minha história e me presentear com alguns dos elementos mais importantes da minha vida: minha visão de mundo, minha carreira, minha família e meus amigos mais chegados.

Aos estimados professores do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica pelo conhecimento compartilhado.

À minha querida orientadora professora Antonia Abreu que me escolheu, acolheu e acreditou em mim, mais do que eu mesma, pela confiança e apoio. Muito obrigada!

Aos membros das bancas de qualificação e defesa, professoras Ana Oliveira e Bárbara Ferreira, e professores Elton Luz e Kleiton Moraes por aceitarem o convite e oferecerem valiosas contribuições.

À turma VI do ProfEPT pelos momentos maravilhosos de aprendizado e descontração. Agradeço especialmente à amiga Andrea pelo apoio em todos os momentos de dúvida e de angústia.

Às amigas e grandes profissionais Andreia Cavalcante e Evilene Abreu. Vocês foram fundamentais nessa reta final.

À querida Juanita Macedo (*in memoriam*) do  
café amargo, mas da voz doce.

## RESUMO

A Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, inaugurada em junho de 2011 e localizada em Pentecoste-CE, é pioneira na utilização da Aprendizagem Cooperativa e Solidária. O fato de suas raízes estarem ligadas a um movimento estudantil desenvolvido no sertão do estado na década de 1990, chamado PRECE, indica que sua história teve início muito antes de sua inauguração. Suas origens lhe conferem uma singularidade em relação às outras da mesma modalidade: a de ter em sua proposta pedagógica uma metodologia, cujos princípios fundamentais são a cooperação e a solidariedade entre os sujeitos. Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender o processo de construção histórica da EEEP Alan Pinho Tabosa como escola de Aprendizagem Cooperativa e Solidária e, como específicos, investigar o processo de implementação do seu projeto pedagógico particular; recompor a partir das memórias de estudantes e de professores a sua experiência educativa; conhecer os impactos da formação oferecida na instituição nas trajetórias de vidas do grupo entrevistado e elaborar um produto educacional, que consistiu em uma exposição memorialística que trouxe, em 10 seções, diferentes aspectos da história da escola. Para embasar esse estudo, apresentou-se uma breve descrição histórica da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil até chegar à implementação das Escolas Estaduais de Educação Profissional do Ceará (Manfredi, 2017; Cunha, 2000; Kuenzer, 2007; Ramos, 2014; Moura, 2015; Ciavatta, 2005, 2014; Frigotto e Ciavatta, 2012; Maciel, 2015); discutiu-se a concepção de Aprendizagem Cooperativa e Solidária (Queiroz, 2022; Andrade, 2019; Johnson, Johnson e Holubec, 1993; Lopes e Silva, 2009; Matos, 2018; Freire, 201) e sobre as categorias Memória e História (Candau, 2012; Halbwachs, 1990; Ciavatta, 2005). Para o alcance dos objetivos propostos, optou-se pelas técnicas da pesquisa documental e da história oral. A partir da pesquisa foi possível construir o percurso histórico de concepção e implantação da escola e concluir que as narrativas de professores e alunos evidenciam experiências educacionais coletivas e expressam sentimentos de reconhecimento pelas contribuições para a formação dos jovens que vão além das questões acadêmicas e profissionais. Acredita-se que o registro e divulgação da história dessa escola potencializará o sentimento de pertencimento de toda a comunidade escolar à instituição e constituirá um importante aporte histórico para diferentes gerações e poderá inspirar práticas educativas como as experienciadas neste espaço de educação.

**Palavras-Chave:** História; Memória; Escola; Cooperação; Solidariedade.

## ABSTRACT

The Alan Pinho Tabosa State School of Professional Education, inaugurated in June 2011 and located in Pentecoste-CE, is a pioneer in the use of Cooperative and Solidary Learning. The fact that its roots are connected to a student movement developed in the hinterland of the state in the 1990s, called PRECE, indicates that its history began long before its inauguration. These origins grant it a uniqueness compared to other schools of the same modality: its pedagogical proposal is founded on a methodology whose core principles are cooperation and solidarity among individuals. This research aimed to understand the historical construction process of EEEP Alan Pinho Tabosa as a school of Cooperative and Solidary Learning. The specific objectives were to investigate the implementation process of its particular pedagogical project; to reconstruct, through the memories of students and teachers, its educational experience; to identify the impacts of the training offered by the institution on the life trajectories of the interviewed group; and to produce an educational output, consisting of a memorial exhibition that presented, in 10 sections, different aspects of the school's history. To support this study, a brief historical overview of Professional and Technological Education in Brazil was presented, leading up to the implementation of Ceará's State Schools of Professional Education (Manfredi, 2017; Cunha, 2000; Kuenzer, 2007; Ramos, 2014; Moura, 2015; Ciavatta, 2005, 2014; Frigotto & Ciavatta, 2012; Maciel, 2015). The concept of Cooperative and Solidary Learning was discussed (Queiroz, 2022; Andrade, 2019; Johnson, Johnson & Holubec, 1993; Lopes & Silva, 2009; Matos, 2018; Freire, 201) as well as the categories of Memory and History (Candau, 2012; Le Goff, 1990; Halbwachs, 1990; Pierre Nora, 1993; Ciavatta, 2005). To achieve the proposed objectives, documentary research and oral history techniques were employed. From the research, it was possible to construct the historical path of conception and implementation and concluded that the narratives of teachers and students highlight collective educational experiences and express feelings of recognition for the contributions made to the education of young people, which go beyond academic and professional aspects. It is believed that documenting and disseminating the history of this school will strengthen the community's sense of belonging to the institution, provide an important historical contribution for different generations, and inspire educational practices similar to those experienced in this learning space.

**Keywords:** History; Memory; School; Cooperation; Solidarity.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema dos programas do MEC de 2003 - 2011.....	30
Figura 2 - Localização da cidade de Pentecoste .....	47
Figura 3- Maquete do modelo das escolas de educação profissional do Ceará.....	48
Figura 4 - Passeata do Movimento em Defesa da Escola Pública.....	53
Figura 5 - Decreto que estabelece o nome da escola.....	54
Figura 6 - Termo de Parceria entre UFC e SEDUC .....	55
Figura 7 - Notícia da parceria entre UFC e SEDUC para a gestão da EEEP Alan Pinho .	56
Figura 8 - Inauguração da EEEP Alan Pinho Tabosa em 2011 .....	57
Figura 9 - Célula de estudos do projeto de preparação para o ensino médio .....	59
Figura 10 - Café da manhã dos precisistas .....	61
Figura 11 - Turma de Revisores Solidários do ano de 2022 em ação .....	73
Figura 12 - Campanha Todo dia é 18 de Maio .....	76
Figura 13 - Visita dos professores David e Roger Johnson.....	82
Figura 14 - Culminância do Projeto Dançart 2025.....	85
Figura 15 - Espaço a ser utilizado na exposição.....	101
Figura 16 - Registro do ensaio fotográfico feito com os profissionais da escola.....	102
Figura 17 - Logo da Exposição.....	103
Figura 18 - Ilustração principal .....	103
Figura 19 - Figura 20: Cartaz de divulgação da exposição .....	104
Figura 20 - Figura 21: Placa de apresentação da exposição .....	105
Figura 21 - Estação 1: Rizoma: como tudo começou.....	107
Figura 22 - Linha do tempo: do juazeiro à escola .....	108
Figura 23 - Figura 24: Estação 2: A conquista de uma escola .....	109
Figura 24 - Estação 3: O início de um sonho .....	110
Figura 25 - Estação 4: Aprendizagem Cooperativa e Solidária.....	111
Figura 26 - Estação 5: Para ficar na memória .....	112
Figura 27 - Estação 6: Formação para o trabalho .....	113
Figura 28 - Estação 7: Mãos que constroem essa história.....	114
Figura 29 - Estação 8: Mãos que constroem essa história.....	115
Figura 30 - Estação 9: Sobre nós .....	115
Figura 31 - Estação 10: Sentimentos - Criação 1 .....	116
Figura 32 - Estação 10: Sentimentos - Criação 2 .....	117

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Breve histórico da Educação profissional no Brasil.....	24
Quadro 2 - Fase de número 1.....	60
Quadro 3 - Fase de número 2.....	63
Quadro 4 - Protagonismo Cooperativo e Solidário .....	66
Quadro 5 - Fase de número 3.....	67
Quadro 6 - Desafios enfrentados pelos estudantes .....	77
Quadro 7 - Planejamento da exposição .....	100
Quadro 8 - Observações realizadas na validação do produto educacional.....	119

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

ALECE	Assembleia Legislativa do Estado do Ceará
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CREDE	Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação
EEEP	Escola Estadual de Educação Profissional
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EPT	Educação Profissional e Tecnológica
ETMFA	Exposição Introdutória; Tarefa individual; Meta Coletiva; Fechamento, Avaliação
ICORES	Instituto Coração de Estudante
IDACI	Índice de Desempenho Acadêmico, Cooperativo, Individual
IFCE	Instituto Federal de Educação, Ciência, Tecnologia do Ceará
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
PEC	Projeto Estudante Cooperativo
PPP	Projeto Político Pedagógico
PRECE	Programa de Educação em Células Cooperativas
PRECE	Programa de Educação em Células Cooperativas
PRECE	Projeto Educacional Coração de Estudante
SEDUC	Secretaria da Educação do Estado
SETEC	Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TESE	Tecnologia Empresarial Socioeducacional

UFC

Universidade Federal do Ceará

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Reunião de elementos da memória afetiva .....	117
Gráfico 2 - Presença do tema da Aprendizagem Cooperativa e Solidária na exposição	118
Gráfico 3 - Linguagem Utilizada.....	118
Gráfico 4 - Organização estética .....	119

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>21</b>
<b>2. 1 A Educação Profissional no Brasil Trabalho.....</b>	<b>21</b>
<b>2.1.1 Educação no Período Colonial e Imperial.....</b>	<b>21</b>
<b>2.1.2 Educação Profissional como política pública no Brasil .....</b>	<b>23</b>
<i>2.1.2.1 A concepção de Educação Integral.....</i>	<i>27</i>
<i>2.1.2.2 O trabalho como princípio educativo .....</i>	<i>29</i>
<b>2.2 Aprendizagem Cooperativa e Solidária.....</b>	<b>33</b>
<b>2. 2.1 Origem da Aprendizagem Cooperativa e Solidária .....</b>	<b>34</b>
<b>2.2.2 As cinco premissas da Aprendizagem Cooperativa e Solidária .....</b>	<b>36</b>
<i>2.2.2.1 Educação Emocional .....</i>	<i>36</i>
<i>2.2.2.2 Autodeterminação .....</i>	<i>37</i>
<i>2.2.2.3 Cooperação.....</i>	<i>38</i>
<i>2.2.2.4 Parceria professor-estudante para a formação de liderança estudantil.....</i>	<i>39</i>
<i>2.2.2.5 Solidariedade .....</i>	<i>40</i>
<b>2.3 Memória: uma forma de manter vivas as instituições escolares .....</b>	<b>42</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>45</b>
<b>3.1 Caracterização da pesquisa .....</b>	<b>45</b>
<b>3.2 Local da pesquisa.....</b>	<b>46</b>
<b>3.3 Participantes da pesquisa.....</b>	<b>48</b>
<b>3.4 Aspectos éticos .....</b>	<b>49</b>
<b>4 ENTRE HISTÓRIA E MEMÓRIAS.....</b>	<b>50</b>
<b>4.1 Criação e implantação: entre um frio conflito político se estabelece a EEEP Alan Pinho Tabosa.....</b>	<b>50</b>
<b>4.2 Evolução da escola a partir da implementação do seu projeto pedagógico .....</b>	<b>60</b>
<i>4.2.1 A fase de número 1.....</i>	<i>60</i>
<i>4.2.2 A fase de número 2.....</i>	<i>63</i>
<i>4.2.3 Fase de número 3.....</i>	<i>65</i>
<i>4.2.4 Desafios de se construir uma escola Cooperativa e Solidária.....</i>	<i>68</i>
<b>4. 3 Relatos da vida na escola.....</b>	<b>70</b>
<b>4.4 As contribuições da escola para a construção das trajetórias de vida dos estudantes .....</b>	<b>86</b>
<i>4.4.1 Luiz Henrique Marinho - Turma 2022 a 2024 .....</i>	<i>87</i>
<i>4.4.2 João Emanuel Galvão - Turma 2020 a 2022 .....</i>	<i>88</i>
<i>4.4.3. Wlysses Guimarães - Turma 2018 a 2020.....</i>	<i>88</i>
<i>4.4.4 Lívia Mota - Turma 2017 a 2019.....</i>	<i>89</i>

<i>4.4.5 Inácio Loyola - Turma 2017 a 2019</i> .....	90
<i>4.4.6 Denner Matos - Turma 2016 a 2018</i> .....	91
<i>4.4.7 João Filho - Turma 2016 a 2018</i> .....	92
<i>4.4.8 Jordânia Gomes - Turma 2014 a 2016</i> .....	92
<i>4.4.9 Thiago Amorim - Turma 2013 a 2015</i> .....	93
<i>4.4.10 Samantha Alves - Turma 2013 a 2015</i> .....	94
<i>4.4.11 Mônica Mota - Turma 2012 a 2014</i> .....	95
<b>5 “EXPOSIÇÃO MEMORIAL DA ESCOLA ALAN PINHO TABOSA: APRENDIZAGEM COOPERATIVA E SOLIDÁRIA” COMO PRODUTO EDUCACIONAL</b> .....	<b>98</b>
<b>5.1 A Elaboração do produto educacional Exposição Memorial da Escola Alan Pinho Tabosa Aprendizagem Cooperativa</b> .....	<b>99</b>
<b>5.2 Exposição Memorial da Escola Alan Pinho Tabosa: Aprendizagem Cooperativa e Solidária</b> .....	<b>105</b>
<b>5.3 Validação do produto</b> .....	<b>117</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>122</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>124</b>
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS – GRUPO 1 (ESTUDANTES EGRESSOS)</b> .....	<b>129</b>
<b>APÊNDICE B –PROFESSORES QUE NÃO PASSARAM PELO PRECE</b> .....	<b>130</b>
<b>APÊNDICE C- PROFESSORES QUE PASSARAM PELO PRECE</b> .....	<b>131</b>
<b>APÊNDICE D - ROTEIRO PARA ENTREVISTAS – GRUPO PROFESSORES GESTORES QUE ESTAVAM PRESENTES NA FUNDAÇÃO DA ESCOLA</b> .....	<b>132</b>
<b>APÊNDICE E – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS FUNDADOR DO MOVIMENTO PRECE E COGESTOR DA ESCOLA NO ANO DE SUA INAUGURAÇÃO</b> .....	<b>133</b>
<b>APÊNDICE F – QUESTÕES PARA VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL</b> .....	<b>134</b>
<b>ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	<b>135</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A história de uma escola é construída pelos sujeitos que vivenciam diariamente sua experiência nos corredores, nas salas de aula e na interação com a comunidade. Essa história poderá ser encontrada em documentos de arquivos públicos ou pessoais, mas principalmente na memória de estudantes e funcionários e, para que ela não se perca, esmagada pela vertiginosa rotina dos dias, e o passado se torne vivo e significativo para as gerações presente e futuras, é preciso que haja um trabalho de organização e de preservação histórica da instituição.

Nesse sentido, a presente pesquisa buscou compreender o processo de construção histórica da Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, que está situada na cidade de Pentecoste, Ceará, a partir da perspectiva das memórias de estudantes egressos e de professores da instituição e de uma análise de cunho documental. O estudo abrange o período que corresponde a junho de 2011, data de inauguração, a dezembro de 2023.

A EEEP Alan Pinho Tabosa foi instituída pelo decreto nº 14.795/2010 e inaugurada em junho de 2011 em meio à modernização e à expansão da modalidade de ensino médio integrado à educação profissional, trazidos pelo programa Brasil Profissionalizado de 2007. De 2008 a 2023, foram criadas no Ceará 131 EEEPs, distribuídas por 111 municípios, atendendo a 58 mil estudantes do estado. (SEDUC - CE, 2023).

Esta escola diferencia-se das outras da mesma modalidade por ser a pioneira na utilização da Aprendizagem Cooperativa no Brasil, proposta inicialmente pelos americanos David e Roger Johnson. Essa metodologia é caracterizada por um conjunto de técnicas de ensino-aprendizagem em que os estudantes, liderados pelo professor, trabalham em pequenos grupos e se ajudam mutuamente para resolver problemas e alcançar metas coletivas (Firmiano, 2011. p. 5). A implementação da Aprendizagem Cooperativa nessa escola não se deu de forma “pura”, trouxe elementos de um movimento estudantil chamado PRECE - cuja sigla a princípio significava Projeto Educacional Coração de Estudante, no entanto, ao longo de sua evolução histórica, passou a significar Programa de Educação em Células Cooperativas e, por fim, Programa de Estímulo à Cooperação na Escola - desenvolvido no interior do Ceará, na década de 90 e que foi responsável pelo ingresso de centenas de jovens de origem popular nas melhores

universidades do estado. Essa experiência de educação informal, iniciada numa casa de farinha abandonada, caracterizava-se pela reunião de estudantes em pequenos grupos para estudarem juntos a fim de concluírem os seus estudos básicos. Com o passar do tempo, alguns deles começaram a ser aprovados para a principal universidade federal do estado, gerando uma imensa repercussão no pequeno município de Pentecoste. Assim, os novos universitários passavam a estudar na capital Fortaleza e retornavam à comunidade no fim de semana, solidariamente, para ajudar outros jovens a conseguirem o mesmo feito, levando a uma expansão desse movimento. Mais tarde, lideranças do PRECE descobriram que o que era praticado por eles no sertão do Ceará tinha nome: Aprendizagem Cooperativa. Pelas particularidades do método no PRECE, que carregava elementos bem freirianos, como a concepção de educação para a emancipação, de educação problematizadora, conscientizadora, esperançosa e solidária, (Andrade, 2019, p. 25), suas lideranças passaram a chamá-lo de Aprendizagem Cooperativa e Solidária.

Com inspiração nesse movimento estudantil e fundamentada na proposta metodológica de David e Roger Johnson, a EEEP Alan Pinho foi inaugurada em 2011. Um grupo de professores “precistas” a partir da coordenação pedagógica da Universidade Federal do Ceará, assumiu a gestão e a docência da escola, com o objetivo de recriar em tempo e espaço diferentes a experiência exitosa do PRECE.

A vida da autora desta pesquisa se cruzou com a história do PRECE ainda na infância, por volta do final da década de 90 e início dos anos 2000, nas reuniões de escola bíblica da congregação da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de Fortaleza em Cipó, Pentecoste – CE, considerada grande parceira desse projeto educacional, que desde a sua fundação tem recebido dela apoio espiritual e financeiro. Os estudos bíblicos da escola dominical frequentados por ela, por ser membro daquela comunidade religiosa, serviam aos “meninos da casa de farinha” - assim também chamados os precistas - como aulas de leitura e interpretação textual. A relação entre a pesquisadora e o movimento foi evoluindo, de modo que ela passou de espectadora a participante ativa de seus trabalhos: primeiro ingressou em seu grupo de teatro, depois no projeto pré-vestibular cooperativo para se preparar para entrar na universidade. Posteriormente, já universitária, retornava à comunidade para trabalhar como facilitadora das disciplinas de Redação e de História. Por último, atuou como professora do Projeto Semeando Esperança, desenvolvido em parceria com a congregação, o qual atendia a crianças da comunidade com o objetivo de

fortalecer o aprendizado da leitura, ao mesmo tempo em que lhes ensinava a trabalharem juntas.

Da casa de farinha, onde tudo começou, a uma escola modelo de educação profissional do estado do Ceará foram 17 anos. Ao longo desse tempo a autora pôde crescer, estudar e ingressar no curso de graduação em Letras/Língua Portuguesa na UFC. Como muitos precisas, ela sonhou com o dia em que o PRECE estaria dentro de uma escola e, movida pela alegria dessa realização, compareceu à festa de inauguração da EEEP Alan Pinho Tabosa, em 21 de junho de 2011. No seu coração, o contentamento de ver realizado um sonho de um grupo que tanto fez pela educação do município e do estado; na sua mente, o pensamento insistente de ser professora na escola que hora se inaugurava. O pensamento veio a se materializar em 2012, quando a autora, na reta final de sua faculdade, passou a integrar a equipe de voluntários e bolsistas do projeto Rumo ao Ensino Médio, que recebia estudantes da rede municipal de Pentecoste e de cidades vizinhas para proporcionar um reforço do seu aprendizado em diversas disciplinas e a vivência da metodologia da Aprendizagem Cooperativa utilizada na escola onde esse público poderia cursar o ensino médio.

Depois da sua graduação, em 2013, assumiu oficialmente, por meio de contrato temporário, a disciplina de Língua Portuguesa. No mesmo ano, foi aprovada no concurso público para professores da rede estadual, se efetivando em seguida. Como professora de Língua Portuguesa, liderou projetos de fomento à leitura e à escrita na escola, por serem ferramentas importantes para proporcionarem aos seus alunos mais oportunidades de romperem paradigmas sociais a partir do desenvolvimento da aprendizagem, criticidade e criatividade. Como mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (EPT), assumiu, na mesma instituição, a coordenação de estágio no final de 2023, com o intento de oferecer a sua contribuição para o duro processo de integrar educação e trabalho e assim reduzir a histórica dualidade que separa elementos tão essenciais à evolução da sociedade.

As vivências da autora deste trabalho no movimento PRECE contribuíram significativamente para a construção da sua visão de mundo que se fundamenta em princípios como o da solidariedade, que, para os precisas, se coloca como um compromisso social que se deve assumir com o coletivo em busca de reduzir as desigualdades, principalmente, ao receber o presente precioso do conhecimento. Essa visão integra várias dimensões de sua vida, entre as quais, a pessoal e a profissional, de modo que o seu trabalho vai muito além de uma ocupação, mas constitui o seu próprio

ser, a sua identidade. Assim, a escola, objeto de estudo desta pesquisa, compreende um capítulo importante não só da história do PRECE, mas da vida da autora, o que justifica seu interesse particular pelo tema. Para além das justificativas pessoais, acredita-se que o registro e posterior divulgação da história dessa jovem escola – que não começou na data de sua inauguração, em 2011 - além de representar um relevante “recorte temático no âmbito da história da educação” (Nosella e Buffa, p. 18, 2008), potencializará o sentimento de pertencimento da comunidade escolar à instituição, consistirá em “um instrumento para uma nova compreensão da escola, elevando, assim, o autoconhecimento de seus profissionais ao estabelecerem comparações com outros” (Nosella e Buffa, p. 21, 2008) bem como constituirá um importante aporte histórico para as gerações presente e futuras, capaz de inspirar práticas educativas inovadoras como as experienciadas neste espaço de educação.

Após uma pesquisa na plataforma Google Acadêmico, foram identificados cerca de 15 trabalhos científicos de diferentes gêneros, diretamente associados à EEEP Alan Pinho Tabosa, com abordagens mais ligadas à sua prática pedagógica e aos impactos dela, de modo que se verificou uma lacuna no que tange às perspectivas histórica e memorialística da instituição. Por essa razão é que se optou pelo macroprojeto de História e Memória, que estrutura a linha de pesquisa do programa Organização e Memória da Educação Profissional e Tecnológica, embora a pesquisadora não seja da área.

As questões que orientaram o trabalho foram: como a EEEP Alan Pinho Tabosa veio a se estabelecer na cidade de Pentecoste? De que forma um movimento de educação informal chegou à gestão de um equipamento como esse? Como se deu o processo de recriação da vivência desse movimento dentro dessa escola? Quais memórias professores e estudantes guardam da experiência educativa dentro da instituição?

Desse modo, definiu-se como objetivo geral deste estudo compreender o processo de construção histórica da EEEP Alan Pinho Tabosa como escola de Aprendizagem Cooperativa e Solidária e, como específicos, investigar o processo de implementação do seu projeto pedagógico particular; recompor a partir das memórias de estudantes e de professores a sua experiência educativa; conhecer os impactos da formação oferecida na instituição nas trajetórias de vidas do grupo entrevistado e elaborar um produto educacional, que consistiu em uma exposição memorialística contendo o histórico da instituição, fotografias e relatos baseadas no cotidiano escolar de estudantes e professores.

A quinta seção apresenta a caracterização do estudo, seus sujeitos e métodos utilizados para se alcançarem os objetivos. Na sexta, intitulada “Entre História e Memória”, segue-se a apresentação do resultado da pesquisa realizada a partir da narrativa do processo de implantação da escola, a implementação do seu projeto pedagógico, os relatos da vida na escola e as contribuições da instituição para a formação dos sujeitos. A sétima seção dedica-se ao produto educacional, que consistiu em uma exposição memorialística sobre a história da EEEP Alan Pinho Tabosa, organizada em 10 estações, a partir de textos explicativos, relatos, fotografias e produções audiovisuais. A oitava e última compreende as considerações finais.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Esta seção traz uma discussão sobre a EPT no Brasil, começando pelo período em que as relações entre trabalho e educação se desenhavam de forma espontânea e desorganizada, passando pelo nascimento das políticas públicas voltadas para essa modalidade, até chegar à instituição das Escolas Estaduais de Educação Profissional do estado do Ceará. , apresenta a Aprendizagem Cooperativa e Solidária, desenvolvida pela EEEP Alan Pinho Tabosa, os fundamentos e as premissas em torno das quais se organizam suas práticas, e também discute as categorias Memória e História, como elementos capazes de manter vivas as instituições e fortalecer sua identidade.

### **2.1 A Educação Profissional no Brasil Trabalho**

#### **2.1.1 Educação no Período Colonial e Imperial**

A Educação Profissional no Brasil como conhecemos hoje é resultado de uma série de transformações políticas e socioeconômicas pelas quais o país passou desde a sua colonização em 1500. Embora a instituição dessa modalidade de educação tenha se estabelecido como política pública apenas depois da República, as práticas educativas brasileiras e a formação para o trabalho se faziam presentes na sociedade antes disso.

Entre os povos indígenas, a educação e a preparação para o trabalho se misturavam às próprias vivências das crianças com os adultos dentro de suas tribos a partir da observação e da participação em diferentes atividades cotidianas desses povos, como a caça, a pesca e a prática da agricultura (Manfredi, 2017). Com o estabelecimento da colonização e do sistema escravocrata, os mais experientes no trabalho repassaram para os iniciantes as técnicas necessárias e a forma como as ferramentas deveriam ser manipuladas (Fonseca, 1986).

A expansão da produção de açúcar e das atividades de extração de minérios levaram à formação de núcleos urbanos, cuja população necessitava consumir os mais variados produtos artesanais, gerando a necessidade de trabalho especializado. (Cunha, 2000). Nesse contexto, também se estabeleceram os colégios religiosos, principalmente os da ordem dos Jesuítas, os quais tinham o seu próprio quadro de artesãos para realizarem seus serviços internos. Dada a necessidade, os “irmãos-oficiais” passaram a “reproduzir nas oficinas as práticas de aprendizagem de ofícios vigentes na Europa, onde eles próprios

aprenderam” (Cunha, 2000, p. 32). Assim, os colégios jesuítas se constituíram os “primeiros núcleos de formação profissional”, ensinando especialmente a crianças e a adolescentes ofícios como os da carpintaria, ferraria e construção de edifícios (Manfredi, 2017, p.29).

A partir do século XVIII, o Brasil já tinha certa organização do trabalho artesanal, baseada no modelo da metrópole, mas cada cidade regulamentava os ofícios de acordo com as decisões das câmaras municipais (Manfredi, 2017).

O conhecimento das práticas educativas para o trabalho no período colonial é imprescindível para se compreender as razões históricas da separação entre trabalho manual e intelectual que se tem no presente, pois, à época, o trabalho artesanal era deixado predominantemente para pessoas escravizadas.

As transformações políticas e econômicas advindas da chegada da Corte Portuguesa ao Brasil no período Imperial mudaram também o processo de formação de trabalhadores diante das novas necessidades, uma vez que a “economia brasileira deixou de se basear apenas na agroindústria voltada para o sistema colonial de trocas. Iniciou-se a implantação de atividades e de empreendimentos industriais estatais e privados” (Manfredi, 2017, p.31). Nesse período, conforme Da Silva e Ciasca (2021), a área educacional passou por importantes avanços com a criação de escolas superiores “que contribuíram, em especial, para o desenvolvimento profissional do país em diversas áreas como a medicina, matemática, comunicação, artes, arquitetura, engenharias, direito” (Da Silva e Ciasca, 2021, p. 4)

Foram implantados os “aparelhos escolares”, inicialmente destinados à formação no ensino superior para preparar as elites para exercerem funções na administração pública ou no exército. Os níveis primário e secundário de educação tinham uma perspectiva propedêutica de ensinar para a universidade. (Manfredi, 2017).

Enquanto buscava construir um sistema escolar público, o Brasil do Império desenvolvia um ensino separado do secundário e do superior para formar trabalhadores para a produção nas oficinas, fábricas e arsenais. De acordo com Manfredi (2017), as instituições de Educação Profissional nesse período partiam, ora da iniciativa de associações civis, como os liceus de artes e ofícios, ora das esferas estatais, como as casas de educandos artífices. “Tais iniciativas constituíam mecanismos de disciplinamento dos setores populares, no sentido de conter ações insurrecionais contra a ordem vigente e

legitimar a estrutura social excludente herdada do período colonial” (Manfredi, 2017, p. 34).

Evidencia-se que a construção da visão do que é trabalho tanto no período colonial como no imperial desviam da concepção de trabalho como atividade social inerente a todos os seres humanos para associá-lo a atividades tidas como desqualificadas e indignas ou à coerção e ao assistencialismo.

### **2.1.2 Educação Profissional como política pública no Brasil**

A chegada da República trouxe consigo grandes mudanças provocadas sobretudo pela abolição da escravatura, pelo estabelecimento do projeto de imigração e pela expansão da economia cafeeira. Nesse cenário, inicia-se o processo de industrialização e urbanização do Brasil, que por sua vez originou novas demandas de infraestrutura de transportes e edificações, tornando necessária a qualificação de pessoas para exercerem as novas atividades (Manfredi, 2017). Segundo a autora,

O Desenvolvimento industrial capitalista, como modo de produção e de vida, tão cedo revelou o papel de protagonistas dos trabalhadores, os quais, mediante suas organizações, promoveram uma série de movimentos grevistas que se espalharam por todos os principais centros industriais. Em um clima de movimentos de contestação social e política, o ensino profissional foi visto pelas dirigentes como um antídoto contra o apregoamento das ideias exóticas das lideranças anarcossindicalistas. (...) o grupo dos chamados industrialistas, não só entendia que o ensino profissional serviria como poderoso instrumento para fazer frente ao avanço do movimento operário, mas também, a exemplo dos países europeus e dos Estados Unidos, defendia o ensino público como instrumento de emancipação econômica, social e política. (Manfredi, 2017, p.36)

Assim, em 1909, o então presidente Nilo Peçanha transformou essa visão em uma política educacional a partir do decreto de n.º 7.566 que instituía a criação de 19 escolas de Aprendizes e Artífices em cada estado do país. Essas escolas foram idealizadas com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento industrial do Brasil, formando mão de obra qualificada. No entanto, Kuenzer (2007, p. 27) assinala que essas instituições, por utilizarem critérios econômicos na admissão, tinham na prática um interesse moral de educar, a partir do trabalho, os órfãos e os pobres retirados da rua. Vê-se, portanto, a finalidade assistencialista dessa política pública. A sua instauração, contudo, conforme Cunha (2000), representou um grande passo para a Educação Profissional, visto que essas escolas constituíram o primeiro sistema de educação profissional de abrangência nacional e estavam pautadas num projeto educacional comum, sendo regidas pelo mesmo poder

administrativo, com um currículo e metodologia de ensino diferenciados. Mais tarde, essas escolas seriam transformadas em Liceus Industriais, depois em Escolas Industriais e Técnicas que dariam origem aos Centros Federais de Educação Profissional e Tecnológica (Cefets). Esses centros comporiam os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia do país, criados durante o processo de expansão da rede federal para oferecer formação em todos os níveis, desde a inicial e continuada, aos programas de pós-graduação.

As políticas de formação para o trabalho no Brasil foram se modificando de acordo com o cenário político e econômico do país, refletindo sempre os conflitos de interesse entre as classes sociais.

Para o alcance de uma visão geral, segue um quadro sumariando a trajetória histórica da Educação Profissional no Brasil como política pública, segundo Ramos (2014, p. 9 – 117):

Quadro 1 - Breve histórico da Educação profissional no Brasil

ANO	EVENTO HISTÓRICO
1909	Decreto de n.º 7.566 de Nilo Peçanha que institui a criação das escolas de Aprendizes e Artífices.
1930	Início da industrialização no Brasil; necessidade de se criar novas escolas industriais e introduzir novas especializações nas escolas existentes.
1937	Organização sistematizada do ensino industrial.
1942	Regulamentação do ensino normal.
1959	Decreto nº 47038 – Definição das Escolas Técnicas que comporiam a rede federal de ensino técnico, transformando-as em autarquias e em Escolas Técnicas Federais.
1961	Conclusão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação; equivalência entre cursos propedêuticos e de educação profissional pela Lei 4.024/61.

1965	Criação da Equipe de Planejamento do Ensino Médio (EPEM) e do Programa Intensivo de Formação de Mão de Obra (PIPMO).
1971	Instituição da Lei nº 5.692, que colocou como compulsória a profissionalização em todo o ensino de 2º grau.
1971	Transformação de algumas escolas Técnicas em Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET).
1982	Fim da profissionalização compulsória no 2º grau pela nº 7.044.
1986	Implementação do Programa de Expansão e melhoria do Ensino Técnico (PROTEC).
1988	Mobilização por uma nova LDB que pretendia trazer as concepções progressistas de escola unitária e politécnica.
1996	Derrota da proposta progressista de nova LDB; Vitória do projeto de autoria do senador Darcy Ribeiro que propunha a formação profissional desvinculada da escolarização; programas de capacitação em massa.
1997	Decreto nº 2.208/97 – desarticulação da educação profissional da educação básica; Transformação de todas as Escolas Técnicas em CEFETs; Implementação do Programa de Expansão da Educação Profissional (PROEP).
2003	Realização do Seminário Nacional “Ensino Médio: Construção política”; Publicação do livro “Ensino médio, o conhecimento, o trabalho e a cultura”; elaboração do documento “Proposta de Políticas Públicas para a Educação Profissional e Tecnológica”.
2004	Revogação do decreto nº 2.208/97; a contradição da criação de duas secretarias distintas para a educação básica e para a educação profissional; Criação do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens (PROEJA).
2007	Decreto nº 6.302 - Lançamento do programa Brasil Profissionalizado, como foco no sistema estadual, objetivando que este implante a educação técnica de

	nível médio, mediante a modernização e a expansão das redes públicas de ensino médio integrado;
2008	Lei 11.892 – Instituição da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, criando os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

Fonte: Elaborado pela autora

Destaca-se do quadro 1 o período de 2003 – 2008 por trazer importantes marcos para se compreender a concepção de Educação Profissional contemporaneamente. Entre eles estão as mudanças jurídico-normativas e a abertura à participação social no debate sobre as políticas públicas de Educação Profissional e Tecnológica.

O governo de Luís Inácio Lula da Silva, iniciado em 2003, conforme observa Manfredi (2017, p. 144), se propunha a “aproximar as políticas educacionais com as políticas de desenvolvimento socioeconômicas voltadas para a redução da exclusão econômica e social”. Desse modo, o seu primeiro mandato buscou regulamentar as políticas de Educação Profissional e adotar novas referências político-pedagógicas.

Entre as principais medidas legais destacam-se a revogação do Decreto de nº 2.208/97 por meio do Decreto nº 5.154/2004, o qual “além da oferta concomitante e subsequente, possibilitou que a educação profissional técnica de nível médio fosse articulada e integrada ao ensino médio” (Silva e Ciasca, 2021, p. 16). Outra medida importante foi a implementação de programas com o objetivo de expandir a rede de educação tecnológica, integrando ensino básico ao profissional. Isso se deu por meio tanto da ampliação da rede federal, como pela instauração de programas com o do Brasil Profissionalizado (2007), a partir do Decreto nº 6.302. Conforme Silva e Ciasca (2021), o programa surgiu em decorrência do Pronatec, “com o objetivo de estimular e fortalecer o ensino médio integrado à educação profissional nas redes estaduais de educação profissional” (Silva e Ciasca, 2021, p. 21). Essas políticas de ampliação foram responsáveis por democratizar o acesso a essa modalidade de educação.

Além da normatização jurídica, o período de 2003 – 2008 foi marcado pela participação de setores da sociedade civil na reformulação das políticas públicas para a Educação Profissional no país. Segundo Manfredi (2017, p 150):

Desde o início da primeira gestão do presidente Lula, O MEC promoveu uma série de seminários e conferências, das quais participaram pesquisadores, professores, gestores provenientes das mais diferentes instâncias da sociedade civil, com o intuito de redefinir o quadro conceitual e político no qual se fundamentaria a nova política educacional. Nesses encontros, delinear-se-iam novas perspectivas nos âmbitos teórico e conceitual para a redefinição dos pressupostos de reorganização e funcionamento do ensino médio integrado (...) (Manfredi, 2017, p 150).

Assim, esses encontros resultaram em esboços cujas concepções político-filosóficas comporiam os documentos orientadores da Educação Profissional. As principais são a concepção de Educação Integral e a de trabalho como princípio educativo.

### ***2.1.2.1 A concepção de Educação Integral***

O pressuposto da Educação Integral tem sua gênese em Marx, Engels e na escola unitária de Gramsci (Moura, 2015). Para Moura (2015, p. 1060), “ao tratar de educação intelectual, física e tecnológica, Marx está claramente sinalizando para a formação integral do ser humano, ou seja, para uma formação onilateral”. Esses pressupostos orientaram as experiências de educação desenvolvidas em Cuba e na Rússia no período da Revolução Socialista (Ciavatta, 2014). Por essa razão, interessava aos movimentos de trabalhadores que a perspectiva de formação integral estivesse presente nos documentos base da Educação Profissional do Brasil, vindo a se concretizar 2004, com o lançamento do documento *Proposta em discussão: Políticas Públicas para a Educação Profissional Tecnológica*, após o Ministério da Educação (MEC) e a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) realizarem seminários para se discutir a realidade do ensino médio no país. Segundo o documento, o sentido de ensino médio integrado

expressa uma concepção de formação humana, com base na integração de todas as dimensões da vida no processo educativo, visando à formação omnilateral dos sujeitos. Essas dimensões são o trabalho, a ciência e a cultura. O trabalho compreendido como realização humana inerente ao ser (sentido ontológico) e como prática econômica (sentido histórico associado ao modo de produção); a ciência compreendida como os conhecimentos produzidos pela humanidade que possibilita o contraditório avanço das forças produtivas; e a cultura, que corresponde aos valores éticos e estéticos que orientam as normas de conduta de uma sociedade. (SETEC/MEC, 2007, p. 40 - 41).

Para Ciavatta (2014), o termo integrado além de fazer referência à articulação entre ensino médio e educação profissional, também remete ao tipo de formação, a qual deve ser plena, “vindo a possibilitar ao educando a compreensão das partes no seu todo ou da unidade no diverso, tratando-se a educação como uma totalidade social” (Ciavatta,

2014, p. 198). Para a autora, a integração acabaria com a dicotomia trabalho manual/trabalho intelectual, levando trabalhadores a se tornarem dirigentes e cidadãos; faria superar a preparação para o trabalho reduzida ao aspecto operacional para se chegar à formação que alcança o conhecimento científico-tecnológico e a sua apropriação histórico-social (Ciavatta, 2014).

Moura (2015, p. 1065 - 1066), no entanto, lembra que Marx, Engels e Gramsci deixam claro em seus postulados que “não há espaço para a profissionalização *stricto sensu* quando se trata da formação de adolescentes, tendo como referência a emancipação humana”, pois “formar, ainda na adolescência, o sujeito para uma determinada profissão potencializa a unilateralidade em detrimento da onilateralidade.”. Ao seguir com suas reflexões, o autor compreende que a politecnia em seu sentido pleno só poderá ser alcançada quando a classe trabalhadora chegar ao poder, mas em tempos de relações sociais burguesas, a profissionalização é admitida quando se associa educação intelectual, física e tecnológica, vista por Marx como “o germe da educação do futuro”. Desse modo, o autor conclui que o ensino médio integrado pode ser a gênese da formação politécnica e onilateral.

Corroborando com essa reflexão, Ciavatta (2014, p. 198) afirma

Se a formação profissional no ensino médio é uma imposição da realidade da população trabalhadora, admitir legalmente essa necessidade é um problema ético-político. Não obstante, se o que se persegue não é somente atender a essa necessidade, mas mudar as condições em que ela se constitui, é também uma obrigação ética e política garantir que o ensino médio se desenvolva sobre uma base unitária, para todos. Portanto, o sentido de formação integrada ou o ensino médio integrado à educação profissional, sob uma base unitária de formação geral, é uma condição necessária para se fazer a travessia para a educação politécnica e omnilateral realizada pela escola unitária (Ciavatta, 2014, p. 198).

Ciavatta (2014) entende que a integração entre trabalho, ciência e cultura potencializará mudanças que tornarão a sociedade mais justa e que não exigirá do jovem uma profissionalização precoce, podendo ser realizada posteriormente com a chegada da maturidade intelectual.

Por fim, o próprio *Documento Base da Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio* traz o mesmo entendimento de que a integralidade da educação básica é uma “solução transitória e viável” e que a ciência, a tecnologia, a cultura e o trabalho adotados como base podem contribuir para o desenvolvimento de uma educação politécnica.

Conclui-se, portanto, que a Educação Integral é o primeiro passo rumo a uma formação humanizadora, imprescindível no processo de transformação social. É a partir

do conhecimento historicamente construído e da ciência que a classe trabalhadora forma sua consciência e desenvolve níveis mais elaborados de abstração, que a faz compreender melhor a complexidade da realidade, avançar e organizar suas lutas por sua emancipação (Martins, 2018).

### **2.1.2.2 O trabalho como princípio educativo**

A concepção de trabalho como princípio educativo também integra o *Documento Base Proposta em Discussão: Políticas Públicas para a Educação Profissional e Tecnológica* (2004) e o *Documento Base Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio* (2007), a qual considera “que o ser humano é produtor de sua realidade e, por isso, apropria-se dela e pode transformá-la” (SETEC/MEC, 2007, p. 45). Desse modo, compreende-se que é a partir do trabalho que o homem interage com a realidade material e social para produzir sua própria existência e atender às suas necessidades. Para Ramos (2014, p. 88), “a concepção do trabalho como princípio educativo é a base para a organização e desenvolvimento curricular em seus objetivos, conteúdos e métodos”.

Ciavatta (2005) observa que a depender das condições em que se processa, o trabalho pode ou não ser educativo. Assim, para a autora, o trabalho em condições de exploração ou de escravidão, que tira dos indivíduos a possibilidade de aprender e ter controle sobre o seu próprio processo produtivo, não dignifica nem é bom para o homem. Para que seja educativa, segundo Ramos (2014, p.90), a profissionalização deve incorporar valores ético-políticos e conteúdos históricos e científicos que caracterizam a práxis humana.”.

No contexto escolar atual regido pelo capitalismo, a formação para o trabalho sempre buscará seguir a direção de atender as necessidades do capital, de formar “mão de obra”, de adestrar o indivíduo para funções úteis à produção (Frigotto e Ciavatta 2012, p. 750). Mas o que se buscou ao elaborar os documentos base é que essa visão utilitarista fosse superada. Espera-se que a Educação Profissional considere sim o contexto econômico e contribua para o aprendizado de atividades produtivas, mas possibilite ao mesmo tempo a “apropriação de conceitos necessários para a intervenção consciente na realidade e a compreensão do processo histórico de construção do conhecimento” (Ramos, 2014, p. 92).

Assim, conforme Ramos (2014), é preciso compreender o trabalho em seu duplo sentido: o ontológico – como a forma por meio da qual o homem produz a sua existência, como os conhecimentos desenvolvidos para transformação da natureza – e o histórico – como categoria econômica, voltada para a produção da existência no contexto do capitalismo. Para a autora, “do ponto de vista organizacional, essa relação deve integrar em um mesmo currículo a formação plena do educando” (Ramos, 2014, p.92).

Considera-se a presença dessa concepção nos documentos base que fundamentam a Educação Profissional no Brasil um grande avanço, pois “o trabalho como princípio educativo representa importante bandeira de luta para fortalecer o movimento de resistência em favor de uma formação humana de fato, que contribua para a superação da sociedade de classes” (Maciel, 2015, p. 408-409).

### 2.3 Escolas Estaduais de Educação Profissional no Estado do Ceará

A ascensão de Luís Inácio Lula da Silva à presidência em 2003 foi marcada pela expectativa dos setores progressistas de o seu mandato inserir a Educação Profissional organicamente no interior do sistema educacional e mudar as perspectivas ético-filosóficas dessa modalidade de educação no Brasil. Embora tenha permanecido com alguns elementos da política educacional anterior, trouxe muitas mudanças que fortaleceram a educação para o trabalho no país. Entre as prioridades desse governo estava um projeto de reestruturação e ampliação da educação técnica de nível básico, o qual levou aos estados investimentos para se ampliar a oferta da Educação Profissional, o que, no estado do Ceará, culminou na implementação da rede de Escolas Estaduais de Educação Profissional.

Para se ter uma visão geral, segue a figura 1, resumindo os programas do MEC criados no período de 2003 – 2011 com esse objetivo:

Figura 1 - Esquema dos programas do MEC de 2003 - 2011



Fonte: Manfredi (2017)

Da figura 1, destaca-se o programa Brasil Profissionalizado (2007), estabelecido pelo decreto n. 6.302/2007, cuja proposta era fomentar ações que visassem à

expansão, ampliação e modernização das escolas das redes estaduais de Educação Profissional e Tecnológica, com a finalidade de expandir e ampliar a oferta de cursos técnicos de nível médio, principalmente do ensino médio integrado à educação profissional e tecnológica. (Ministério da Educação).

O programa seria executado a partir da destinação de verbas da união para os estados, que também precisariam lançar mão de seus próprios recursos para manter suas redes (Manfredi, 2017).

Nesse contexto, nasce a rede de EEEPs do estado do Ceará, instituída pela Lei estadual nº 14.273, de 19 de dezembro de 2008, sob o governo de Cid Gomes. Do ano de sua implementação a 2023 foram inauguradas 131 escolas dessa modalidade e, segundo Manfredi (2017, p.170), até 2011, o crescimento do número de matrículas atingiu a faixa de 1.109,4% no estado.

Obviamente, não se pode acreditar que todos esses jovens estão recebendo em todos os momentos uma educação como a prevista nos documentos base, que considera as várias dimensões do indivíduo, que tem o trabalho como princípio educativo, que busca integrar trabalho, ciência e cultura. No entanto, é inegável o avanço dessa pauta. A luta pelo pleno estabelecimento desses preceitos deve continuar, encampada principalmente pelos profissionais que diariamente vivem a Educação Profissional e veem nela a possibilidade da transformação social.

Os jovens trabalhadores encontraram nessas escolas uma matriz curricular dividida da seguinte forma: 1) base nacional comum, igual para todos os estudantes; e 2) disciplinas de formação profissional, que variam de acordo com cada curso profissionalizante. Além desses estudos, ao longo dos três anos do ensino médio, são ofertadas mais quatro disciplinas voltadas à formação profissional e empreendedora, a saber: Mundo do Trabalho, Formação para a Cidadania, Projeto de Vida e Empreendedorismo (Ribeiro, 2020, p.1025).

Ao final da 3ª série, os alunos realizam o estágio curricular, estabelecido pela Lei 11.788/2008. Embora não estivesse previsto no texto a remuneração por parte do estado ou das empresas concedentes, o poder público estadual decidiu remunerar o estágio a partir do Decreto estadual 30.933, de 29 de junho de 2012, para que os estudantes vivenciem a experiência de trabalho no seu campo de atuação. Cada estudante de EEEP dedica entre 250 a 600 horas - a depender do eixo em que se insere o curso técnico – ao trabalho em uma instituição, na maioria das vezes, privada. Desse modo, não se pode deixar de observar que o estado investe muito dinheiro público para conceder força de trabalho a empresas privadas.

As EEEPs trazem outra especificidade: adotam um modelo de gestão intitulado Tecnologia Empresarial Socioeducacional (TESE), que objetiva utilizar ferramentas gerenciais próprias de empresas em escolas (ICE, 2011). Partem do pressuposto de que as instituições escolares são mal geridas e por essa razão apresentam resultados insatisfatórios. Matos (2018, p 29), no entanto, afirma que

ao analisarmos a questão da educação pública brasileira a partir da macroestrutura social-político-econômica, rapidamente podemos entender que as problemáticas do sistema de educação têm como cerne a própria lógica neoliberal implementada também nas instituições escolares (Matos, 2018, p. 29).

Para a autora, o que é sugerido como a receita de sucesso das escolas públicas, é na verdade a causa dos problemas e continua:

Não deve ser uma surpresa a constatação de que a ideologia neoliberal tem como forte estratégia a apropriação de todos os mecanismos de reação e resistência da humanidade ao modelo societário explorador e mercadológico em que vivemos. Portanto é necessário bastante conhecimento crítico acerca dos objetivos reais e daqueles produzidos pelo capitalismo à educação pública em nosso país (Matos, 2018, p. 29).

As bases que fundamentam esse modelo de gestão - principalmente ao sintetizar seus princípios e objetivos com expressões, como “Educa pelo trabalho - mais prática que

teoria” (ICE, p.8) - vão de encontro à concepção de formação integral, omnilateral, humanista relativos à educação socialista, discutida por autores como Ciavatta (2014), Frigotto (2009) e Ramos (2014), que defendem a indissociabilidade entre educação e trabalho, a utilização do trabalho como princípio educativo, especialmente no ensino médio, no eixo profissional e tecnológico.

Essa proposta de integração, embora prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) e nos documentos base de orientação da Educação Profissional do Brasil tem encontrado desafios para a sua efetivação, como a instituição de modelos de gestão como a TESE, demonstrando que a histórica dualidade entre educação e trabalho, não se desfará apenas com a criação de leis, embora sejam importantes.

A análise do percurso histórico da Educação Profissional no Brasil demonstra que as políticas voltadas para essa modalidade são sempre alvo de complexos conflitos entre as classes que disputam o poder e a direção econômica e política da sociedade (Ramos, 2014, p. 8).

A EEEP Alan Pinho Tabosa, 75ª escola da rede a ser inaugurada - apesar dos desafios compartilhados por todas as instituições de Educação Profissional, enfrentados pelo fato de estas estarem inseridas no contexto do capitalismo - tem demonstrado, principalmente por ter sofrido influência de um movimento social (Matos, 2018), que oferece uma formação para além das simples demandas do mercado de trabalho e este estudo poderá dar visibilidade às suas práticas.

## **2.2 Aprendizagem Cooperativa e Solidária**

A compreensão da concepção de Aprendizagem Cooperativa e Solidária que é uma marca da EEEP Alan Pinho Tabosa e que está presente no seu Projeto Político Pedagógico (PPP) é fundamental para que os leitores desta pesquisa realizem as devidas conexões entre as informações coletadas, uma vez que a vivência da metodologia permeia muitas questões associadas às memórias dos estudantes e dos professores nessa

instituição. Para explicá-la, recorrer-se-á a autores como Queiroz (2022), Andrade (2019), Johnson, Johnson e Holubec (1993), Lopes e Silva (2009) e Matos (2018).

### **2. 2.1 Origem da Aprendizagem Cooperativa e Solidária**

A Aprendizagem Cooperativa e Solidária foi sistematizada por lideranças do PRECE, um movimento estudantil iniciado na década de 1990 no interior do Ceará, em uma comunidade rural do município de Pentecoste. Andrade (2019) explica que lá um grupo de sete estudantes fora da faixa etária escolar, liderados por um professor da Universidade Federal do Ceará (UFC), com origem na comunidade, reuniu-se numa casa de farinha abandonada para estudar junto a fim de que seus integrantes concluíssem os estudos básicos por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA), estudando os módulos e realizando as provas. Ao final de dois anos, um dos jovens prestou vestibular para a UFC e foi aprovado em 1º lugar. Essa aprovação serviu de motivação para outros e logo o número de aprovados aumentou. Os “precistas” universitários tornaram-se multiplicadores, retornando à comunidade aos finais de semana para apoiarem os crescentes grupos, posteriormente chamados de células, possibilitando a novos estudantes a entrada no programa e também na universidade (Andrade, 2019).

Com o crescimento do movimento, foram organizadas associações estudantis distribuídas em diversas comunidades do município de Pentecoste, de municípios vizinhos e também da capital. A expansão do programa o levou a espaços de educação formal, como a universidade e as escolas públicas, o que “exigiu que a metodologia fosse organizada e ‘teorizada’, atribuindo nomes e conceitos àquilo que vinha há anos sendo transmitido de um ‘precista’ para outro” (Queiroz, 2022, p.74).

No processo de institucionalização do PRECE, as lideranças do movimento constataram que as experiências de estudos em grupo na comunidade se assemelhavam à Aprendizagem Cooperativa, metodologia estudada pelos norte-americanos David W. Johnson e Roger T. Johnson em 1975, descrita a seguir a partir da organização de Lopes e Silva (2009).

De acordo com Johnson, Johnson e Holubec (1993, apud Lopes e Silva, 2009, p.3), a Aprendizagem Cooperativa pode ser entendida formalmente como um método ou estratégia de ensino baseada na interação social, que consiste na utilização de pequenos grupos, de tal modo que seus membros trabalhem em conjunto para maximizarem sua própria aprendizagem e a dos demais colegas. Envolve um trabalho em grupo estruturado,

frequentemente heterogêneo, para que todos os alunos interajam, troquem informações e possam ser avaliados de forma individual pelos seus trabalhos.

Johnson, Johnson e Holubec (1993, apud Lopes e Silva, 2009, p.15) afirmam que para que uma aula seja cooperativa, é necessário que haja cinco elementos, a saber: a *interdependência positiva*; a *responsabilidade individual e de grupo*; a *interação promotora*; as *habilidades sociais* e o *processamento de grupo*.

A *interdependência positiva* é o núcleo da Aprendizagem Cooperativa. Consiste em criar condições para que os estudantes se ajudem mutuamente, de modo que um estudante dependa um do outro para terem sucesso na atividade.

A *responsabilidade individual e de grupo* trata-se de um elemento que preconiza a ideia de que para se alcançar os objetivos, cada membro será responsável por cumprir sua parte do trabalho. Assim, o sucesso do grupo é o resultado dos esforços individuais.

A *interação promotora* consiste na promoção do sucesso do outro por meio da ajuda, do apoio, do encorajamento, do envolvimento com a aprendizagem do colega.

As *habilidades sociais* dizem respeito a competências interpessoais, as quais devem ser ensinadas com a mesma seriedade com que se ensina os conteúdos das matérias escolares, porque são imprescindíveis ao trabalho em grupo. Alguns exemplos de habilidades são falar em tom de voz suave, esperar a sua vez de falar, pedir e oferecer ajuda, liderar conflitos de maneira positiva.

O *processamento de grupo* consiste na avaliação realizada pelo próprio grupo sobre o alcance de suas metas e sobre as relações estabelecidas durante o trabalho. O processamento de grupo deve ser realizado ao final de cada aula, assim os alunos podem analisar a forma como estão trabalhando juntos e como podem aumentar a eficácia do grupo.

Para a sistematização de uma proposta metodológica que fosse aplicável em um espaço formal de educação, a Aprendizagem Cooperativa como organizaram os irmãos Johnson parecia uma boa opção, no entanto, sozinha, não carregava a essência do movimento PRECE, que alcançou resultados positivos a partir de experiências de solidariedade e de protagonismo estudantil.

Assim, a proposta de uma metodologia de Aprendizagem Cooperativa e Solidária foi se construindo pouco a pouco por lideranças do movimento, combinando as estratégias dos Johnson e os princípios do PRECE (Queiroz, 2022).

## 2.2.2 As cinco premissas da Aprendizagem Cooperativa e Solidária

A partir de entrevistas com o idealizador do movimento PRECE e com o diretor da EEEP Alan Pinho Tabosa e de materiais pedagógicos e bibliográficos utilizados em formações relacionadas à metodologia, Queiroz (2022) apresenta a concepção da Aprendizagem Cooperativa e Solidária, que se baseia em cinco premissas, a saber: *educação emocional; autodeterminação dos estudantes; aprendizagem cooperativa; parceria professor-estudante para a formação de liderança estudantil e solidariedade*. Essas premissas dão embasamento a diversas práticas que devem permear o cotidiano da escola. Na EEEP Alan Pinho, que desde a sua inauguração tem sido o laboratório dessas práticas pedagógicas, “para cada premissa, a escola possui pelo menos uma estratégia para promovê-la de forma mais enfática em sua rotina” (Queiroz, 2022, p.89).

### 2.2.2.1 Educação Emocional

A *educação emocional*, que é colocada como a primeira premissa, nasce a partir da noção de inteligência emocional, discutida inicialmente por autores como Mayer, Savey e Goleman. Para Goleman (2003), essa competência está relacionada à capacidade que o indivíduo tem para se automotivar e superar as suas frustrações, para gerenciar seus impulsos, para regular o seu estado de espírito, fomentando sentimentos como a empatia e a esperança. Para ele, a educação deve evoluir no sentido de educar para as emoções, uma vez que as competências emocionais são passíveis de serem aprimoradas. Juan Casassus (2009) também defende uma escola com espaço para as emoções ao afirmar que um clima emocional agradável é um fator determinante para que a aprendizagem aconteça. Esse clima é resultado dos vínculos estabelecidos entre os sujeitos do processo educativo.

Cardeira (2012) entende que a educação emocional no ambiente escolar tem como objetivo atuar preventivamente, pois ao adquirir competências intra e interpessoais o aluno é “capaz de avaliar, expressar e adequar as suas emoções, comportamentos e atitudes” (Cardeira, 2012, p.8).

Na EEEP Alan Pinho Tabosa, de acordo com Queiroz (2022), uma das estratégias utilizadas para estimular a criação de um espaço favorável às boas emoções é a *contação de histórias de vida* envolvendo toda a comunidade escolar. Essa contação ocorre no

início de cada ano letivo a partir de oficinas e também, de forma esporádica, durante as aulas.

A educação emocional nas escolas é uma necessidade do tempo presente e a sua consolidação enquanto cultura constitui um grande desafio, mas é importante que as instituições estejam sempre caminhando em sua direção, estejam sempre buscando estabelecê-la com o mesmo afincamento com que buscam bons resultados cognitivos. Assim, conforme Goleman (2003), os resultados acadêmicos virão em decorrência dela e ao longo da vida, a competência adquirida ou aprimorada na escola pode ajudar os indivíduos a desempenharem melhor os papéis de pais, profissionais, cônjuges etc.

#### **2.2.2.2 Autodeterminação**

A segunda premissa da Aprendizagem Cooperativa e Solidária, segundo Queiroz (2022), é a *autodeterminação* dos estudantes. Para a autora, esse termo é compreendido a partir da junção de quatro conceitos. O primeiro deles é o de *autonomia intelectual*, que se refere à predisposição do estudante para entender o que precisa ser feito em relação à sua aprendizagem e saber a forma mais efetiva de desenvolvê-la; o segundo é o de *autorresponsabilidade*, que é compreendido como um compromisso pessoal de ir além da consciência da realidade que o cerca, implicando em atitudes e ações; o terceiro conceito é o *sentimento de autoeficácia*, que está relacionado “à autopercepção ou julgamento que o indivíduo faz sobre suas capacidades de realizar algo” (Queiroz, 2022, p. 91); e o quarto e último é a *perseverança*, que é entendida como a atitude de permanecer fazendo o que precisa ser feito até que se tenha concluído a tarefa.

A EEEP Alan Pinho Tabosa “para fomentar a *autodeterminação* dos estudantes possibilita alguns tempos e espaços escolares flexíveis para o estudo autônomo e auto orientado, seja individual ou grupal” (Queiroz, 2022, p. 93).

A premissa da *autodeterminação*, assim como as demais que compõem a Aprendizagem Cooperativa e Solidária faz referência à vivência educacional do PRECE, cujos estudantes, acometidos pelas dificuldades financeiras e estruturais, foram desafiados a enxergar as transformações que os estudos poderiam realizar em suas vidas e na comunidade e a trabalharem para que elas acontecessem, para alcançarem o que Freire (1997, p.106 - 107) chama de “inédito-viável”, definido como “categoria que encerra nela toda crença no sonho possível”. Para o autor, quando os seres conscientes

conseguem superar os obstáculos, “situações-limites”, que os fazem “ser-menos”, o “inédito-viável” se concretiza e os indivíduos alcançam o “SER-MAIS”.

### 2.2.2.3 *Cooperação*

A terceira premissa a ser descrita por Queiroz (2022) é a *cooperação*. Essa premissa parte do princípio de que os estudantes devem aprender uns com os outros e não somente com os seus professores. Está fundamentada principalmente nos estudos de Johnson e Johnson (2011), segundo os quais são necessários cinco elementos para que a cooperação ocorra de forma efetiva. São eles: interdependência positiva, responsabilidade individual, interação promotora, habilidades sociais e processamento de grupo. Assim, para que uma aula seja de fato cooperativa é preciso garantir que tais elementos estejam presentes (Lopes e Silva, 2009). Esta responsabilidade cabe ao professor, que em seu planejamento deve se certificar de que está promovendo “as relações cooperativas entre os estudantes em sala de aula” (Queiroz, 2022, p. 94).

A partir da sistematização da Aprendizagem Cooperativa proposta pelos irmãos Johnson, um grupo de professores da EEEP Alan Pinho Tabosa elaborou uma técnica de transição entre a metodologia cooperativa e a tradicional para que profissionais e estudantes se adaptassem melhor ao novo modelo de ensino. Essa técnica, chamada de ETMFA, traz ao longo do seu desenvolvimento os elementos da Aprendizagem Cooperativa e está dividida em 5 etapas, cujas iniciais formam a sigla (Matos, 2018).

A primeira delas é a *exposição inicial*, que “tem como objetivo expor brevemente o conteúdo que será estudado, a fim de que os estudantes se motivem a continuar o conhecimento nas outras etapas da aula” (Matos, 2018, p. 58). O tempo para esta etapa pode ser de até 30% do tempo total da aula. Os recursos a serem utilizados ficam à escolha do professor, que também é livre para decidir não realizar exposição, “dedicando mais tempo ao trabalho com os estudantes” (Matos, 2018, p. 58).

A segunda etapa é a *tarefa individual*, que se trata do momento em que cada estudante deve realizar individualmente uma atividade que esteja relacionada ao aprendizado da equipe. Matos (2018, p.59) ressalta a importância desta etapa para os demais: “após a execução individual dessa tarefa, o grupo precisará necessariamente compartilhar o conhecimento adquirido a fim de que a próxima etapa seja também bem sucedida, por isso o estímulo na responsabilidade individual, um dos cinco elementos da Aprendizagem Cooperativa”.

*Meta coletiva* é a etapa de número 3 e consiste em um trabalho que deve ser desempenhado coletivamente a partir do conhecimento adquirido na etapa anterior. “É fundamental que a meta coletiva seja um produto (um cálculo, um resumo, uma tabela preenchida, uma encenação, um projeto) e, de preferência, recebida pelo professor ao final da aula, que deverá sempre valorizar as equipes que concluírem a atividade” (Matos, 2018, p. 59).

Encerrando a sequência da aula, tem-se o *fechamento*, que consiste em um momento de conclusão das etapas anteriores, em que o professor tira dúvidas dos estudantes, corrige exercícios realizados na tarefa individual e na meta coletiva.

A quinta e última etapa é a *avaliação individual*, que objetiva verificar se o aluno conseguiu aprender o conteúdo estudado e se a cooperação se estabeleceu em cada grupo (Matos, 2018). A autora descreve como se dá o processo de avaliação na EEEP Alan Pinho Tabosa:

o formato da avaliação individual é padronizado, são cinco itens ou cinco questões de múltipla escolha que os estudantes resolverão e obterão um resultado de zero a cinco, onde a meta pretendida é de no mínimo três pontos. Essa avaliação tem função também de atribuição de notas, assim, os alunos têm a oportunidade de comporem suas médias ao longo do bimestre, conteúdo a conteúdo, e não apenas na “semana de provas”, como tradicionalmente acontece no sistema escolar (Matos, 2018, p.59).

Além destas cinco etapas da aula, Matos (2018) apresenta outras especificidades do trabalho cooperativo, que consiste na realização do contrato de cooperação, uma espécie de acordo firmado pelos grupos, e na divisão de papéis ou funções que deverão ser assumidos pelos integrantes dos grupos. “Alguns exemplos de funções do grupo cooperativo são: relator, guardião do contrato, controlador do tempo, coordenador da célula, entre outras” (Matos, 2018, p.59).

A cooperação é uma das premissas mais importantes dessa metodologia porque estimula a autonomia e favorece a integração entre os estudantes, além de potencializar a aprendizagem pelo fato de os estudos tornarem-se mais significativos.

#### **2.2.2.4 Parceria professor-estudante para a formação de liderança estudantil**

A quarta premissa da Aprendizagem Cooperativa e Solidária é chamada *parceria professor-estudante*. Queiroz (2022) considera que essa premissa busca criar espaço para que o estudante contribua com a implantação das diferentes estratégias de aprendizagem. Na EEEP Alan Pinho Tabosa, ela é desenvolvida a partir da formação de lideranças

estudantis, que se dá, em primeiro lugar, por meio da vivência na escola - uma vez que os estudantes são desafiados e estimulados diariamente a assumirem posições de lideranças em variados projetos – das estratégias metodológicas que favorecem o protagonismo estudantil e dos cursos de formação de Lideranças Cooperativas e Solidárias, ofertados na primeira semana de aula para as turmas ingressantes e ao longo do ano, como itinerário formativo, prioritariamente para estudantes coordenadores de células.

Apesar de todo espaço dado aos estudantes, Queiroz (2022) ressalta que o professor tem um papel fundamental para que essa parceria seja estabelecida. É dele a responsabilidade de viabilizar as condições necessárias para que as práticas protagonistas ocorram de forma a dar bons frutos. Cabe ao professor valorizar o potencial criativo de seus estudantes, oferecendo-lhes apoio e feedback sobre seus erros e acertos.

#### **2.2.2.5 Solidariedade**

A quinta e última premissa é a *solidariedade*, a qual consiste na atitude de oferecer ajuda a quem precisa superar dificuldades. Queiroz (2022, p. 97) afirma que

Uma referência utilizada para expressar essa dimensão vem da vivência dos estudantes “precistas” que mesmo após alcançarem seus objetivos pessoais, como o ingresso no ensino superior, retornavam ao grupo de estudo para viabilizar o ingresso dos demais colegas. Essa atitude de voltar atrás em um gesto altruísta é a essência da solidariedade aqui descrita (Queiroz, 2022, p. 97).

Não é possível compreender a noção de solidariedade no contexto dessa metodologia sem associá-la ao movimento PRECE, que influenciado pelo pensamento freiriano levou os seus estudantes a assumirem o compromisso e a responsabilidade política e social de não deixar o outro para trás. Freire (2014, p. 80 - 82) ressalta a importância da luta pela solidariedade mesmo antes da superação da sociedade de classes:

[...] Não consigo imaginar o mundo melhorando se nós não adotarmos, realmente, o sentimento da solidariedade e não nos tornarmos imediatamente um grande bloco de solidariedade. [...] Na perspectiva de algumas pessoas da esquerda, nós deveríamos primeiro transformar radicalmente as estruturas materiais da sociedade para poder atuar sobre a superestrutura e somente com estas transformações estruturais concretizadas nós poderíamos ver a realização da solidariedade [...], assume-se que no dia seguinte ao da promoção destas mudanças estruturais profundas, teríamos um novo homem e uma nova mulher, e nós poderíamos instaurar a solidariedade na sociedade. [...]. Nós precisamos restaurar e inventar de novo o poder local. Restaurar e reinventar o poder local significa criar possibilidades diferentes que tornem possível a experiência da solidariedade. [...] (Freire, 2014, p.80-82).

Na EEEP Alan Pinho Tabosa, essa premissa é desenvolvida a partir do encorajamento dos discentes a serem melhores “para a turma”, e a escola a ser melhor “para a comunidade” (Queiroz, 2022, p. 97). Além disso, eles são estimulados a utilizarem suas habilidades em projetos de benefício coletivo (Queiroz, 2022).

A utilização da Aprendizagem Cooperativa e Solidária evidencia que essa instituição escolar tem resistido a modelos excludentes de educação e tem buscado construir uma cultura de humanidade e de formação de sujeitos conscientes de sua realidade, capazes de oferecer sua contribuição para transformá-la. Esta pesquisa buscará preservar a memória não simplesmente da EEEP Alan Pinho Tabosa, mas desse modelo de escola, que poderá permanecer em sua essência na instituição mesmo quando nenhum de seus idealizadores estiverem mais presentes.

### 2.3 Memória: uma forma de manter vivas as instituições escolares

Jorn Rüsen (2009) nos afirma que a memória faz o passado tornar-se vivo e significativo e o transforma em parte essencial da orientação cultural da vida presente. Talvez essa seja a principal razão pela qual haja a necessidade de se preservar experiências passadas, mas não a única. Para Candau (2012, p.16) “é a memória, faculdade primeira, que alimenta a identidade”. A construção da identidade de um grupo é um fator importante principalmente dentro de organizações escolares. Nessas instituições, para Magalhães (apud Souza, 2001), as pessoas que fazem parte de sua constituição são as portadoras da memória. Mas o que vem a ser “memória”?

Le Goff (1990) a define

como propriedade de conservar certas informações. Remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (Le Goff 1990, p.423).

Essa definição parece colocar a memória apenas no nível individual, mas o mesmo autor traz também o conceito de memória coletiva que para ele é “o que fica do passado vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado” (Le Goff, 1990, 472), tal tipo de memória não deve ser confundida com a história, mas pode ser uma importante fonte para a sua construção, uma vez que ao serem compartilhadas publicamente possibilitam saber o que é lembrado, evidenciando fenômenos da história (Burke, 1992). Costa *et al.* (2020) complementam:

Desse modo, uma memória compartilhada se baseia num olhar para o passado, ancorada nos interesses e visões do mundo presente. Essa ação pode ser desprovida de senso crítico e sem método? Acredita-se que no passado a memória carregava um estigma de uma informação sem senso crítico e ausente de método. Tal prerrogativa parece que vem sendo superada, pois uma parte dos historiadores seguidores da Nova História e da História Cultural, a concebem como mais uma fonte de pesquisa de dados usados para os estudos de abordagem histórica (Costa *et al.* 2020, p.9).

Halbwachs (1990) também concebe que há a memória individual e a coletiva, sendo a primeira um traço marcante da segunda. Para ele, a memória de um indivíduo é resultante das memórias dos grupos sociais dos quais participa e com os quais estabelece uma relação de comunidade de pensamentos. Tal grupo se faz presente para o indivíduo na medida que retoma os pensamentos e as vivências comuns aos seus integrantes e não necessariamente com sua presença física. As relações sociais constituídas dão vitalidade às imagens que formam a lembrança: “se nossa impressão pode apoiar-se não somente

sobre nossa lembrança, mas também sobre a de outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias.” (Halbwachs, 1990, p.25). Assim, a memória é resultante de um processo coletivo.

Cardini (1993), ao analisar a visão de Halbwachs sobre a relação entre história e memória, sintetiza:

(...) a grande protagonista da história é a memória coletiva, que tece e retece, continuamente, aquilo que o tempo cancela e que, com a sua incansável obra de mistificação, redefinição e reinvenção, refunda e requalifica continuamente um passado que, de outra forma, correria o risco de morrer definitivamente ou de permanecer irremediavelmente desconhecido (Cardini, 1993, p.21).

Costa *et al.* (2020) afirmam, na mesma perspectiva de Halbwachs, que “O campo da História da Educação, especificamente, o da História da Educação Profissional, elegem o trato das memórias para a operação da escrita da história do trabalho”, evidenciando a importância que as memórias têm para a construção da história da educação profissional e conseqüentemente para a formação do trabalhador.

Ciavatta (2005) sugere que as escolas sejam transformadas em lugares de memória, para que consigam compreender sua história e reafirmar sua identidade e, desse modo, possam ser capazes de construir seu projeto político-pedagógico de forma orgânica e oferecer uma formação integrada. A autora acredita que a escola, por ser um espaço ocupado por crianças e jovens, indivíduos para os quais a percepção do passado não é muito presente, tende a ser um lugar de memória frágil. Esse quadro, todavia, muda ao longo dos anos:

No entanto, esse sentimento aflora com o passar do tempo e até a vivência com os colegas de infância e de juventude tornam-se, mais tarde, densos “lugares de memória”, contribuindo para a construção de uma identidade singular e, ao mesmo tempo, coletiva, como pertencimento a um tempo, a um grupo com as marcas desse tempo (Ciavatta, 2005 p.11).

Esse processo levará os indivíduos que integram a instituição a se reconhecerem “como sujeitos sociais coletivos com uma história e uma identidade própria a ser respeitada em qualquer processo de mudança” (Ciavatta, 2005. p.13). Assim, o resgate da escola como um lugar de memória, que reúna as lembranças de pessoas e de momentos significativos pode ser uma ferramenta pedagógica muito importante.

Ciavatta (2005) acredita que documentos, fotografias, papéis e objetos podem fomentar “a perspectiva de uma escola e de uma formação integrada e mais completa para os mais jovens, em reconhecimento e orgulho de si mesmos como mestres” (p. 14).

Mais tarde, Ciavatta (2009) vai abordar a importância da fotografia, especificamente para a evocação de memórias, principalmente associadas aos significados de trabalho: “Consideramos as fotografias mediações históricas dos processos educativos que preparam para o trabalho. Elas registram atividades que se enraízam nas relações sociais mais amplas, na totalidade social em que se articula” (p.45). Conceber a fotografia como mediação significa ter uma visão historicizada em que a busca pelo conhecimento acerca dos objetos singulares e dos acontecimentos deve ser associada às relações sociais que os constituem no tempo e no espaço.

Le Goff (1990) afirma que a fotografia é uma das mais significativas manifestações da memória coletiva, pois dá à memória precisão e verdade visuais, fazendo com que ela seja guardada da evolução do tempo.

Cândido, Jucá e Silva (2020), ao relacionar memória e imagem, afirmam que nas instituições escolares, as fotografias “inserem-se no presente, trazendo registros de eventos significativos para o grupo de alunos, professores, funcionários que vivenciaram aquele período, configurando-se como um instrumento de recordação e memória” (p.34). Assim, as imagens, por remeterem a atividades realizadas em épocas diferentes e por trazerem elementos do cotidiano escolar e informações sobre os espaços de aprendizagem e sobre formação, são importantes fontes de pesquisa para trabalhos de construção de memórias. No entanto, Ciavatta (2009) adverte que a fotografia por si só não fala sobre tudo:

Necessitamos de outras fontes documentais para identificá-la no tempo e no espaço, de modo a saber quem a produziu, a preservou, como está sendo utilizada, com que finalidades. Precisamos proceder a um processo de intertextualidade, isto é, de leitura das fotos recorrendo a outros textos para sua compreensão como fonte histórica (Ciavatta, 2009, p.46).

Evidencia-se aqui a necessidade de se cruzar diferentes fontes documentais para se alcançar maior compreensão dos fatos. Assim, este trabalho buscou compreender o processo de construção histórica da EEEP Alan Pinho Tabosa como escola de Aprendizagem Cooperativa e Solidária - por meio do acervo documental da escola, no qual se inserem também as fotografias, e das narrativas dos sujeitos que vivenciaram diferentes experiências na instituição. Como resultado, produziu-se também um “lugar de memória”, que consistiu em uma exposição memorialística da instituição.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa pode ser classificada quanto ao tipo como aplicada. Para Marconi e Lakatos (2002), os resultados deste tipo de pesquisa devem ser aplicados imediatamente na solução de problemas que ocorrem na realidade. Neste caso, os conhecimentos do estudo foram utilizados na prática com a elaboração do produto educacional, que tem como objetivo geral fortalecer a identidade da instituição como um espaço de Aprendizagem Cooperativa Solidária e fomentar o sentimento de pertencimento da comunidade em relação à escola e, como objetivo específico, substanciar a história da EEEP Alan Pinho Tabosa em fotografias, vídeos, relatos e objetos, selecionados a partir da perspectiva das memórias de professores e de estudantes da instituição.

Quanto à técnica, optou-se pela pesquisa documental e pela história oral, considerando que uma fonte pode complementar a outra. Garrido (1993, p. 39) afirma que

Um dos aspectos mais interessantes do uso de fontes orais é que não apenas se chega a um conhecimento dos fatos, mas também à forma como o grupo os vivenciou e percebeu (...). Esta aproximação crítica ao testemunho oral consegue-se mediante dois procedimentos de caráter interativo: um, com a documentação escrita existente, e outro, com o resto do corpus de documentos orais. Daí a importância de se estabelecer uma relação dialética entre os diversos tipos de fontes (Garrido, 1993, p. 39).

O autor enfatiza a importância da interação entre esses procedimentos para se alcançar o conhecimento verdadeiro dos fatos. No entanto, a história oral pode oferecer informações que vão além dos simples fatos e que são imprescindíveis para a construção da história de grupos sociais. Errante (2000, p. 146) afirma que “as histórias orais acrescentam uma dimensão não-oficial inestimável” às pesquisas com a história da educação, pois trazem a visão dos sujeitos que participaram do processo, evidenciando as experiências vividas no cotidiano escolar, que muitas vezes não estão colocadas em documentos oficiais.

Na coleta de dados documentais, além da análise de documentos da esfera administrativa, foi realizada uma pesquisa em sites de notícias locais para buscar compreender o impacto da chegada da escola no município. Também se explorou documentos “retrospectivos” (Marconi e Lakatos, 2002, p. 59), como fotografias, e produções audiovisuais do acervo da escola e também do Memorial do PRECE que

puderam ajudar a reconstituir espaços de interação e eventos importantes para a memória da instituição.

Para a obtenção das histórias orais, optou-se pelas entrevistas semiestruturadas a serem realizadas com estudantes egressos (Apêndice A), professores que trabalham na instituição (Apêndice B e C) e gestores (Apêndice D e E). Esse modelo permite o surgimento de “questões complementares, que emergem ao longo da realização das entrevistas, visam tanto esclarecer quanto coletar informações adicionais e mais detalhadas a respeito de algum aspecto do relato do participante” (Guazi, 2021, p.2). Nas entrevistas realizadas a partir de meados do mês de março de 2025, algumas das perguntas inicialmente colocadas pela autora não foram utilizadas, dando lugar a outras, a partir da interação com os participantes, mais relevantes para atender aos objetivos.

Com os dados coletados, deu-se início à análise e à organização das narrativas de modo a construir um texto de leitura simples e fluida e ao mesmo tempo responder às questões da pesquisa. Para isso, seguiu-se o roteiro proposto por Nosella e Bufa (2008) o qual se apresenta na seguinte estrutura: *criação e implantação da escola*, item que deverá conter “as articulações políticas e as justificativas apresentadas pelos seus propositores” (Nosella e Bufa, 2008, p. 28); *evolução da escola*, a qual “deve mostrar as continuidades e as mudanças ocorridas na escola, desde sua implantação até o momento que o pesquisador definiu como o período a ser estudado” (Nosella e Bufa, 2008, p. 28); *vida na escola*, tópico que, para os autores, deve considerar tanto os aspectos físicos da instituição como as experiências de professores e alunos e o “clima cultural”; por último, *trajetórias de ex-alunos*, item que deverá apresentar “trajetórias escolares e profissionais”, pois a partir delas será “possível avaliar o significado social da escola”. Para os autores, “as trajetórias, ainda que pessoais, revelam a natureza de uma escola e da sociedade em que os formandos se inserem” (p. 28).

### **3.2 Local da pesquisa**

Esta pesquisa foi desenvolvida na EEEP Alan Pinho Tabosa, em Pentecoste, pequeno município que abriga uma população estimada em 37 mil habitantes e que está localizado a 89 km da capital do estado do Ceará, Fortaleza.

Figura 2 - Localização da cidade de Pentecoste



Fonte: Portal G1 (2014)

Essa escola está sob a gestão da Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação de número 02 (CREDE 02) e atende a aproximadamente 580 estudantes que residem em Pentecoste e em municípios circunvizinhos, pertencentes à região do Vale do Curu, como Apuiarés, São Luís do Curu e General Sampaio.

A instituição foi inaugurada em junho de 2011, compreendendo a 75ª escola da mesma modalidade. A sua proposta curricular objetiva integrar a formação profissional de nível técnico ao ensino médio. Desse modo, na EEEP Alan Pinho Tabosa, são ofertados quatro cursos: Agroindústria, Aquicultura, Informática e Química. Esta escola carrega a especificidade de ofertar um curso de ensino regular chamado Acadêmico em que os estudantes da turma não recebem formação técnica.

O corpo docente da instituição conta com um diretor escolar, três coordenadores, um regente de multimeios, uma técnica de laboratório de informática, oito professores da base técnica, sete professores da área de linguagens, quatro de ciências humanas, seis da área de ciências da natureza e três de matemática. A escola também possui uma secretária escolar e um assessor financeiro. Para os demais trabalhos, como os de limpeza, de vigilância, de alimentação, portaria e transporte, conta com trabalhadores terceirizados, que somam quatorze pessoas.

A sua estrutura física segue o modelo padrão das escolas de educação profissional do estado, com 12 salas de aulas para as 12 turmas, laboratórios de informática, línguas, biologia, química, que oferecem suporte para aulas tanto da base técnica como da base comum, quadra poliesportiva, duas salas especiais, auditório, biblioteca, refeitório e anfiteatro. Conta ainda com espaço para trabalho administrativo, em que se encontram a secretaria, salas de coordenação e diretoria escolar e sala dos professores.

Figura 3- Maquete do modelo das escolas de educação profissional do Ceará



Fonte: Construtora Morais Vasconcelos (2019)

Quanto aos aspectos metodológicos, esta escola se destaca por ser a pioneira na utilização da Aprendizagem Cooperativa e Solidária no país, fato que a caracteriza e chama a atenção de pesquisadores da área de educação de universidades brasileiras e estrangeiras e de instituições de empreendedorismo social.

### **3.3 Participantes da pesquisa**

Para atender aos objetivos desta pesquisa foi determinada a escolha de quatro grupos de participantes: estudantes egressos, professores precistas, professores que não participaram do PRECE e gestores.

Do grupo 1, composto por estudantes egressos, os quais estiveram na escola em ciclos diferentes - 2012-2014, 2013-2015, 2014-2016, 2016-2018, 2017-2019, 2018-2020, 2020-2022, 2022-2024 - foram colhidos 11 relatos.

O grupo 2 e 3 foram formados por três professores cada, que participaram do PRECE e que não participaram respectivamente.

O grupo 4 foi composto pelos gestores que atuam na escola desde a sua inauguração e pelo fundador do Movimento PRECE e c gestor da escola no período em que foi implantada.

Os critérios de inclusão para o primeiro grupo foram aceitar participar da pesquisa, assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A), e ter estudado na instituição. Foram excluídos aqueles que não se enquadraram nesses critérios. Semelhantemente, para o segundo e terceiro grupo, foram incluídos aqueles professores e gestores que aceitaram participar, confirmando a sua participação com a assinatura do TCLE.

### **3.4 Aspectos éticos**

Todas as pesquisas que envolvem seres humanos devem ser submetidas ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), segundo a Resolução Conselho Nacional Saúde nº 510/2016, para que os participantes sejam protegidos em sua integridade e dignidade. Assim, este trabalho foi submetido ao Conselho de Ética e Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), por meio da Plataforma Brasil, e obteve parecer de aprovação no dia 11 de março de 2025, sob o número 7.431.385.

Após a aprovação, o convite para a participação no estudo foi estendido aos sujeitos a partir de contato telefônico. Todos que aceitaram participar confirmaram a sua intenção assinando o TCLE. Antes disso, foram apresentados os objetivos da pesquisa e os participantes puderam tirar dúvidas sobre os seus benefícios para a escola e para a educação como um todo. Os sujeitos também foram informados acerca de riscos eventuais, que são considerados mínimos, os quais poderiam ser desconforto em razão de alguma pergunta que pudesse ser constrangedora ou em razão do tempo dedicado à participação na entrevista. Para que esses riscos fossem minimizados, a entrevista pôde ser realizada em horário e local escolhido pelos participantes que também foram avisados que poderiam desistir a qualquer momento sem que fosse necessário apresentar justificativas.

## 4 ENTRE HISTÓRIA E MEMÓRIAS

Esta seção apresenta uma versão da história da EEEP Alan Pinho Tabosa, construída a partir das memórias de gestores, de professores e de estudantes da escola e das análises documentais realizadas. As subseções seguirão o roteiro sugerido por Nosella e Bufa (2008) para a elaboração de histórias de instituições escolares e trarão a narrativa da *implantação da escola* na cidade de Pentecoste; *a evolução da instituição* ao longo de seus 14 anos; *os relatos da vida na escola* e, por último, as suas contribuições para a construção das *trajetórias de vida dos estudantes*. Para redigi-la, recorreu-se às entrevistas realizadas com os gestores da EEEP Alan Pinho Tabosa - que estavam presentes desde a inauguração - com professores e alunos egressos, com o fundador do Movimento PRECE e mentor intelectual da proposta pedagógica da escola, bem como ao seu livro, *À Sombra de Juazeiros*, e a documentos referentes à inauguração, implantação, a gestão da instituição e ao cotidiano escolar.

### 4.1 Criação e implantação: entre um frio conflito político se estabelece a EEEP Alan Pinho Tabosa

No dia 21 de junho de 2011, às 18:44, um famoso blog da cidade noticiava com entusiasmo a inauguração da chamada Escola Profissionalizante de Pentecoste que havia acontecido naquela manhã. As palavras do professor da rede municipal, Valdenir Cruz, na edição do texto pareciam de euforia e esperança:

Pentecoste vive um dia histórico. Hoje foi inaugurada a tão sonhada Escola Profissionalizante. Um projeto do Governo do Estado do Ceará, que em conjunto com as outras esferas de governo, torna-se uma realidade para o nosso município. Creio que todos os pentecostenses devem estar muito felizes por este acontecimento. Tenho certeza que será um marco para a educação de nosso município. Não teríamos motivos para acreditar ao contrário. Uma obra avaliada em 8 milhões de reais é realmente um projeto grandioso. O bom de tudo é que tudo que foi gasto faz jus. Quem esteve presente pode perceber quão espetacular é esta escola. Eu particularmente ainda não tinha entrado em nenhum ambiente privado, que dirá público, com tanto capricho. É realmente espetacular. Nossos jovens agora podem sonhar grande, pois o que parecia distante ficou ao seu alcance. Havia um dia em que poderíamos dizer: “isso é coisa de outro mundo”, quer dizer, longe de nossa realidade. Agora é diferente, está bem ali aguardando todos aqueles que, além de sonhar com um futuro melhor, podem vislumbrar esse sonho. É preciso apenas abraçar o que veio ao seu encontro e seguir adiante que o sucesso com certeza está à sua espera (Moura, 2011).

A alegria que foi expressa nas palavras do autor certamente estava no coração da comunidade que saiu de suas casas sob um forte calor e ocupou o imponente prédio, misturando-se às muitas autoridades que vieram prestigiar a inauguração da EEEP Alan Pinho Tabosa. O que as pessoas que não costumavam participar de grupos de discussões da política local desconheciam é que havia ali um conflito político em torno da gestão do equipamento.

O movimento educacional PRECE que na época já contava com 17 anos de atuação na região, sendo responsável por levar centenas de jovens sertanejos às universidades, conquistou a gestão da escola, que compreendia a 75ª da modalidade profissional inaugurada no Ceará.

O diretor Elton Luz explicou na sua entrevista concedida para a pesquisa que é necessário compreender que as razões para o PRECE ter chegado à direção de uma escola passam por dois fatores principais. O primeiro deles foi a credibilidade conquistada pelo movimento ao longo dos anos:

o PRECE era um movimento de estudantes que já tinha reconhecidamente contribuído para desenvolver a região através da educação, evidenciado pela quantidade de estudantes que havia entrado na universidade e que retornava para contribuir com esse trabalho nas suas comunidades. Então, a rede estadual trata principalmente de ensino médio e tem como um dos objetivos levar estudantes para a universidade. E o movimento PRECE estava conseguindo contribuir para que centenas de estudantes entrassem na universidade. Então, acho que essa credibilidade junto à secretaria veio muito daí. (Diretor Elton Luz, entrevista concedida à autora, 2025, p. 2-3)

O segundo foi a aproximação estabelecida entre PRECE e SEDUC em 2009. Conforme o diretor, nesse ano, o fundador do PRECE, Manoel Andrade, juntamente com um grupo precistas conseguiram uma reunião com a então Secretária de Educação do Estado, Izolda Cela, inicialmente com o objetivo de conseguir ônibus para os universitários que estudavam em Fortaleza e retornavam às comunidades para desenvolver projetos educacionais nos finais de semana. Na ocasião, em que também estava presente o secretário adjunto, Maurício Holanda, eles apresentaram o PRECE para as autoridades e as convidaram para conhecer o Cipó, berço daquele movimento. A respeito desse encontro, Andrade escreveu:

a professora Izolda nos recebeu muito bem e depois de ouvir tudo o que tínhamos para apresentar – o que ela sabe fazer muito bem - me fez a seguinte pergunta: “O que você gostaria de receber da SEDUC?”. Então, eu, prontamente, respondi, que gostaria de algum dia ter a oportunidade de utilizar os princípios e estratégias do PRECE dentro de uma escola pública. Ela então, calmamente, respondeu que não via nenhum impedimento em atender o meu pedido. (Andrade-Neto, 2025, p. 80)

Depois dessa reunião, segundo Andrade-Neto (2025), Maurício Holanda foi ao Cipó para conhecer de perto as coisas sobre as quais ouvira falar. A partir de então, deu-se início a uma parceria entre PRECE e SEDUC: os precistas conseguiram ônibus para viabilizar seu trabalho nas comunidades; Andrade e sua equipe puderam compartilhar a experiência exitosa do PRECE por todo o estado e foi criada uma coordenadoria inspirada no PRECE para levar às escolas estaduais o protagonismo cooperativo e solidário do movimento, a Coordenadoria de Protagonismo Estudantil. Conforme Andrade-Neto (2025):

A primeira atividade que tentamos desenvolver foi a sistematização das estratégias utilizadas pelo PRECE na atuação junto aos estudantes. Nós organizamos um curso de Articuladores de Células Estudantis de Aprendizagem Cooperativa para ser ministrado para estudantes da rede pública de educação. Era o PRECE nas escolas, mas ainda não dentro das salas de aula. O objetivo, a curto prazo, era preparar os estudantes para articularem seus colegas em suas escolas com o objetivo de se organizarem em grupos de estudo no contraturno, utilizando os princípios e as estratégias do PRECE. (Andrade-Neto, 2025, p. 82 - 83)

O curso de Articuladores de Células Estudantis, de acordo com Andrade-Neto (2025), tornou o PRECE conhecido por estudantes e profissionais da educação de todo o estado. Por conta disso, muitos professores começaram a demandar formações para docentes em Aprendizagem Cooperativa, mas o PRECE não tinha experiência de utilização da cooperação em salas de aulas formais, o que poderia diminuir sua credibilidade junto aos professores. Por esse motivo, quando sondado pela secretária de educação sobre a possibilidade de realizarem as formações, Manoel Andrade afirmou que seria muito importante que o PRECE tivesse a experiência de gestão de uma escola em que pudesse aplicar suas práticas. Como havia uma escola de Educação Profissional prestes a ser inaugurada no município em 2011, Andrade perguntou se seria possível o PRECE assumir a sua gestão por meio do Instituto Coração de Estudante<sup>1</sup>, que representa o movimento como organização não governamental. Izolda Cela concordou e, para ela, tudo estava resolvido, mas Andrade sabia que não seria fácil vencer as forças políticas locais.

O bater das asas da borboleta que levou ao efeito do encontro providencial do PRECE com a SEDUC em 2009 foi o fato de a gestão municipal ter suspenso o transporte dos universitários precistas, que fazia a rota de Pentecoste a Fortaleza aos

---

<sup>1</sup> O Instituto Coração de Estudante é uma instituição jurídica sem fins lucrativos fundada para dar suporte organizacional ao PRECE.

domingos, e de Fortaleza a Pentecoste às sextas-feiras. Essa ação inviabilizaria o retorno dos universitários e o desenvolvimento dos projetos educacionais aos finais de semana nas comunidades. Por esse motivo, o PRECE foi buscar apoio com o estado. Para Andrade, a razão do corte do transporte e das relações pelo gestor municipal teria sido a realização do Movimento em Defesa da Escola Pública no ano de 2008:

Nós fizemos o Movimento em Defesa da Escola Pública em 2008, e aí ele não gostou desse movimento, confundiu, achou que a gente estava fazendo um trabalho contra eles na época da eleição, não foi verdade. E aí nós tínhamos aprovado uma emenda no orçamento da prefeitura para o transporte dos nossos estudantes do PRECE para Fortaleza e o retorno para trabalhar nas comunidades. E depois que ele foi eleito, ele cortou. (Manoel Andrade, entrevista concedida à autora, p. 1)

O Movimento em Defesa da Escola Pública objetivava sensibilizar a população para discutir melhorias em prol da educação, e a classe política para assumir um compromisso com a causa. Ramos (2009) explica:

O Movimento em Defesa da Escola Pública foi encabeçado pelo os estudantes secundaristas, universitários e graduados do PRECE que conseguiram mobilizar outras entidades da sociedade civil organizada. O resultado foi a criação de um movimento social apartidário que teve como principal objetivo utilizar o período eleitoral para sensibilizar e mobilizar os eleitores, candidatos a prefeito e a vereador para participarem de debates sobre a educação pública em Pentecoste e construir propostas para melhorá-la. (Ramos, 2009, p. 32)

O movimento desenvolveu diversas ações, entre as quais passeatas, palestras, exibição de filmes para a população na sede de seu comitê. Ramos (2009, p. 33) destaca outras iniciativas importantes, como a parceria com a justiça eleitoral e a promoção de um debate como os candidatos ao cargo do executivo local:

Uma outra iniciativa importante do Movimento em Defesa da Escola Pública foi a parceria com a Justiça Eleitoral no combate à corrupção eleitoral. Foi realizado um trabalho de educação política buscando conscientizar os eleitores dos malefícios que alguns vícios políticos, como a compra de voto, trazem para as comunidades. O Movimento organizou entrevistas e um debate com os candidatos a prefeito, colaborando sobremaneira para as eleições e para o exercício da cidadania dos pentecostenses. (Ramos, 2009, p. 33)

Além dessas iniciativas, segundo Ramos (2009), foi elaborada uma Carta Compromisso com os princípios e proposições do movimento, a qual conseguiu a assinatura de mais de 3 mil pessoas, sinalizando a adesão da população às ideias propostas.

Figura 4 - Passeata do Movimento em Defesa da Escola Pública



Fonte: Memorial do PRECE (2025)

O Movimento em Defesa da Escola Pública trouxe uma tensão para a relação entre PRECE e prefeitura. Os transtornos iniciais de suspensão do transporte universitário evoluíram para uma rivalidade de forças políticas no período em que se iniciou a construção da escola em 2010 e quando começou a circular pela cidade boatos de que o PRECE iria gerir a instituição. Nesse mesmo ano, o prefeito conseguiu, por meio de um deputado estadual aliado, a aprovação da lei que estabelecia o nome da escola como Alan Pinho Tabosa, nome do seu filho, falecido precocemente no fim de 2009.

Figura 5 - Decreto que estabelece o nome da escola

**LEI Nº 14.795, DE 22.09.10 (D.O. DE 23.09.10)**

**Denomina Alan Pinho Tabosa a Escola Estadual de Educação Profissional no Município de Pentecoste.**

O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ  
FAÇO SABER QUE A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DECRETOU E EU SANCIONO A SEGUINTE  
LEI:

**Art. 1º** Fica denominada Alan Pinho Tabosa a Escola Estadual de Educação Profissional no Município de Pentecoste, no Estado do Ceará.

**Art. 2º** Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

**PALÁCIO IRACEMA, DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ**, em Fortaleza, 22 de setembro de 2010.

Cid Ferreira Gomes  
GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ

Iniciativa: Deputado Mauro Filho

Fonte: ALECE (2010)

Andrade-Neto (2025) narra seu sentimento de apreensão:

Quanto mais a construção se aproximava do fim, mais apareciam os boatos de que o grupo do prefeito garantia que a escola não ficaria sob nossa gestão. Disseram-me que chegou a haver apostas sobre isso, porque alguns acreditavam firmemente nesses boatos e outros pensavam ao contrário, mas eu não garantira nada a ninguém, nem mesmo para a nossa equipe.

Um dia, já muito ansioso, fui procurar a professora Izolda para tentar conseguir dela uma garantia e ela disse que eu não me preocupasse com as conversas porque só quem poderia mudar uma decisão dela, à sua revelia, seria o governador e, que até aquela data, isso nunca tinha acontecido. Naquele dia, ela relatou que alguém havia lhe procurado na tentativa de dissuadi-la da ideia de passar a gestão da escola para o PRECE. (Andrade-Neto, 2025, p. 89 e 90).

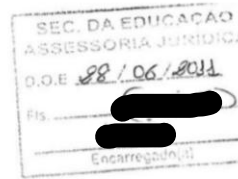
É nesse contexto que entra a UFC. O sentimento de insegurança que assolava as principais lideranças precistas envolvidas nessa luta, fez com que Andrade buscasse apoio numa instituição que ele considerava mais forte. O coordenador Ednaldo Pereira destaca: “mesmo com todo reconhecimento, o PRECE ainda era visto como um movimento de estudante” (Ednaldo Pereira, entrevista concedida à autora, p.2). Assim, Andrade, segundo seu livro de memórias, procurou a professora Izolda e propôs que a pessoa jurídica que representaria o PRECE fosse substituída: no lugar do Instituto Coração de Estudante, assumisse a Universidade Federal do Ceará, a qual deveria ser cogestora da escola. Para o coordenador Ednaldo Pereira, “trazer a UFC para a parceria não parecia difícil, pois já havia uma relação do PRECE com ela” (p. 3). O fundador do PRECE integrava seu corpo docente e essa universidade já havia reconhecido o movimento como projeto de extensão no ano de 1998.

A partir da resposta positiva da Secretária de Educação, Andrade levou a proposta de parceria com a SEDUC para o vice-reitor da UFC, Henry Campos, e ele:

como um grande entusiasta do envolvimento da universidade com a educação básica, aceitou prontamente, e se comprometeu a conseguir a anuência do então Reitor, Professor Jesualdo Farias. Elaborei uma proposta de parceria onde constava que a Universidade indicaria três professores para serem os coordenadores por parte da Universidade, enquanto o gestor da escola e os dois coordenadores seriam nomeados pela SEDUC para assumirem essas funções. (Andrade-Neto, 2025, p. 91)

Figura 6 - Termo de Parceria entre UFC e SEDUC

Número do documento livre: 1055677 - SEDUC



O ESTADO DO CEARÁ, através da SECRETARIA DA EDUCAÇÃO, neste ato representada pela Sra. MARIA IZOLDA CELA DE ARRUDA COELHO, Secretária da Educação e a UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC, neste ato representada pelo seu Reitor, JESUALDO PEREIRA FARIAS. CONSIDERANDO o compromisso da UFC com o desenvolvimento da Educação Básica do Estado do Ceará e com o desenvolvimento equânime de todos os municípios da região cearense, através da interiorização de suas ações de ensino, pesquisa e extensão; CONSIDERANDO que existem muitos estudantes de graduação, pós-graduação e profissionais já graduados oriundos do Município de Pentecoste, os quais não estudam ou egressos da Universidade Federal do Ceará e participam inclusive de seus projetos de extensão; CONSIDERANDO a oportunidade de realização de estágios de iniciação à Docência por estudantes dos cursos de licenciatura da UFC na Escola Estadual de Educação Profissional do Município de Pentecoste/CE, principalmente aqueles que são oriundos de comunidades do Município de Pentecoste; CONSIDERANDO a possibilidade da utilização do ensino semipresencial, através da UFC Virtual, para organização de um pólo da Universidade Aberta e a contribuição ao desenvolvimento dos cursos profissionalizantes na Escola Estadual de Educação Profissional do Município de Pentecoste/CE; CONSIDERANDO que hoje, a Universidade Federal do Ceará desenvolve um programa pioneiro no Brasil que utiliza a estratégia de aprendizagem Cooperativa no desenvolvimento do protagonismo estudantil; RESOLVEM celebrar o presente aditivo ao Convênio de Cooperação Interinstitucional celebrado em 14.04.2011, mediante as seguintes cláusulas e condições; CLÁUSULA DO OBJETO O presente Termo Aditivo objetiva conjugar esforços dos participantes visando à implantação do projeto "UFC NA EDUCAÇÃO BÁSICA: APRENDIZAGEM COOPERATIVA", através da outorga do gerenciamento pedagógico da Escola Estadual de Educação Profissional do Município de Pentecoste/CE não deixará de integrar a rede estadual de educação pública em nenhuma hipótese. CLÁUSULA DAS ATRIBUIÇÕES I- Compete à SEDUC: Caberá à Secretaria da Educação do Estado do Ceará - SEDUC, na consecução dos objetivos deste instrumento, garantir o amplo e regular funcionamento da Escola Estadual de Educação Profissional do Município de Pentecoste/CE, bem como transportar os professores e estudantes da UFC que estejam relacionados ao projeto "UFC NA EDUCAÇÃO BÁSICA: APRENDIZAGEM COOPERATIVA"; II- Compete à UFC: Caberá à Universidade Federal do Ceará - UFC, na consecução dos objetos desse instrumento: a) Designar três servidores docentes e/ou técnicos administrativos para compor uma coordenadoria de articulação entre a UFC e a Escola; b) Receber estudantes da Escola para visitação dos seus laboratórios e unidades acadêmicas; c) Conceder bolsistas estudantes dos cursos de licenciatura da UFC para colaborar com o estabelecimento da metodologia de Aprendizagem Cooperativa na Escola; d) Estimular o envolvimento de professores e estudantes para desenvolverem projetos nas áreas de ensino, pesquisa e extensão na escola; e) Enviar estudantes para realizar estágios de iniciação à docência na escola; f) Contribuir, anualmente, com a organização do evento das feiras das profissões na Escola; g) Oferecer cursos de graduação semipresencial na escola, através da UFC virtual. CLÁUSULA DOS CASOS OMISSOS Os casos omissos e as alterações necessárias no presente Termo Aditivo serão resolvidos de comum acordo pelas partes convenientes. CLÁUSULA DA RATIFICAÇÃO Ficam mantidas as demais cláusulas e condições previstas no termo original e seu aditivo. DATA DA ASSINATURA: Fortaleza/CE, 23 de maio de 2011. MARIA IZOLDA CELA DE ARRUDA COELHO - Secretária da Educação, JESUALDO PEREIRA FARIAS - Reitor da UFC. TESTEMUNHAS: 1- Cristina Rodrigues Cavalcante Bacerlar, 2- Simone Almeida da Silva.

Secretaria da Educação, em Fortaleza, 13 de junho de 2011.

Maria Izolda Cella de Arruda Coelho  
SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO

Jesualdo Pereira Farias  
REITOR DA UFC

Fonte: Acervo da EEEP Alan Pinho Tabosa

Os coordenadores indicados pela universidade foram Manoel Andrade Neto e Audísio Dias Filho do Departamento de Química Orgânica e Inorgânica e Ana Célia Clementino Moura, do Departamento de Letras Vernáculas. O diretor e os coordenadores precisistas nomeados pela SEDUC foram respectivamente: Elton Luz Lopes, Ednaldo Pereira Firmiano e Tony Weryson de Sousa Ramos Ribeiro. Toda a equipe de professores também era composta por precisistas, egressos dos cursos de licenciatura da UFC.

Com tudo estabelecido, a EEEP Alan Pinho Tabosa foi inaugurada em 21 de junho de 2011 sob forte emoção da comunidade e também dos precisistas que conquistaram um sonho tão antigo. A histórica e inédita parceria entre UFC e SEDUC para a gestão de uma escola foi noticiada no site da universidade:

Figura 7 - Notícia da parceria entre UFC e SEDUC para a gestão da EEEP Alan Pinho

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Alunos Servidores UFC Digital Contatos

Procurar...

Início A Universidade Ensino Pesquisa Extensão Internacional **Notícias** Ouvidoria Acesso à Informação EMBRAPPII

Você está aqui: Início > Notícias > Notícias de 2011 > UFC será cogestora de escola em Pentecoste a ser inaugurada nessa terça-feira

### UFC será cogestora de escola em Pentecoste a ser inaugurada nessa terça-feira

Segunda, 20 Junho 2011 00:00

A UFC atuará como cogestora pedagógica da Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, inaugurada hoje (21), às 9h, em Pentecoste. Através de convênio firmado com a Secretaria de Educação Básica do Estado (Seduc), a UFC dará suporte às atividades desenvolvidas na escola, para viabilizar a implantação da metodologia da aprendizagem cooperativa.

A mediação entre a escola e a academia será feita através da Coordenadoria de Articulação Escola-Universidade, composta pelos professores Manuel Andrade Neto, coordenador do Programa de Educação em Células Cooperativas (Prece) e do Programa Células Estudantis de Aprendizagem Cooperativa da Pró-Reitoria de Graduação; Ana Célia Clementino Moura, do Departamento de Letras Vernáculas; e Francisco Audísio Dias Filho, do Departamento de Química Orgânica e Inorgânica.

De acordo com o Prof. Manuel Andrade, a UFC é hoje a instituição brasileira com maior experiência em aprendizagem cooperativa. Para ele, a iniciativa é uma oportunidade de mostrar o quanto a Universidade tem desenvolvido trabalhos de ensino e extensão na região, através dos projetos gerados pelo Prece.

Notícias da Reitoria

- Notícias UFCTV
- Notícias de 2025
- Notícias de 2024
- Notícias de 2021
- Notícias de 2023
- Notícias de 2022
- Notícias de 2020
- Notícias de 2019
- Notícias de 2018
- Notícias de 2017

Fonte: Portal da UFC (2011)

A fotografia abaixo traz a imagem do palco composto por muitas autoridades. No primeiro plano, está o diretor Elton Luz Lopes, realizando seu discurso. No segundo plano, da esquerda para a direita estão o vice-reitor, Henry Campos; o governador, Cid Gomes; o prefeito de Pentecoste, João Bosco Pessoa Tabosa e o deputado federal José Airton. No terceiro plano, estão outros deputados e também a primeira dama do município. Atrás dela, está o professor Manoel Andrade, que não foi autorizado a falar no dia, segundo ele, “possivelmente, por uma questão de segurança. Talvez o governador pensasse que eu faria um pronunciamento politicamente incorreto para o momento” (Andrade-Neto, 2025, p. 91).

Figura 8 - Inauguração da EEEP Alan Pinho Tabosa em 2011



Fonte: Acervo fotográfico da EEEP Alan Pinho Tabosa

Em seu discurso, Elton pediu licença para falar não como diretor, mas como o estudante que havia sido um dia:

Eu queria falar como um estudante, como um filho dessa região que foi estudante da escola estadual José Ribeiro Guimarães e que junto com outros colegas, estudando em conjunto, nós conseguimos chegar à universidade. E esse é o feito de muitos e muitos estudantes desse município e dessa região, que através do PRECE têm chegado à universidade (Aplausos) e, principalmente, têm retornado depois de universitários para dar continuidade ao trabalho e estimular outros jovens dessa região. Nós nos sentimos muito felizes com a oportunidade de ter uma escola profissional aqui em Pentecoste. É uma escola de primeiro mundo que vai gerar muitas oportunidades para os jovens da nossa região. E também queria destacar o pioneirismo dessa parceria da Seduc com a Universidade Federal do Ceará para gerir essa escola, utilizando inclusive uma metodologia de trabalho diferente que é a Aprendizagem Cooperativa. (Vídeo de inauguração da EEEP Alan Pinho Tabosa, 2018, 11min28s)

Elton conclui declarando que era uma grande responsabilidade representar um grupo (o PRECE) e administrar uma escola, mas que estava lisonjeado com a oportunidade.

A tensão política mal pôde ser percebida. Todos se trataram com gentileza e cortesia, mas os olhares e ouvidos mais atentos aos discursos do prefeito e de seus aliados na inauguração poderiam notar que o PRECE ou o nome do futuro diretor não foram mencionados por nenhum deles. No entanto, nesse momento, nada faria diferença. Estava consumado. A gestão da EEEP Alan Pinho Tabosa era do PRECE. A partir do funcionamento da escola, o conflito foi superado e mantida uma boa relação com o então gestor municipal e com os que o sucederam.

Para Andrade, após a inauguração o primeiro desafio havia sido vencido, mas viriam outros ainda maiores:

Ao final da solenidade, saímos com a sensação de que havíamos vencido o primeiro *round* da luta, mas tínhamos consciência de que a verdadeira batalha estaria começando a partir daquele momento – o estabelecimento da Aprendizagem Cooperativa e Solidária dentro de uma escola pública do Estado (Andrade-Neto, 2025, p. 91).

Com receio de que os estudantes e suas famílias rejeitassem os princípios e as novas estratégias metodológicas que os precisistas traziam, segundo Andrade-Neto (2025), os gestores solicitaram à Seduc que as turmas oficiais da escola fossem abertas apenas no ano seguinte, em 2012. De agosto a dezembro de 2011, a escola ofereceria um curso de preparação para o ensino médio em aprendizagem cooperativa com os estudantes do 9º ano da rede municipal. Assim aconteceu.

Figura 9 - Célula de estudos do projeto de preparação para o ensino médio



Fonte: Acervo fotográfico da escola (2011)

Com uma equipe de pouca ou nenhuma experiência de trabalho formal em sala de aula, mas com o importante apoio da UFC, a EEEP Alan Pinho Tabosa deu início às suas atividades em agosto de 2011, desenvolvendo o chamado projeto Rumo ao Ensino Médio.

Para o diretor Elton, o resultado foi satisfatório e superou as expectativas, pois a escola recebeu em torno de 400 estudantes para participar do projeto. Em 2012, abriria apenas 180 vagas. Aqueles que fizeram parte do projeto e ficaram entusiasmados com

essa nova forma de aprender, mas não conseguiram vaga em um dos cursos “contribuíram para a disseminação desse modelo de escola” (p.3). Para ele, essa pode ser uma das razões pelas quais nunca houve resistência ao trabalho que desenvolvem.

#### **4.2 Evolução da escola a partir da implementação do seu projeto pedagógico**

Com a escola em funcionamento chegou a hora de levar os princípios do PRECE para dentro da sala de aula. Elton Luz afirmou que se buscou unir “as vivências, experiências e as estratégias de cooperação e solidariedade desenvolvidas no Movimento PRECE, ao longo dos anos, à literatura, às referências que já se tinha e se tem sobre Aprendizagem Cooperativa em sala de aula” (Elton Luz, entrevista concedida à autora, p.3). Corroborando com a fala de Elton, Andrade afirma:

Fomos aprendendo, fazendo, ao mesmo tempo que a gente estava fazendo, estava aprendendo. Então, teve muita discussão, a gente pegou muitos livros, algumas coisas dos irmãos Johnson da Universidade de Minnesota, também de um pesquisador espanhol, Ovejero, algumas publicações do pessoal de Portugal, e nós fomos juntando essas proposições teóricas com a nossa prática, a prática do PRECE. Foi assim que se estabeleceu a metodologia. (Manoel Andrade, entrevista concedida à autora, p.2)

A universidade teve papel fundamental no início desse processo. A formação de professores e de estudantes era liderada pelo professor Manoel Andrade que também mobilizava bolsistas do programa de Aprendizagem Cooperativa da UFC para auxiliar os docentes e os estudantes nas aulas e projetos.

Para Elton, o projeto pedagógico foi se construindo gradualmente e está em constante evolução. A partir do seu relato, inferiu-se que até o presente, a organização das práticas da escola passou por três fases, descritas a seguir.

##### **4.2.1 A fase de número 1**

A fase 1 compreende o primeiro ano da escola. É, portanto, um período de adaptação e reconhecimento das necessidades da comunidade escolar, bem como do desenvolvimento “das competências iniciais de professores e gestores” (Elton Luz, entrevista concedida à autora, p. 3). Nessa etapa, as práticas se dividiram entre preparação e vivência da metodologia, como demonstra o quadro abaixo:

Quadro 2 - Fase de número 1

<b>FASE 1: 2011 a 2012</b>	
<b>PREPARAÇÃO DOS ESTUDANTES PARA A VIVÊNCIA DA METODOLOGIA</b>	<b>VIVÊNCIA DA APRENDIZAGEM COOPERATIVA</b>
Café da manhã de acolhimento aos estudantes e suas famílias	Aulas em Aprendizagem Cooperativa, utilizando técnicas variadas
Oficinas de fortalecimento do trabalho em equipe (Contaçon de Histórias de Vida, Habilidades Sociais, Contrato de Cooperação, Processamento de Grupo, Vivência de Conflitos e Parceria Professor-estudante)	Horários para estudos autônomos em células ou individuais
	Projetos de integração com a comunidade (Superação Enem, Rumo ao Ensino Médio, Inglês e Yoga com a Comunidade)

Fonte: elaborado pela autora (2025)

Para Carmem Gomes, precista e coordenadora da escola de 2012 aos dias atuais, muitos elementos da vivência do PRECE “foram trazidos para a Alan Pinho e adaptados à nova realidade” (Carmem Gomes, entrevista concedida à autora, p.2), como é o caso do café de acolhimento, do compartilhamento de histórias de vida, dos horários destinados a estudos autônomos e dos projetos educacionais oferecidos à comunidade.

Era comum nas manhãs de realização das provas de vestibular, os universitários precistas servirem um café para os estudantes que prestariam o exame, como um ato simbólico de comunhão e humildade, demonstrando que as necessidades do outro estavam acima das suas. Na Alan Pinho, além do significado inicial, essa prática também se tornou uma espécie de ritual que marca a entrada do estudante e de sua família na escola.

Figura 10 - Café da manhã dos precistas



Fonte: Memorial do PRECE (2005)

O ato de compartilhar narrativas de vida também era uma cultura no PRECE. Ouvir as histórias uns dos outros era uma estratégia que os precistas utilizavam para se conectarem e se fortalecerem em meio às lutas que travavam em busca dos seus objetivos. Antes mesmo de a escola ser inaugurada, essa prática já havia sido transformada em oficina para ser aplicada nas formações de estudantes da rede estadual e nesse formato veio para dentro da escola.

Além do café de acolhida e do compartilhamento de histórias de vida, o tempo para estudos autônomos, realizados em células ou individualmente, também são uma herança do PRECE, que sempre valorizou o desenvolvimento da autonomia intelectual de seus estudantes. Os precistas tinham liberdade para estudarem o que desejassem de acordo com suas escolhas. Dentro de um espaço de educação formal, oferecer essa liberdade é sempre um desafio porque o impulso inicial de quem está imerso em um sistema de educação tradicional é buscar o controle e o domínio sobre os outros sob a justificativa da organização.

Outro elemento trazido da vivência do PRECE é a oferta de projetos educacionais para a comunidade. O PRECE, nas suas primeiras fases, era considerado um projeto educacional que auxiliava jovens a concluírem seus estudos e a ingressarem na universidade, é claro que os objetivos iam além da mera aprovação em uma universidade,

mas era a partir dessas ações que os jovens mudavam suas vidas e de suas famílias e intervinham na comunidade. A escola sempre manteve essa cultura ano após ano, mesmo os nomes dos projetos e o público variando, mantém-se a tradição de se integrar com a comunidade por meio de projetos de educação.

#### 4.2.2 A fase de número 2

A partir de 2013, infere-se, a partir da fala de Elton Luz, que se inicia uma nova fase, já representando uma evolução, a qual trouxe mais robustez para a vivência da Aprendizagem Cooperativa.

Quadro 3 - Fase de número 2

<b>FASE 2: 2013 - 2015</b>	
<b>PREPARAÇÃO DOS ESTUDANTES PARA A VIVÊNCIA DA METODOLOGIA</b>	<b>VIVÊNCIA DA APRENDIZAGEM COOPERATIVA</b>
Café da manhã de acolhimento aos estudantes e suas famílias	Aulas em Aprendizagem Cooperativa - Desenvolvimento da técnica de transição ETMFA
	Criação de um modelo de avaliação que verifica o desempenho acadêmico cooperativo - Índice de Desempenho Acadêmico Cooperativo Individual (IDACI)
Oficinas de fortalecimento do trabalho em equipe (Contação de Histórias de Vida, Habilidades Sociais, Contrato de Cooperação, Processamento de Grupo, Vivência de Conflitos e Parceria Professor-estudante)	Oferta de cursos eletivos nos horários de projetos integradores
	Horários para estudos autônomos em células ou individuais
	Desenvolvimento de projetos de fomento à liderança e à solidariedade - Letras Solidárias (fomento à leitura e à escrita), Educação Solidária - Despertando Sonhos e Sorrisos (Atendimento a crianças da comunidade do entorno da escola), Superação na Aprendizagem, Promotores Estudantis da Leitura, Enem pra Valer

Fonte: elaborado pela autora 2025

Do quadro destacam-se três mudanças citadas por Elton Luz que se deram a partir de 2013: a criação de uma técnica de transição, de um modelo de avaliação do desempenho acadêmico cooperativo individual e a oferta de cursos eletivos.

Segundo o diretor, os gestores estavam tendo dificuldade de acompanhar se em todas as aulas a Aprendizagem Cooperativa estava sendo de fato utilizada. Para facilitar o trabalho dos professores, o acompanhamento pedagógico e também a organização das turmas, elaboraram uma técnica de transição que traria todos os elementos da Aprendizagem Cooperativa, a qual poderia ser aplicada em todas as aulas: A ETMFA. Matos (2018) explica que a sigla traz a sequência didática da aula:

- Exposição Introdutória - Breve explanação dos principais pontos do conteúdo. Deve ocupar no máximo 30% do tempo total da aula;
- Tarefa Individual - Etapa em que cada estudante deve realizar individualmente uma atividade que integra o aprendizado do conteúdo da aula;
- Meta Coletiva - Um produto que deve ser elaborado coletivamente a partir do conhecimento adquirido na etapa anterior e entregue ao professor/à professora no final da aula;
- Fechamento - Momento de conclusão das etapas anteriores, em que o professor tira dúvidas, corrige exercícios que compõem as atividades individuais e coletivas;
- Avaliação individual - Etapa que pretende verificar se o estudante aprendeu o conteúdo e se a cooperação se estabeleceu.

Dentro da etapa da avaliação também houve um avanço. Para se verificar o chamado “desempenho acadêmico cooperativo individual”, o professor Ubiratan Cunha desenvolveu em 2014, um método para aferir a cooperação dos grupos e das turmas por meio do que se chamou “Índice de Desempenho Acadêmico e Cooperativo Individual (IDACI)” (Sousa, 2015, p. 46). O IDACI é calculado a partir do desempenho individual dos integrantes da célula em uma aula ou em determinado ciclo de aulas (4 encontros, 8 encontros, por exemplo). A célula será considerada “cooperativa” se cada um alcançar a meta estabelecida pelo professor, que é acertar pelo menos 3 das 5 questões propostas. Elton destaca que, atualmente, o IDACI é utilizado na escola também para atribuir nota parcial.

Outra evolução importante que a escola trouxe a partir do ano de 2013 na perspectiva da autonomia, foi a organização do currículo de modo que fosse possível os professores ofertarem cursos eletivos em suas áreas, e os estudantes escolherem os que lhes interessavam realizar. Vale destacar que essa iniciativa só veio a se tornar uma política na rede estadual em 2016, com a criação das escolas de ensino médio em tempo integral. “Essa ação pioneira foi muito significativa para os estudantes que puderam optar por aprendizagens mais alinhadas aos seus objetivos” (Elton Luz, entrevista concedida à autora, p. 3).

#### **4.2.3 Fase de número 3**

Em 2016, sob a liderança de Andrade, segundo Elton, inicia-se a elaboração da concepção de escola de Aprendizagem Cooperativa e Solidária, a partir de cinco premissas, em torno das quais se organizam todas as práticas pedagógicas adotadas pela escola até o presente. Até então, a perífrase utilizada para caracterizar a escola, era “escola de Aprendizagem Cooperativa”. Embora os princípios do PRECE sempre estivessem presentes e a escola utilizasse muitas outras estratégias além da cooperação em si, apenas a partir de 2016 foi acrescentada a categoria “solidária” como uma referência à vivência educacional do PRECE. A proposta de escola de Aprendizagem Cooperativa e Solidária foi elaborada para servir de suporte a outras escolas da rede estadual, consideradas “prioritárias”, para as quais o PRECE deveria oferecer formação por meio da SEDUC.

Segundo Andrade-Neto (2025), a escola de Aprendizagem Cooperativa e Solidária deve

valorizar e estimular a aprendizagem emocional no ambiente escolar; investir tempo no desenvolvimento da autonomia, do sentimento de autoeficácia, da responsabilidade individual e da motivação dos estudantes; desenvolver nos estudantes a habilidade de eles ensinarem uns aos outros e aprenderem uns com os outros; estimulá-los a contribuir com o professor na gestão da aprendizagem em sala de aula e; desenvolver neles consciência sobre os fatores que influenciam negativamente a aprendizagem e, ao mesmo tempo, estimulá-los a se comprometerem com o sucesso acadêmico daqueles que estão ficando para trás. (Andrade-Neto, 2025, p. 134)

Conforme Elton Luz, essa organização veio a partir da clareza de que os princípios da educação emocional, da autodeterminação, da cooperação, da formação de lideranças e da solidariedade estavam subjacentes a todas as práticas que a escola vinha realizando.

Em síntese, cada uma dessas premissas carrega muita importância para, em primeiro lugar promover a aprendizagem, e posteriormente colaborar para a construção

de uma sociedade mais justa. A importância da educação emocional reside na necessidade de se criar o clima adequado para a aprendizagem por meio do desenvolvimento do autoconhecimento e do fortalecimento das relações interpessoais dos sujeitos que constroem a escola. A autodeterminação é o combustível fundamental para a edificação do sentimento de que os estudantes poderão chegar onde quiserem e da força que os fará permanecer firmes até conseguirem seus intentos. A cooperação é a estratégia organizada para unir potenciais para trabalharem juntos em prol de objetivos comuns. A solidariedade é o caminho para vencer desigualdades que deixam pessoas para trás porque o direito de aprender plenamente lhes foi negado. Formar lideranças na escola é preparar os estudantes para atuarem na comunidade como agentes transformadores.

Andrade-Neto (2025) destaca que o objetivo da escola de Aprendizagem Cooperativa e Solidária é formar protagonistas sociais, conscientes dos problemas que a sociedade enfrenta” (p.133).

Queiroz (2022) apresenta um quadro resumo das características do protagonista que se pretende construir, descartando qualquer relação com “empreendedorismo individualista”:

Quadro 4 - Protagonismo Cooperativo e Solidário

<i><b>CARACTERÍSTICA</b></i>	<i><b>DESCRIÇÃO</b></i>
Consciência da realidade	Percepção crítica sobre os problemas inerentes a sua realidade, consegue identificar suas causas e consequências e reconhece que tem uma parcela de responsabilidade na solução daquilo que o afeta
Colaboração	Disponibilidade a somar esforços para resolução de problemas, mesmo não tendo a iniciativa de enfrentar um problema que afeta direta ou indiretamente a si e/ou aos seus. É uma postura solícita a atender pedidos de ajuda, assumindo corresponsabilidade pela solução dos problemas.
Autonomia	Atitude proativa frente a um problema vivenciado por si individualmente, ou por sua comunidade, não se contenta em esperar pela iniciativa dos colegas, mas assume uma posição de responsabilidade frente à problemática, sem esperar que os outros peçam sua colaboração.
Cooperação	Capacidade de agregar e mobilizar pessoas em prol de um mesmo propósito. Habilidade em coordenar grupos, dividindo funções e delegando tarefas aos membros, motivando o grupo a prosseguir e perseverar na obtenção de seus objetivos.

Solidariedade	Atitude de compartilhar o que possui, sem suposto interesse de receber algo em troca. O foco está na necessidade do outro e na possibilidade de ajudá-lo a desenvolver todo seu potencial. Disposição a dar um passo atrás para ajudar a quem está se atrasando.
---------------	--

Fonte: Queiroz (2022)

Embora as práticas da escola não possam ser enquadradas em categorias limitando seu alcance. Realizou-se uma organização didática, associando cada uma das premissas da Alan Pinho a projetos, ações ou iniciativas desenvolvidas na escola, resumida no quadro abaixo, que representa a fase 3:

Quadro 5 - Fase de número 3

<b>APRENDIZAGEM COOPERATIVA E SOLIDÁRIA: 2016 AOS DIAS ATUAIS</b>	
<b>PREMISSAS</b>	<b>PROJETOS/AÇÕES/INICIATIVAS ASSOCIADAS</b>
Educação Emocional	Café da manhã de acolhimento aos estudantes e às suas famílias; oficina de contação de histórias de vida, oficinas sobre reconhecimento das emoções, plantão psicológico (projeto Psi tá on); Roda de conversa para escuta de professores; celebrações do dia da família.
Autodeterminação	Horários de estudos autônomos; visitas a universidades; compartilhamentos de experiências de estudantes egressos; proposição de elaboração de metas para se alcançar os objetivos desejados pelos estudantes;
Cooperação	Aprendizagem Cooperativa como estratégia em todas as aulas.
Consciência Solidária	Projeto Revisores Solidários; SOS Redação; Escolinha do PRECE.
Formação de lideranças	Projeto Coordenadores de Célula; Projeto Escolinha do PRECE; projeto Dançart; projeto Mostra de Artes Cênicas; projeto Revisores Solidários, Curso de Liderança Cooperativa e Solidária.

Fonte: elaborado pela autora a partir das entrevistas concedidas (2025)

Essas premissas têm fundamentado as práticas pedagógicas da Alan Pinho nos últimos anos. Além destas práticas colocadas no quadro, a escola também adere a outras que vêm da SEDUC e adapta conforme às suas necessidades, como é o caso das aulas de Projeto de Vida, que fazem parte do currículo das escolas estaduais. Na Alan Pinho, elas

são muito bem utilizadas para potencializar a Educação Emocional e a Autodeterminação, principalmente.

Elton observa que esse alinhamento

se dá muito em função do fato de que hoje a gente consegue compreender o que nós fazemos como escola da Aprendizagem Cooperativa e Solidária e o projeto da SEDUC e a gente consegue fazê-los conversar. Um exemplo disso é a utilização do termo “Clube”. Utilizamos esse termo, essa estratégia, que é um espaço formativo que já é utilizado nas escolas de tempo integral pra dar nome a um coletivo, a uma estratégia que a escola já utiliza há muitos anos, porque destaca o protagonismo. Um outro ponto que eu vejo que a gente consegue conversar bem e que nós mudamos ao longo dos anos é esse foco no desenvolvimento das competências básicas. Quem olha de fora pode dizer que a secretaria ou mesmo a Crede, a escola, estão trabalhando somente com foco nos números das avaliações externas e nós continuamos na nossa jornada entendendo que desenvolver competência acadêmica é importante para criar oportunidade e para exercício da liderança. E está muito claro pra nós, porque passamos a estudar mais, que as estratégias de recomposição da aprendizagem baseado em evidências que são propostas pela secretaria elas contribuem demais pra isso, porque quando o estudante desenvolve as competências básicas, quando a recomposição da aprendizagem funciona ele tem sucesso acadêmico e durante o processo consegue ajudar os colegas para não deixar ninguém para trás, cumprindo nosso objetivo de excelência acadêmica com equidade, consequentemente, vai ter mais oportunidade na vida. (Elton Luz, entrevista concedida à autora, p. 4)

Para Elton Luz, a clareza que se tem do projeto de escola de Aprendizagem Cooperativa e Solidária permite esse diálogo com as ações propostas pela SEDUC, sem deixar de lado os princípios que orientam a instituição e os seus objetivos.

#### ***4.2.4 Desafios de se construir uma escola Cooperativa e Solidária***

Ao longo dos seus 14 anos, a escola passou por muitos desafios. Um deles foi fazer a transposição de uma metodologia que era vivenciada de maneira intuitiva em um espaço informal de aprendizagem, como era o PRECE, para um espaço formal de educação. Andrade, reconhece que os preceistas da EEEP Alan Pinho conseguiram implantar muitos dos seus princípios, mas não como eram implantados no PRECE. Considera ainda que houve uma perda dessa essência em razão da troca de professores ao longo dos anos:

Estabelecer a metodologia do PRECE dentro da escola, de forma completa, isso é muito difícil, porque o PRECE não era uma escola, era uma coisa fora da escola. Então, o movimento PRECE traz um método, uma abordagem que é completamente diferente do sistema escolar. Nós implantamos muita coisa, muitos princípios, mas fica muito difícil, é muito estranho, aplicar do jeito que o PRECE aplicou. No início nós investimos muito nisso, com o passar do tempo eu acho que houve uma perda, porque eu acho que o sistema começou a ganhar a batalha. Muitos professores também foram substituídos, vieram pessoas de fora que não tinham uma vinculação com o PRECE, e eu acho que

as pessoas passaram a acreditar menos, os que chegavam achavam legal, tudo, mas eles não tinham uma vivência (Manoel Andrade, entrevista concedida à autora, p. 4).

Outro empecilho que ele destaca é a rigidez dos tempos e espaços de aulas:

É difícil você fazer uma educação que mexe com muitas coisas, quando o sistema quer tudo bem organizadinho. Por exemplo, não dá para entender, não dá para aceitar porque isso não funciona em nenhum lugar do mundo, uma aula começar às sete horas, terminar às sete e cinquenta, e a outra começar às sete e cinquenta. Os estudantes não conseguem, o professor não consegue, e no sistema não tem como fazer diferente, ele não abre espaço, ele não dá liberdade... Poderia haver uma mudança, se os professores todos entendessem e se posicionassem, mas os professores também querem muito caminhar na zona de conforto. (...) Na metodologia que a gente utiliza no PRECE, isso não é assim. A gente investe pouco em aula, a gente investe muito no desenvolvimento da autonomia do estudante, na ampliação da visão dele. Quando a gente dá muita aula, a gente vicia o estudante e diminui a autonomia dele. Mas fazer isso na escola é muito difícil. Você precisa mudar os tempos escolares, a coisa como funciona, até os espaços (Manoel Andrade, entrevista concedida à autora, p. 4).

Para o coordenador Ednaldo Pereira, corroborando com a fala de Andrade, um desafio enfrentado ao longo dos anos para manter o projeto de escola de Aprendizagem Cooperativa e Solidária é a mudança constante de professores. Quando iniciou suas atividades em 2011, a instituição teve autonomia para montar a equipe, que foi formada por precisistas, egressos de cursos de licenciatura. Por um ou dois anos depois, a escola ainda pôde realizar suas seleções a partir de ciclos de formações com os candidatos, os quais, ao final do período formativo, apresentavam um plano de aula na metodologia. Com o passar dos anos, a contratação de profissionais passou a ocorrer da mesma forma que nas demais escolas da rede estadual, levando a Alan Pinho a passar por uma grande rotatividade de profissionais:

Algumas vezes, a SEDUC tem mudado o tipo de contratação. Vai depender muito da classificação de cada professor. Então, entram professores novatos e a gente precisa fazer todo o planejamento com eles, porque algumas vezes eles não sabem, não têm experiência com a metodologia e já chegam com a escola em pleno funcionamento. (Ednaldo Pereira, entrevista concedida à autora, p. 6)

Outro desafio associado aos professores, mencionado por Andrade é a questão da formação continuada desses profissionais:

Um outro desafio é manter um grupo de professores com uma formação continuada, não é tão fácil, as escolas não têm muito tempo para trabalhar a formação de professores, é um desafio grande. Ainda hoje está enfrentando isso. O outro é porque o sistema se autopreserva, se tiver que matar alguém, para ele sobreviver ele mata todo mundo, o que ele quer é viver de forma organizada (Manoel Andrade, entrevista concedida à autora, p. 4)

Elton destaca como desafio enfrentado ao longo dos anos a adaptação às novas realidades trazidas pelos estudantes: “A cada ano, a visão dos estudantes muda. É muito desafiador, porque os conflitos aumentam. Pelo fato de os meninos e as meninas interagirem bastante, surgem muitos conflitos.” (Elton Luz, entrevista concedida à autora, p. 6).

Apesar dos desafios que enfrentou e enfrenta diariamente, a instituição tem buscado se aperfeiçoar e se consolidar como uma escola de Aprendizagem Cooperativa e Solidária. Esse modelo tem sido utilizado pelo Programa Escola em Tempo Integral, do Ministério da Educação (Lei nº 14.640/2023), nas formações de professores, como exemplo de experiência de educação integral, em razão de as premissas que estão subjacentes às práticas pedagógicas da Aprendizagem Cooperativa e Solidária se associarem aos seus fundamentos.

#### **4.3 Relatos da vida na escola**

Para elaboração desta subseção recorreu-se aos relatos de estudantes egressos e de professores. Foram colhidos relatos de onze estudantes, os quais estiveram na escola em ciclos diferentes, a saber: 2012-2014, 2013-2015, 2014-2016, 2016-2018, 2017-2019, 2018-2020, 2020-2022, 2022-2024. Os professores entrevistados somam seis, dos quais três fizeram parte do Movimento PRECE.

Os estudantes foram perguntados sobre quais experiências (aulas, projetos, convivência etc.) marcaram suas trajetórias no ensino médio, sobre os desafios enfrentados na instituição e sobre a importância da vivência da interação, marca forte da escola.

Sobre a questão das experiências marcantes, os entrevistados citaram principalmente a rotina das aulas e a participação em projetos desenvolvidos na escola, porque lhes trouxeram muitas possibilidades de aprendizado e crescimento.

João Emanuel Galvão (2020 - 2022) enxergava a prática de estudar em cooperação, como inovadora, a qual mudou a sua perspectiva de se relacionar com o conhecimento:

A gente agora não estudava somente sozinho, ouvindo o professor, mas tinha mais dois alunos, dois amigos, dois colegas ao nosso lado, para a gente aprender junto com eles. A gente aprendia o conteúdo da exposição do professor, e logo em seguida a gente fazia uma atividade, uma meta coletiva, e a gente tentava explicar uns para os outros o que aprendeu daquele conteúdo que o professor explicou. O que é algo bastante diferente para todos nós alunos,

porque eu nunca tinha tido contato com isso, de você receber e depois você explicar para os outros o que foi que você entendeu. E essa é uma aprendizagem que todos eram favorecidos, porque o que eu aprendia eu tinha que explicar para o outro aluno, e o outro aluno também aprendia o que ele tinha que aprender e explicava também para mim. Isso fortalecia uma autonomia e uma solidariedade uns com os outros, uma interdependência. Então, a aprendizagem cooperativa foi algo que nos moldou também, de forma que a gente passou olhar para o outro indivíduo e ter também um sentimento de empatia por ele. Saber que o aprendizado não é construído de modo individual, mas sim de modo coletivo, que todas nós temos algo para acrescentar uns para com os outros (João Emanuel Galvão, entrevista concedida à autora, 2025, p. 2).

João Emanuel (2020-2022) ainda ressalta os benefícios da cooperação para a vida fora da escola: “a metodologia é uma aprendizagem mútua, de um para com o outro, ela incentiva a gente a ser mais solidário e ter mais oportunidade de falar em público. A gente perde um pouco da timidez, um pouco daquela ansiedade” (João Emanuel Galvão, entrevista concedida à autora, 2025, p. 2).

Jordânia Gomes (2014 - 2016), quando ouviu falar da escola, achou curioso o fato de os alunos não estudarem em filas:

E, principalmente, o que chamou mais a atenção porque a primeira coisa que o pessoal mais repassava era que lá era diferenciado. As pessoas não sentavam em filas, né? O pessoal dizia assim, “olha, é uma escola que não se sentam em filas. Se sentam em três, um grupo de três”. (Jordânia Gomes, entrevista concedida à autora, 2025, p. 1).

Mônica Mota (2012-2014) afirma que foi impactante a experiência de estudar em células porque ela e muitos colegas vinham de outra cultura:

Ao entrar na escola, foi um choque muito grande, porque a gente vinha de um ensino regular, individual, onde a gente estudava em filas, e quando a gente entrou na escola, foi apresentado o método da aprendizagem cooperativa, e com isso, veio as células de estudos, e era tudo cooperativo. Então, a gente que era acostumado a um modelo, esse modelo do estudo individual, foi um pouco difícil, principalmente porque um dependia do outro. (Mônica Mota, entrevista concedida à autora, 2025, p. 2).

Como se evidencia nos discursos de diferentes gerações da escola, o trabalho cooperativo diário que é de fato estruturado e organizado possibilita uma experiência transformadora com muitos benefícios para todos os envolvidos, como a melhora nas habilidades de comunicação e o desenvolvimento de competências sociais.

Além da rotina das aulas, os entrevistados mencionaram como experiências marcantes de suas vidas na escola, a participação em projetos. A Alan Pinho é um espaço onde os estudantes sempre puderam se engajar em diversas iniciativas que permeiam diferentes áreas do conhecimento. Também são livres para criar projetos que colaboram para a resolução de problemas da escola ou da comunidade.

João Emanuel Galvão (2020 - 2022), Lívia Mota (2017-2019) e Denner Matos (2016-2018) citam suas participações no projeto Revisores Solidários. O primeiro, observa que chamou sua atenção o envolvimento dos estudantes no trabalho com as redações:

Uma vivência que me marcou muito e que eu não poderia deixar de falar é o projeto Revisores Solidários. Assim que a gente adentrou na escola, a gente teve ali o primeiro encontro com as redações, que é um segmento, uma área que é muito cobrada na prova do Enem e a gente teve o contato com os professores e a gente percebeu que os alunos, os próprios alunos, ajudavam também os professores a dar as aulas, corrigir redações, e eu fiquei muito interessado naquilo. E eu me lembro que os alunos iam nas nossas salas, principalmente os alunos do terceiro ano, davam às vezes a exposição, corrigiam as nossas redações, eu ficava muito intrigado com aquilo. Como pode um aluno pegar um texto e corrigir aquela redação? (João Emanuel Galvão, entrevista concedida à autora, 2025, p. 3).

No ano seguinte, João passou a integrar a equipe de Revisores Solidários e ressalta que, para ele, compor esse projeto foi um diferencial, pois além de servir aos outros, pôde conviver com professores e colegas que marcaram sua passagem pela escola. Sobre sua participação, ele afirma:

Nos Revisores eu conheci vários amigos. A gente, graças a Deus, conseguiu se desenvolver mais e contribuir ao mesmo tempo com esse projeto grandioso, a gente aprendeu a se importar mais com as pessoas, corrigindo as redações delas, entendendo os erros, tentando a cada vez explicar de maneira mais especial para elas, para que elas pudessem entender (João Emanuel Galvão, entrevista concedida à autora, 2025, p. 3).

Lívia (2017 - 2019) também considera que esse projeto foi importante durante sua passagem pela escola: “O projeto dos Revisores Solidários foi um que marcou muito, porque me proporcionou um grande avanço na escrita e na correção de redações” (Lívia Mota, entrevista concedida à autora, 2025, p.3).

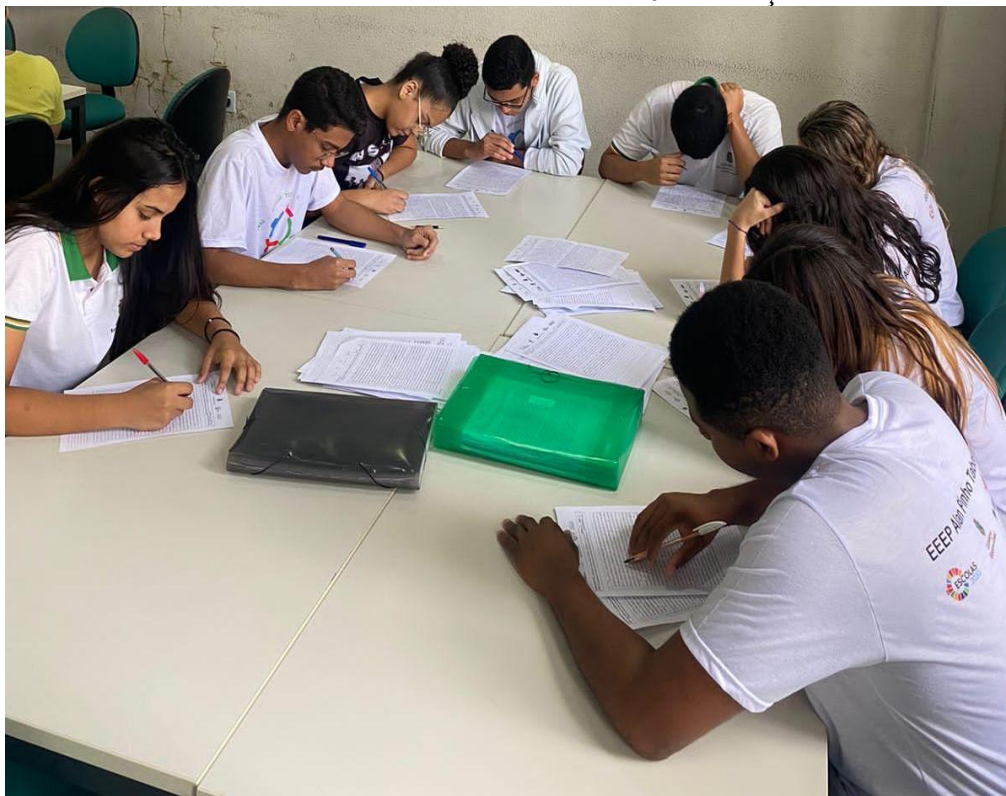
Denner (2016-2018) destaca que a partir da responsabilidade de trabalhar duro nesse projeto, pôde aprender e ensinar:

foi um projeto que a gente trabalhou muito, a gente participou do Revisores, a gente viu competência por competência, das cinco competências necessárias para o texto dissertativo-argumentativo, e depois disso a gente já começou o processo de revisão solidária das outras turmas de primeiro e segundo ano, foi um processo em que a gente ficou responsável por trazer o *feedback* para esses outros alunos, então acho que foi muito importante, porque a gente já aprendeu ensinando, isso foi bem interessante também (Denner Matos, entrevista concedida à autora, p. 2).

Os Revisores Solidários contribuíram com a formação de muitos jovens dentro da escola. A experiência de liderança e solidariedade desse projeto impacta não somente aos estudantes que recebem semanalmente o *feedback* de suas redações, mas também àqueles

que compartilham o seu tempo e o seu conhecimento com os outros para que ninguém fique para trás.

Figura 11 - Turma de Revisores Solidários do ano de 2022 em ação



Fonte: Acervo fotográfico da EEEP Alan Pinho Tabosa (2022)

Os entrevistados mencionaram a participação em outros projetos e iniciativas, como o Jornal Interação, o grupo de Teatro, Inglês com Chá, monitorias, CO2 Operação, Reciclagem Transformadora e Projeto Estudante Cooperativo.

João Filho (2016 - 2018) cita a sua atuação como redator no Jornal Interação. Para ele, essa vivência o fez sair da sua zona de conforto:

Foi um momento bem interessante, até para a questão do desenvolvimento da escrita e pra eu realmente aprender a organizar um jornal. Eu tinha que estudar um pouco por fora pra eu poder realmente entender como seria a estrutura do jornal. E fora que tinha aquele momento de conversar, de entrevistar e era muito interessante essa atividade que era desempenhada por mim lá. Como eu era como se fosse da editoração, toda a questão da escrita e estrutura passava um pouco por mim. E isso me motivou bastante e me fez sair um pouco da zona de conforto (João Filho, entrevista concedida à autora, p. 2-3).

Jordânia (2014-2015) lembra que também era redatora do Jornal Interação, e seu trabalho era escrever a coluna sobre as histórias de vida dos servidores. Então, ela deveria escolher o profissional que teria a história contada no jornal, entrevistá-lo e produzir o

texto. Segundo ela, “isso marca, né? Porque já dá um senso de responsabilidade, já te ensina a desenvolver algumas competências sociais e profissionais. Então, eu lembro muito desse projeto” (Jordânia, entrevista concedida à autora, p.3).

Thiago Amorim (2013-2015) e Denner Matos (2016-2018) citam como importantes suas vivências no teatro. O último destaca que o itinerário formativo de Teatro, ofertado pela professora Geisiane Andrade o ajudou a entender suas próprias emoções e a descobrir seu talento para a escrita:

Eu lembro de uma atividade que era um monólogo em que a Geise (*Geisiane Andrade*) deixou aberto para que a gente pudesse escrever sobre o que a gente queria, foi a partir desse monólogo que eu percebi que eu gostava muito da área de escrita, e foi a partir dessa participação que eu tive nesse itinerário aqui na Alan Pinho que eu comecei a perceber que eu gostava de escrever, nunca imaginei que hoje eu teria publicado um livro, que eu seria um escritor, mas que eu aprendi sobre mim aqui dentro, que eu descobri isso sobre mim exatamente aqui (Denner Matos, entrevista concedida à autora, p. 3).

Denner lembra ainda de um projeto chamado Inglês com Música, o qual proporcionava o estudo da língua a partir de canções de interesse dos estudantes. Para ele, essa vivência também influenciou suas escolhas futuras, como a de cursar Letras Inglês na universidade.

Wlysses Guimarães (2018-2020) destaca dois projetos dos quais participou que lhe trazem boas recordações da escola. Um deles é o CO2 Operação que desenvolvia ações de cuidado com o meio ambiente e de educação ambiental, onde ele atuava como voluntário, e o Reciclagem Transformadora que ele ajudou a fundar: “com o Reciclagem Transformadora, que eu ajudei a fundar, a gente passou quase um ano reciclando papel na escola e a gente conseguiu impactar bastante, isso me trouxe um senso de liderança e de responsabilidade muito grande” (Wlysses Guimarães, entrevista concedida à autora, p.2).

Os entrevistados Inácio Loiola e Lívia Mota (2017-2019) relembram suas participações nas monitorias, em especial a de matemática que os ajudou a aprender mais sobre a matéria e melhorar os desempenhos nas avaliações e os possibilitou auxiliar os colegas.

Luiz Henrique Marinho (2022 - 2024) cita como marcante sua experiência na Escolinha do PRECE, na qual atuou como facilitador:

Eu lembro que eu sempre escutava falar da Escolinha do PRECE, um projeto que funcionava à noite. Aí uma amiga foi e depois veio falar pra mim que o projeto era legal, de como lidar com as crianças era divertido. Então eu fiquei

curioso e fui. E eu fui pra uma sala que estava tendo clube de Português e eu tava vendo outra facilitadora dar aula, aí chegou um momento que ela pediu pra eu contar uma história para as crianças em voz alta e eu fiquei sem saber o que fazer, com umas 20 criancinhas olhando pra mim. Então eu decidi contar a história do Patinho Feio pra elas e naquele momento que eu comecei a contar, a compartilhar um pouco do que eu sabia, foi um momento muito especial porque foi quando essa questão da metodologia da escola de liderança cooperativa e solidária começou a fazer mais sentido na minha cabeça (Luiz Henrique Marinho, entrevista concedida à autora, 2025, p.1).

Ainda entre projetos, Thiago Amorim (2013-2015) recorda-se de uma experiência marcante que o fez decidir pela carreira de professor. Quando concluiu seu ensino médio, passou a atuar no Projeto Estudante Cooperativo (PEC), desenvolvido pela escola, o qual atendia a crianças do ensino fundamental, moradoras da comunidade do entorno e até de outros municípios. As atividades eram lideradas por universitários, egressos da Alan Pinho e contavam com o apoio de alunos da escola que trabalhavam como monitores. Thiago acredita que essa vivência foi fundamental para que ele conseguisse desenvolver um bom trabalho hoje na Escolinha do PRECE, projeto semelhante que ele coordenava, como atual professor da EEEP Alan Pinho:

Porque, hoje, sendo coordenador da Escolinha do Prece, eu vejo muito que o PEC foi quem me ajudou. Se não fosse a minha experiência com o PEC, eu não tinha tanta experiência em saber como é que eu tenho que organizar uma sala de aula com as crianças, de saber como é que eu tenho que organizar o material para as crianças e tudo mais. Eu acredito que essa experiência, antes de entrar realmente no meio acadêmico da licenciatura, de estudar a questão pedagógica mesmo, foi o que me modificou mais, foi o que me moldou mais para realmente entender que ser professor é algo importante para mim, por mais que seja difícil, mas é algo realmente muito importante (Thiago Amorim, entrevista concedida à autora, 2025, p. 4).

Samantha Alves (2013 - 2015), colega de turma de Thiago, relembra os horários de estudos autônomos nas salas especiais. As boas lembranças se devem à interação com alunos de outras séries e turmas. Thiago acrescenta que a formação profissional também rendeu para a turma boas recordações:

Eu lembro principalmente de uma aula prática, que ela (*a professora*) levou a gente para uma fazenda, quase no meio do nada, lá numa comunidade chamada Ferrão, e aí para muitas meninas, principalmente, foi extremamente desconfortável estar dentro de um chiqueiro, de um curral, com as vacas e tirar leite, e para muitos meninos foi uma grande aventura. Eu lembro que para mim foi uma coisa muito natural, porque eu já tinha um costume com a minha família, meu avô sempre que ia ao gado, então eu sabia como é que tirava leite e tudo mais, que é a ordenha, então para mim foi muito natural, mas eu lembro que algumas meninas ficavam morrendo de nojo e tudo, então algumas dessas viagens técnicas, por mais que tivesse realmente alguma coisa hilária acontecendo, todas me fizeram perceber muito de como é que a escola faz a gente ter contato com diversas outras experiências (Thiago Amorim, entrevista concedida à autora, 2025, p. 5)

Para Thiago, essas e outras aulas faziam com que a turma ficasse unida e se criasse um clima de descontração e harmonia entre eles.

Samantha (2013 -2015) destaca a feira profissional e cultural do ano de 2014, que para ela foi “grandiosa”, pois vieram muitos convidados externos e sua turma teve que se esforçar muito para apresentar bons trabalhos.

Além dessas experiências, três dos entrevistados citaram também como marcantes, os momentos das aulas de Projeto de Vida. Para Denner (2016-2018), esses encontros lhe ajudaram “a compreender e a gerenciar suas próprias emoções” (Denner Matos, entrevista concedida à autora, 2025, p. 2).

Como um espaço favorável à confiança e ao fortalecimento de laços afetivos, a Alan Pinho, como relembra Mônica (2012 - 2014), da primeira turma da escola, foi o lugar que lhe acolheu por intermédio de seu professor, ao compartilhar com ele uma situação muito íntima de sua vida. A partir do acolhimento e do apoio recebidos, Mônica, deu início a uma campanha dentro da escola chamada Todo dia é 18 de Maio, a qual objetivava conscientizar a comunidade sobre a importância de se combater a violência sexual contra a criança e o adolescente a partir do acesso à informação e do incentivo à denúncia.

Figura 12 - Campanha “Todo dia é 18 de maio”



Fonte: Acervo da EEEP Alan Pinho Tabosa (2014)

A campanha “Todo dia é 18 de maio” foi o início da jornada de Mônica, que atualmente é escritora de livros infantis e assistente social, como militante defensora dos

direitos da criança e do adolescente. Para ela, o momento em que foi ouvida e acolhida pela escola constitui o mais marcante de sua passagem pela instituição.

Os entrevistados foram perguntados também sobre os desafios que enfrentaram na utilização da Aprendizagem Cooperativa em sala de aula e na vivência da escola de uma forma geral. As respostas foram organizadas no quadro abaixo:

Quadro 6 - Desafios enfrentados pelos estudantes

<b>Personagem da narrativa</b>	<b>Desafio</b>	<b>Evidência</b>
Luiz Marinho (2022-2024)	Dificuldade de se adaptar ao modelo cooperativo e às interações necessárias à promoção da aprendizagem	“Tive um processo de adaptação complicado. Mas eu acredito que principalmente por causa do modelo de ensino tradicional, porque a gente é muito acostumado. Claro que na minha antiga escola sempre tinha essa questão de trabalhar em grupo de juntar pra poder fazer determinada coisa, uma apresentação, mas a maior parte do tempo era estudo individual. Lógico que foi muito difícil ter esse contato porque era uma pessoa muito mais reservada e quebrar essas barreiras de ser uma pessoa que não fala tanto que não busca muito contato pra ser uma pessoa que precisa aprender algo pra explicar pra outra pessoa de uma forma que ela consiga entender.”
João Emanuel Galvão (2020 - 2022)	Falta de acesso a recursos didáticos por parte de todos os estudantes na época da pandemia	“Os desafios que eu mais enfrentei em relação ao convívio, às atividades com as outras pessoas, foi no período da pandemia. Como foi um período bastante difícil, alguns colegas da nossa célula às vezes não tinham internet, não tinham celular para assistir às aulas, e às vezes o trabalho que era

		para ser dividido entre todos os alunos da célula, às vezes ficava só entre dois, às vezes só um” (p. 4)
Lívia Mota (2017 - 2019)	Dificuldade de adaptação ao tempo integral de aulas	“Eu acredito que pra todo mundo essa questão de você sair de um ensino tradicional e ir estudando só um período do dia pra estudar o dia todo é um cansaço que até a gente se acostumar, ele pesa bastante.” (p.3)
Wlysses Guimarães (2018 - 2020)	Falta de suporte para a vivência adequada de conflitos entre os estudantes	“E aí a gente tinha sempre divergências e nem sempre éramos deixados de lado para poder realizar um trabalho em equipe, que era ótimo, né? E não havia tanto um auxílio para a gente cuidar dessas divergências.” (p. 2)
Inácio Loiola (2017 - 2019)	Ter que esperar pelo ritmo do outro	“O maior desafio foi ter esperar a autonomia do outro. Eu era acostumado a pegar o livro e eu fazer tudo. Então eu tinha que ter essa paciência de esperar um pelo outro” (p.2)
Denner Matos (2016 - 2018)	Não teve dificuldades	“Não, eu não consigo lembrar de alguma dificuldade que eu tive. Eu acho que o modelo era muito compatível com a pessoa que eu era e com a pessoa que eu ainda sou hoje, então eu não tive nenhuma dificuldade em adaptação” (p. 3)
João Filho (2016 - 2018)	Diferenças de personalidades e de formas de se trabalhar	“Como eram pessoas com algumas mentalidades diferentes, com pensamentos diferentes, alguns trabalhavam de certa forma e muitas vezes tinha que se adaptar a essa certa forma da pessoa porque cada um tem sua personalidade, cada um tem seu jeito, cada um sabe como é que para ele é melhor para trabalhar, como é a forma de lidar com a situação, como é para

		ele resolver algumas questões das atividades e cada um tem sua peculiaridade” (p.2)
Jordânia Gomes (2014 - 2016)	Desgaste das relações sociais dos sujeitos	“A convivência traz um desgaste, porque você tá ali quase que no sentido de convencimento e persuasão todos os dias, né? Ali, porque às vezes, como eu disse, nem todo mundo tá ali pro mesmo fim. Todo mundo tem seu tempo. Então, trazer essa ideia de ter que estar chamando ou, às vezes, fazendo o trabalho do colega ou ali reiterando para que a metodologia rode do jeito que precisa rodar, né? Porque isso é importante” (p. 4)
Thiago Amorim (2013 - 2015)	Desconforto de ter que se comunicar com o outro e a possibilidade de lidar com estudantes desinteressados	“Eu acho que os desconfortos que eu tinha eram realmente só nesse ponto de ter que falar, de ter que apresentar a minha parte do que eu aprendi e esperar ser suprido, assim, né? Tipo, todo o meu conhecimento da parte do colega. Porque muitas vezes, dentro da sala de estudo, você vai fazer sala com pessoas bem interessadas e com pessoas que não são tão interessadas. Então eu lembro que foi um grande desafio para mim entender isso, no começo” (p. 7)
Samantha Alves (2013 - 2015)	Dificuldade de adaptação ao tempo integral de aulas	“Eu acho que só, acho que a questão de estar no local o dia inteiro, porque eu já estava acostumada com a rotina de, tipo assim, estudar de manhã e à tarde eu tinha a tarde livre pra, enfim, fazer as coisas que eu gostava de fazer, assistir e aqui não, eu passava o dia aqui, então acho que o principal desafio foi esse, de estar lá no local o dia inteiro” (p. 5)
Mônica Mota (2012 - 2014)	Discrepância dos níveis de aprendizagem entre estudantes de escolas	“Tinha o fator de que a gente vinha de escolas do campo, em que, querendo ou não, tinha um atraso

	particulares da cidade e estudantes das escolas públicas do campo	de ensino, comparado às escolas da sede do município. (desafios) Então, alguns alunos, principalmente os que eram de escola particular, eles estavam um pouco mais avançados do que a gente, e esse fator contribuía para ser muito desafiador, para tentar acompanhar esses outros alunos, e, ao mesmo tempo, da gente conseguir se manter, nem na média, não é que eu possa dizer, no mesmo ritmo de estudo” (p.2)
--	---	---

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Longe de ser perfeita, a vivência na escola trouxe muitos desafios, alguns dos quais foram colocados pelos alunos.

Os entrevistados também foram perguntados sobre a importância da interação com os colegas nas suas trajetórias como estudantes da EEEP Alan Pinho Tabosa. Todos responderam que esse elemento trouxe benefícios pessoais e sociais que foram levados para a vida fora da escola.

Denner (2016 - 2018) destaca que a interação lhe mostrou o valor de se deixar ser ajudado:

Eu acho que foi através dessa interação, através dessa partilha, que eu aprendi que em muitos casos é muito mais fácil a gente chegar onde a gente quer chegar com a ajuda de outras pessoas do que sozinho e que em muitos momentos é necessário a gente se deixar ser ajudado. Nem tudo a gente vai conseguir fazer sozinho. (Denner Matos, entrevista concedida à autora, 2025, p. 3)

Mônica (2012-2014) reconhece que alcançou seus objetivos porque pôde contar com os relacionamentos que construiu por meio da interação e essas conquistas passam a ser coletivas e não mais individuais:

o fato de contar com outras pessoas para alcançar o que eu tenho hoje foi muito importante, não foi só uma conquista individual, foi coletiva. Eu lembro quando a Leticia passou para a engenharia, ficou todo mundo muito feliz, a Leticia passou no segundo ano pra engenharia, e a alegria da nossa turma foi uma alegria, assim, como se fosse nossa, e a gente tinha sido ela, entre outros também. (Mônica Mota, entrevista concedida à autora, 2025, p. 4)

Jordânia (2014 - 2016) aponta os desafios da interação por meio de uma metáfora:

Eu brinco que nessa parte aí é igual... Quem faz voto no STF. Um dia você vence, no outro você é vencido. Você tem ali seus argumentos. Alguém acata suas ideias, no outro dia você fez todo o seu trabalho, mas o voto é vencido. Então, acho que lidar com a interação é exatamente isso. Um dia suas ideias são aceitas, com todos os seus argumentos, no outro dia não é e está tudo bem.

E se controle. Então, ensinou uma resiliência (Jordânia Gomes, entrevista concedida à autora, 2025, p. 4)

Lívia (2017-2019) reforça que a importância da interação reside no benefício de os estudantes se ajudarem mutuamente. A partir da sua experiência com essa interação promotora de conhecimentos, vínculos duradouros foram construídos:

Foi de grande importância porque a gente tinha essa troca, né? Uma era melhor em matemática, outra era melhor em química, outra era melhor na redação e a gente sempre estava se ajudando. Então, isso acho que foi um dos pontos mais positivos. E, sem falar, como a gente convivia por bastante tempo, a gente cria vínculos muito fortes. Até hoje eu ainda tenho esses vínculos e a gente sempre está acompanhando a trajetória do outro, se incentivando (Lívia Mota, entrevista concedida à autora, 2025, p. 3 e 4).

Além das entrevistas com os estudantes, recorreu-se às entrevistas com os professores em busca de memórias que evidenciassem como era o clima escolar. Dentre os 6 entrevistados, 3 são profissionais que foram, enquanto estudantes, integrantes do Movimento PRECE e 3 que não integraram. Os professores precisistas foram perguntados sobre quais elementos da vivência no PRECE foram trazidos por eles para suas práticas pedagógicas e quais as memórias mais marcantes que têm de suas vidas na escola.

A primeira entrevistada, Daiana Rodrigues - precisista desde 1995, que ingressou na EEEP Alan Pinho Tabosa em 2011 como professora de Geografia - afirma que trouxe do PRECE para a escola a cultura de ter boas expectativas em relação ao futuro dos estudantes, demonstrando isso para eles por meio de palavras de incentivo e do seu próprio exemplo de vida:

No PRECE, eu me lembro muito bem das pessoas motivando muito a minha família e me motivando, dizendo que eu era capaz, que eu tinha potencial, que ia dar certo, mesmo diante da minha condição social. E hoje aqui eu tento fazer isso com aqueles estudantes que eu sei que não tem uma condição tão favorável e essas pessoas que eu sei dessa realidade, eu tento estar mais próxima motivando e mostrando, através da minha própria história de vida, como você consegue superar essa situação, desde que você tenha foco, tenha objetivo e eu tento mostrar isso, que se se dedicar, você vai conseguir, você vai conseguir mudar essa trajetória que historicamente está construída na família, mas que você, através da educação, você pode romper com esses obstáculos (Daiana Rodrigues, entrevista concedida à autora, 2025, p. 2).

Perguntada sobre quais memórias na Alan Pinho Ihe foram mais marcantes, respondeu que foram as primeiras aprovações para a universidade, principalmente “daqueles estudantes de condição menos favorecida” (p.2). No PRECE isso acontecia, mas na escola a proporção era bem maior.

A professora e bibliotecária, Nicelly Marques, como Daiana, também veio com os primeiros precisistas fundar a escola em 2011. Ela afirma que trouxe do PRECE a convicção de que estudar com seus pares é a melhor forma de construir o conhecimento

e tenta levar aos seus estudantes a importância disso, complementando: “é importante que eles compartilhem o que sabem, porque a linguagem deles é a mesma” (Nicelly Marques, entrevista concedida à autora, 2025 p. 2).

Sobre os momentos que lhe marcaram ao longo de sua trajetória na escola, Nicelly traz à memória a visita de dois estudiosos da teoria da Aprendizagem Cooperativa, David e Roger Johnson, pesquisadores da Universidade de Minnesota:

Uma coisa que marcou muito a nossa escola foi a vinda dos Irmãos Johnson em 2012. Tem até uma foto lá no auditório que ficou muito marcante, porque a gente estava iniciando a escola, tem toda a questão da metodologia, que a gente se inspira, e eles vieram aqui (Nicelly Marques, entrevista concedida à autora, 2025 p. 2).

Figura 13 - Visita dos professores David e Roger Johnson



Fonte: Acervo fotográfico da EEEP Alan Pinho Tabosa

Nicelly relembra também os cafés da manhã, que são um importante ritual de entrada dos estudantes na Alan Pinho. Conta que no primeiro café de recepção aos estudantes, em 2012, a escola recebeu um pentecostense de 82 anos, José de Anchieta, o senhor Zuza, para compartilhar com a comunidade a sua história de vida. Ele havia entrado na universidade aos 77 anos para cursar História e também havia escrito um livro sobre a história do município. A trajetória de vida compartilhada naquele dia inspirou um sentimento de bem-estar e esperança em todos que a ouviam.

Igualmente, especiais e marcantes para ela, foram as primeiras formaturas, destacando o momento do juramento:

o juramento é muito bonito e é muito significativo, muito importante. Se os meninos realmente entendessem o que eles estão falando, eu sei que eles entendem, mas é realmente muito profundo e marcante. Se eles vissem realmente a importância daquele juramento que eles estão fazendo, de voltar para a sua comunidade, de se preocupar, de se responsabilizar. (Nicelly, p. 2)

O terceiro precisa entrevistado, Leôncio Mesquita, professor de Química da instituição desde 2022, afirma que trouxe do PRECE para sua vida de professor a compreensão de que conteúdos difíceis podem ser aprendidos se os alunos se ajudarem mutuamente. Ele considera que enquanto aluno, integrante do Movimento PRECE, teve dificuldade no aprendizado, mas lutou e persistiu, e o mais importante, encontrou pessoas que o ajudaram. Como professor deseja facilitar a aprendizagem dos seus alunos para que eles não passem pelas mesmas dificuldades que passou:

A gente teve dificuldade no aprendizado, mas lutamos com persistência. A gente encontrou método para aprender, e tornar o conteúdo que era difícil, que a gente achava que não aprendia, e se ajudando a gente aprendeu, hoje eu tenho essa experiência que eu tive como aluno, agora como professor eu vejo meu aluno com outra visão, porque eu já passei por aquele momento, eu sei o que é ser um aluno, então eu me esforço muito para ser um professor dedicado mesmo, o máximo possível, porque eu não tive muitos professores, então o que eu sentia falta, eu quero proporcionar para os meus alunos, para suprir essa falta, para que eles não tenham a mesma dificuldade que eu tive.

Como memória positiva da escola, destacou a aprovação na universidade de estudantes do vulnerável bairro onde a instituição está situada, onde também ele cresceu sem muitas oportunidades, e complementa:

todos esses jovens, a partir do primeiro, segundo, terceiro já têm contato com a universidade, as facilidades são únicas, eu estudei embaixo de um pé de juazeiro, eles estão estudando em uma sala com ar condicionado, eu não tive professores formados na área, e eles têm todos os professores formados na área, isso ajuda muito. (Leôncio, p. 3).

Dos relatos dos professores que não passaram pelo PRECE foram escolhidos dois pontos principais que são as razões pelas quais decidiram vir trabalhar na escola e as memórias que para eles foram marcantes.

A primeira professora desta categoria é a engenheira de alimentos, docente do curso técnico em Agroindústria, Fábيا Costa, que está na escola desde 2013. Ela afirma ter entrado na EEEP Alan Pinho Tabosa por acaso, porque gostaria de ter uma experiência de trabalho diferente da que vinha tendo, com atuação na área de controle de qualidade. Permaneceu por tantos anos na Alan Pinho porque, segundo ela, é um lugar tranquilo de se trabalhar e porque tem autonomia para desenvolver todos os projetos que deseja.

Entre as experiências marcantes que lhe trazem boas memórias estão os projetos de educação ambiental que desenvolveu com seus estudantes e cursos que ela e suas

turmas promoveram para a comunidade, incluindo as próprias famílias dos alunos: “Eu acho isso muito interessante, de poder fazer algo em que os estudantes coloquem os seus rostos e não só o professor faça.” (Fábia Costa, entrevista concedida à autora, 2025, p.2). Além disso, ela destaca as Feiras Profissionais e Culturais, organizadas pelos docentes da base técnica e realizadas anualmente:

são nas Feiras Técnicas (*Feiras Profissionais e Culturais*) que nós demonstramos o nosso trabalho como professores técnicos, o que os meninos aprendem no curso técnico em si, que a gente faz todo ano. Eu acho que é muito importante, tanto para a escola como para a cidade, porque é um evento que todo mundo espera.

Semelhantemente à Fábia, Guilherme Lima, engenheiro de pesca e professor do curso técnico em Aquicultura, também veio para a Alan Pinho em 2013 por acaso e conveniências relacionadas à proximidade da capital do estado, onde habita. Mas encontrou nos colegas, nos estudantes e no clima escolar agradável razões para permanecer:

No início, permanecia por conta do fator distância, para estar mais próximo da capital, mas com o passar do tempo, eu me senti muito integrado à equipe, e aí a escola preenche o fato de ser boa para se trabalhar, na questão da convivência com os demais colegas profissionais e com os alunos. Então, o fator distância não é mais tão importante. Então contam esses outros fatores de estar aqui presente, ser bem acolhido. O ambiente é muito bom, os alunos também são muito bons. (Guilherme Lima, entrevista concedida à autora, 2025, p. 1)

Para Guilherme, as memórias mais marcantes da sua trajetória na Alan Pinho estão associadas à entrada dos alunos nos campos de estágio. Como a instituição é de ensino médio integrado à educação profissional, o currículo desta modalidade de escola traz o componente Estágio (Lei Federal 11.788/2008), que deverá ser realizado no segundo semestre da 3ª série. Por desempenhar a função de orientador, professor Guilherme, acompanha a cada ano o trabalho de novas turmas de futuros técnicos em Aquicultura em campos diversos, como o Centro de Biotecnologia em Aquicultura, da UFC, o Centro de Pesquisa em Aquicultura, localizado em Pentecoste, fazendas de criação de organismos aquáticos, entre outros. Ele destaca a sua satisfação em ver seus alunos demonstrando “desenvoltura”, “protagonismo” e “amadurecimento”, que como relembra ele: “são marcas da escola” (p.1).

A última pessoa entrevistada foi a arte-educadora Geisiane Andrade, que integra a equipe de professores desde 2013. O interesse de vir trabalhar na escola partiu da associação que a instituição tinha e tem com o PRECE:

Eu tive interesse por conta que eu visava a escola pelo nome do PRECE, assim, já acompanhava mesmo de longe e eu já tinha muita vontade de fazer parte dessa escola pelo trabalho que ela já desenvolvia, pela aprendizagem

cooperativa, que eu tanto ouvia falar, mas não tinha realmente, de fato, o conhecimento na prática. E aí eu vi uma oportunidade de trabalhar com a arte dentro da escola. Então, quando foi me oportunizado esse momento, eu aproveitei. Já tinha o desejo de tentar vivenciar a escola, a metodologia e também tentar implementar a arte e a cultura nessa escola (Geisiane Andrade, entrevista concedida à autora, 2025, p. 1).

Perguntada sobre quais eventos foram marcantes para ela nos anos em que esteve na escola, Geisiane afirma que foram vários e começa destacando o primeiro projeto que desenvolveu em 2013, a Mostra de Artes Cênicas:

O primeiro projeto foi a Mostra de Artes Cênicas e que daí surgiram vários artistas, vários alunos que se interessaram pela arte em geral, mais especificamente pelo teatro, que é a minha área. E de lá surgiram diversos outros, como o projeto da Via Sacra, que é um projeto que a gente também está fazendo em parceria com a comunidade. (Geisiane Andrade, entrevista concedida à autora, 2025, p. 2).

Geisiane lembra também da criação do Dançart em 2015, como um marco da sua trajetória na escola:

O projeto Dançart em 2015 iniciou na sala de aula e depois foi para o auditório e tomou uma proporção maior, por isso foi, justamente, agora apresentado no pátio da escola com a comunidade, tanto pentecostense como de municípios vizinhos. É um projeto de interação e liderança estudantil, de pesquisa sobre a cultura da dança, sobre a história da dança que culmina com as apresentações artísticas. Hoje é um projeto que vai além, que representa, inclusive, o nosso próprio município, apesar de ser um projeto que é desenvolvido dentro de uma escola, tem uma repercussão muito maior, fora dela. (Geisiane Andrade, entrevista concedida à autora, 2025, p. 2).

Figura 14 - Culminância do Projeto Dançart 2025



Fonte: Acervo Fotográfico da EEEP Alan Pinho Tabosa (2025)

Geisiane faz questão de salientar a transformação que as artes fizeram na vida de muitos dos seus estudantes. Alguns deles discriminados e marginalizados, encontraram na arte vivenciada na escola, formas de se expressar e de serem reconhecidos e também perspectivas em relação ao futuro:

Muitos e muitos hoje também já passaram pelo teatro da escola, são atores que fazem parte do meu grupo de teatro fora da escola e também levaram essa experiência para a vida mesmo. Eu sempre me lembro de 2013, em que vários estudantes que eram bem pobres, que vieram de bairros mais periféricos, contavam que eram discriminados, que já tiveram vontade de participar de eventos de arte no município e que eram deixados de lado por conta mesmo da situação financeira. E aqui na escola eles tiveram essa oportunidade. Esses meninos tinham muita vontade, mas não tinham perspectiva de vida mesmo. Então, o trabalho da escola, que já traz a questão da atividade cooperativa, todo o acolhimento, aliado com a arte, possibilitou a esses meninos um novo olhar, de perspectiva de futuro, de imaginar que eles poderiam ser mais do que eles já eram, que eles tinham potencial. Por causa da arte, muitos deles hoje estão na universidade, como é o caso do Edmilson, mas não só ele, outros que hoje são professores, que já foram para a universidade fazer Artes Cênicas e que são profissionais, ou que independente da área de trabalho que eles estejam hoje, iniciaram na arte e eles viram, através da arte que eles tinham muito potencial, aliado ao conhecimento deles também que a escola oferecia. Então esse trabalho teve um impacto de formar cidadão, de manter esse olhar para o futuro, de fazer eles pensarem em ter uma profissão, em serem respeitados, independente da classe social, da orientação sexual deles, enfim (Geisiane Andrade, entrevista concedida à autora, 2025, p. 3).

Os relatos de estudantes e de professores sobre a vida na escola evidenciam que a EEEP Alan Pinho Tabosa ao longo dos anos tem sido um espaço que oportuniza aos seus jovens muito mais que uma formação acadêmica e profissional, mas uma formação humana a partir das experiências de aprendizagem centradas na interação social, do fortalecimento dos vínculos afetivos entre os sujeitos que constroem a escola, da valorização de diferentes saberes, da integração com a comunidade e da abertura para que estudantes assumam papéis de lideranças, inicialmente com atuação no ambiente escolar, mas posteriormente com atuação na comunidade.

#### **4.4 As contribuições da escola para a construção das trajetórias de vida dos estudantes**

Esta seção apresenta as contribuições que a escola ofereceu aos estudantes entrevistados para a construção das suas trajetórias de vida. As narrativas revelam que a escola ajudou a edificar perspectivas de futuro e a desenvolver valores como a

solidariedade, a justiça e a responsabilidade que se refletem na forma de esses sujeitos enxergarem o mundo e a si mesmos.

#### **4.4.1 Luiz Henrique Marinho - Turma 2022 a 2024**

Luiz Henrique tem 18 anos, nasceu e cresceu em Pentecoste. Antes do seu ensino médio, estudava em uma escola particular da cidade. Sempre quis entrar na Alan Pinho porque seus professores falavam que a instituição oferecia boas oportunidades de ingressar na universidade, que era um de seus objetivos.

Matriculou-se na escola no ano de 2022 e esteve envolvido em projetos muito importantes, como a Escolinha do PRECE, o Clube de Inglês e os Revisores Solidários, e representou a Alan Pinho nos *Percursos de Debates Públicos na Escola*, iniciativa realizada pela Ashoka, parceira da instituição, com o objetivo de mobilizar lideranças nas escolas para fortalecerem a cultura democrática a partir de discussões sobre temas atuais do cenário nacional. Sobre os benefícios de sua participação, comentou:

A experiência nos Debates Públicos me deu oportunidade de ir para outras escolas, de conhecer muitas realidades além da minha. Teve um momento que eu viajei para participar de reunião com os líderes do Nordeste que eram as lideranças voluntárias dessa iniciativa. Foi algo que agregou muito ao meu conhecimento de mundo e ajudou a entender como a liderança poderia impactar a comunidade (Luiz Henrique Marinho, entrevista concedida à autora, p. 1).

Em 2025, o entrevistado foi aprovado para o curso de Direito e afirma que levará consigo, o que aprendeu na escola:

O modelo que a gente tem na Alan Pinho Tabosa é uma coisa que a gente leva pra nossa vida. A gente tem um contato diário com as pessoas. Esse princípio da solidariedade e de enxergar um problema e buscar soluções de uma forma que a gente consiga trazer todo mundo pra enfrentar isso me impactou muito. É algo que eu quero levar pra mim. Independente do que eu estiver fazendo, que eu possa ajudar outras pessoas e mostrar esse caminho que de certa forma, todo mundo precisa de todo mundo (Luiz Henrique Marinho, entrevista concedida à autora, p. 1).

Outra contribuição importante oferecida pela escola à sua formação, que o entrevistado considerou importante foi a compreensão de que de fato pode ser um protagonista social:

Eu sou uma pessoa que sempre se identificou com as ciências humanas, eu sempre gostei muito de história e eu sempre vi pessoas que faziam grandes coisas e todo esse processo de como as transformações aconteciam, mas uma coisa que os livros não ensinam é muito a questão de como lidar com outras pessoas e como contribuir para impactar na prática. Então toda a minha vivência nos projetos, na Escolinha do PRECE me permitiu tá ali lidando com questões sociais que eu via nos livros, mas eram coisas que tavam lá só no meu

imaginário e entrar nessas questões mesmo e entender a fundo como funcionava me fez ter um grande desenvolvimento não só como estudante, mas como pessoa também. De você entender que pode impactar, que os jovens têm esse poder de contribuir, de ajudar as comunidades, outras vidas (Luiz Henrique Marinho, entrevista concedida à autora, p. 1).

Para Luiz Henrique, a experiência na Alan Pinho o transformou em uma pessoa mais consciente e comprometida com a comunidade. A partir de agora, ele buscará aplicar os valores de solidariedade e liderança em sua vida e carreira.

#### ***4.4.2 João Emanuel Galvão - Turma 2020 a 2022***

João Emanuel Galvão, tem 20 anos de idade, é natural de Pentecoste. Coursou o seu ensino fundamental nas duas escolas particulares da cidade e considera o ingresso na Alan Pinho a realização de um sonho. Atualmente, é estudante do 1º semestre de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco. Sua passagem pela escola foi marcada pelo desafio da pandemia, que o obrigou a estudar remotamente por mais de um ano. Com o retorno das aulas presenciais, pôde experimentar a interação com seus colegas e professores de forma mais efetiva, possibilitando o desenvolvimento de valores e habilidades importantes para sua vida. Um dos projetos do qual fez parte foram os Revisores Solidários, com o qual contribui até o presente. Para ele, as maiores contribuições da escola para sua formação estão no campo dos valores e das habilidades desenvolvidas. Ele afirma que na instituição aprendeu a se comunicar melhor, a falar em público e passou a ser mais solidário e empático:

Eu me lembro que, como a metodologia é uma aprendizagem mútua, de um para com o outro, ela incentiva a gente a ser mais solidário. E por ter mais oportunidade de falar em público e uns com os outros, a gente perde um pouco da timidez, daquela ansiedade de estar ali para falar. Você sai mais do campo seu, somente seu, e torna aquilo mais coletivo. Você compartilha com os seus colegas e se torna mais empático. Isso ajudou muito também. O modo como você se importava com os outros na solidariedade é algo que nos moldou muito e que até os dias atuais nos tem ajudado. (João Emanuel Galvão, entrevista concedida à autora, 2025, p.2).

Tal relato confirma que a formação oferecida pela escola não se limita às questões acadêmicas ou profissionais.

#### ***4.4.3. Wlysses Guimarães - Turma 2018 a 2020***

Wlysses Guimarães, de 22 anos, é natural de Pentecoste. Filho de um pequeno comerciante local, sempre ajudou o pai no mercadinho da família. Quando concluiu o 9º

ano, escolheu o curso Acadêmico, porque segundo ele, por não ser um curso técnico, oferecia mais tempo para ele se engajar em diferentes atividades que a escola promovia além das aulas, e ele se considerava uma pessoa que “gostava de se engajar nas coisas” (Wlysses Guimarães, entrevista concedida à autora, 2025, p. 1).

De fato, em seu relato Wlysses relembra que sua passagem pela escola foi marcada pela participação em projetos de variadas áreas, como os Revisores Solidários, de incentivo à leitura e à escrita, e outros de educação ambiental e sustentabilidade, como o CO2 Operação e o Reciclagem Transformadora, que ele mesmo criou.

Atualmente, como estudante de Engenharia Civil ressalta a contribuição da escola para a sua formação: “eu consegui aprender muito sobre socialização e sobre trabalho em equipe. Tanto estratégias para melhorar o trabalho em equipe quanto saber conviver com as dificuldades”. Destaca ainda: “quando as pessoas se juntam, elas podem chegar mais longe, elas podem aprender melhor quando elas têm os objetivos alinhados e elas se esforçam igualmente para atingir esse objetivo” (Wlysses Guimarães, entrevista concedida à autora, 2025, p. 2).

#### **4.4.4 Livia Mota - Turma 2017 a 2019**

Livia Mota, de 23 anos, é oriunda de uma comunidade rural de Pentecoste, chamada Miguá Terra. Sempre estudou nas escolas públicas da zona rural e afirma que desde o ventre de sua mãe professora esteve ligada à educação:

Eu sou filha de Edmar e Lucinha, meu pai é agricultor e minha mãe é professora. Eu tenho também essa raiz. Minha família materna tem alguns professores, então pra mim a educação sempre foi uma coisa muito presente na minha vida, desde que eu estava no ventre da minha mãe ainda (Livia Mota, entrevista concedida à autora, 2025, p.1).

Livia considerou uma grande conquista conseguir uma vaga na Alan Pinho, pois era seu sonho desde que a escola começou a ser construída:

Sempre foi um grande sonho para mim ingressar nessa instituição, desde que ela ainda estava sendo construída. Quando veio o projeto, foi uma alegria muito grande para o município, muitas pessoas comentavam sobre essa escola de ensino profissional, e todos os benefícios que ela tinha, essa questão dos cursos profissionalizantes, a questão de ter uma estrutura muito boa para que os alunos conseguissem passar o dia todo na escola, e isso sempre foi uma grande meta para mim. E aí, em 2017, eu ingressei na EEEP Alan Pinho Tabosa, meu período de curso lá foi de 2017 a 2019. (Livia Mota, entrevista concedida à autora, 2025, p.1).

Quando concluiu o seu ciclo na escola, conseguiu uma vaga na UFC para o curso de Enfermagem, quando terminou sua graduação, participou do processo seletivo de mestrado, vindo a ser aprovada na linha de pesquisa Enfermagem e Promoção da Saúde.

Lívia considera que uma das contribuições da escola para sua trajetória foi aprender a trabalhar em cooperação, de forma interdependente:

Desde a escola, no meu próprio ensino médio, até hoje, eu vejo muitos benefícios que essa metodologia me trouxe. Essa questão de trabalhar com minha equipe, com pessoas com pensamentos diferentes, de saber lidar, saber resolver possíveis conflitos, saber respeitar as opiniões diferentes. Hoje, aplicada à minha profissão, eu vejo que tem muito disso na questão de uma equipe multidisciplinar, uma equipe multiprofissional, onde o enfermeiro tem que trabalhar ali em conjunto, em sincronia, com o médico, com o fisioterapeuta, com o técnico. Então, a gente tem isso, que é um trabalho em equipe, cada um com a sua função, mas trabalhando em sincronia para que a gente ofereça um melhor cuidado (Lívia Mota, entrevista concedida à autora, 2025, p.1).

Além disso, complementa que, na sua vida, os princípios da escola se estabeleceram:

Acho que, na minha vida, a escola cumpriu o seu propósito maior de construir os princípios de empatia, cooperação, solidariedade e acredito que eu consegui absorver isso da escola. Essa questão de ter um olhar mais atento a como é a situação do outro, o que o outro acha disso, me colocar no lugar para poder ajudar (Lívia Mota, entrevista concedida à autora, 2025, p.1).

#### ***4.4.5 Inácio Loyola - Turma 2017 a 2019***

Inácio Loyola, de 23 anos, veio do distrito de Sebastião de Abreu, Pentecoste, onde estudou e passou a maior parte de sua vida ao lado de sua família. Quando progrediu para o 7º ano, seus pais o matricularam em uma escola particular, localizada na sede do município, que o apresentou à possibilidade de estudar na Alan Pinho. Ao final do 9º ano, em 2016, Inácio optou por esta escola, porque, segundo ele, as pessoas que já haviam passado pela instituição a recomendavam, não só pelo nível de aprendizagem que proporcionava aos alunos, mas por priorizar o desenvolvimento de habilidades socioafetivas.

Ao longo de sua trajetória no ensino médio, Inácio viveu intensamente a escola na interação com os colegas e na participação em projetos nas áreas de ciências da natureza e matemática e em atividades esportivas. Em 2019, junto com a conclusão do seu ensino médio integrado ao curso de Química, veio a aprovação para o curso de graduação em Engenharia Química na UFC.

Para Inácio, a escola ofereceu muitas contribuições para que se fosse construída a pessoa que é hoje entre as principais destaca a habilidade para se relacionar melhor com as pessoas e a autonomia que desenvolveu. Ressalta também a questão das emoções. Ele, que se considera uma pessoa fechada, mas criou laços muito fortes com colegas e professores e leva essa experiência para sua vida.

#### ***4.4.6 Denner Matos - Turma 2016 a 2018***

Denner Matos, tem 23 anos e é de Croatá, distrito do município de São Gonçalo do Amarante. Segundo seu relato, vir estudar na escola era um sonho e complementa falando da visão que tinha da Alan Pinho a partir de sua escola de ensino fundamental localizada em outro município: “na época do ensino fundamental, a gente sempre teve muitas notícias e repercussões lindas de forma positiva da escola, e foi a partir daí que eu senti muita vontade de vir” (Denner Matos, entrevista concedida à autora, 2025, p. 1).

O entrevistado ingressou no ano de 2016 para o curso acadêmico e ressalta a importância do apoio que recebeu para chegar à universidade ao final do ensino médio:

Através dessa ajuda, das células, da aprendizagem cooperativa, a gente pôde aprender sobre muitas coisas que a gente não sabia, vencer algumas dificuldades que a gente tinha. Os projetos da escola, os itinerários que também eram ofertados faziam a gente ficar mais próximo de coisas que a gente não era tão bom (Denner Matos, entrevista concedida à autora, 2025, p. 1).

Em 2019, Denner foi aprovado para o curso de Letras Inglês, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) e posteriormente realizou a publicação de um livro de poemas. No ano de 2025, o egresso retornou à escola como professor de inglês da instituição.

Para ele, as contribuições da formação recebida na escola para sua vida se deram em vários âmbitos. Destaca em primeiro lugar o autoconhecimento adquirido. Afirmar em seu relato que “a escola me abriu portas para entender quem eu era como pessoa” (Denner Matos, entrevista concedida à autora, 2025, p. 2).

. Cita, nesse contexto, que as aulas de projeto de vida e de teatro foram fundamentais para que aprendesse sobre suas próprias emoções. Declara também as contribuições para aquisição de competências interpessoais e valores importantes:

Eu acho que, em suma, foi a base para a pessoa que eu sou hoje, eu aprendi muita coisa, eu aprendi como me comunicar, como me portar, eu aprendi como tratar as pessoas, eu aprendi muito sobre solidariedade, muito sobre cooperação, que são pilares da Alan Pinho (Denner Matos, entrevista concedida à autora, 2025, p. 2).

O estudante egresso, hoje escritor e professor da escola onde estudou, considera que para além das questões didáticas a instituição lhe possibilitou um crescimento como ser humano.

#### **4.4.7 João Filho - Turma 2016 a 2018**

João Filho tem 24 anos, morou toda a sua vida, antes de ingressar na faculdade, no interior de Pentecoste com sua família que ele afirma ser muito humilde. Considera que sempre foi um estudante dedicado e por influência de sua irmã, que foi uma referência positiva e que já havia passado pela Alan Pinho, decidiu vir para a mesma escola.

Ingressou no curso de Informática no ano de 2016 e ao final do seu ensino médio foi aprovado para o curso de Segurança da Informação na UFC em 2019.

O entrevistado afirma que o modelo de escola, por ser interativo, lhe proporcionou o aprendizado de muitas habilidades sociais:

Eu vi no modelo da Alan Pinho, um modelo bem interativo, que me proporcionou, na verdade, uma visão totalmente diferente do que eu estava vivenciando em relação à convivência, à resolução de conflitos, à interação entre pessoas, o trabalho em equipe. Eu creio que a Alan Pinho me proporcionou todos esses vieses e essas qualidades, habilidades sociais muito importantes para a minha vida pessoal (João Filho, entrevista concedida a autora, 2025, p.2)

Outra habilidade importante desenvolvida foi a da liderança:

eu acho que são muitas características e habilidades que eu posso elencar, mas de todas as habilidades que eu aprendi e que eu levo para a minha vida pessoal e profissional é a questão de liderança e saber trabalhar em equipe e saber que, como eu falei, são pessoas diferentes e que eu vou lidar muitas vezes com pessoas que não têm a mesma mentalidade que eu e não têm a mesma motivação que eu, mas que eu tenho que me adaptar e eu tenho que fazer com que essa pessoa também se sinta abraçada na equipe (João Filho, entrevista concedida a autora, 2025, p.2).

O egresso concluiu ressaltando o apoio que recebeu de seus professores na época em que participou da liderança da sua turma. Para ele essa experiência lhe proporcionou grande crescimento e aprendizados que utiliza até hoje no campo de atuação da sua profissão.

#### **4.4.8 Jordânia Gomes - Turma 2014 a 2016**

Jordânia Gomes, tem 26 anos, é natural de São Luís do Curu, município que faz fronteira com Pentecoste. Sempre estudou em escolas públicas no ensino fundamental e, dentre as opções de escolha para cursar o ensino médio, escolheu a Alan Pinho por

curiosidade, pois ouvira falar que a escola era diferente, por conta que seus alunos não se sentavam em filas, mas estudavam em grupos de aprendizagem.

Em 2014, ingressou na instituição para o curso de Agroindústria, no qual afirma ter vivido muitas experiências marcantes e proveitosas. Com a conclusão do seu ensino médio veio a primeira aprovação na universidade para o curso de Administração na UFC, após graduar-se seguiu na carreira acadêmica, realizando mestrado. Em seguida, cursou Secretariado Executivo em uma faculdade particular. Atualmente, trabalha na sua primeira área de formação e cursa uma nova graduação em Direito.

Para a entrevistada, as contribuições da escola para sua jornada estão na aquisição de competências sociais e valores:

Além dessa paciência, dessa resiliência para lidar com o outro, certamente, na minha época, aprendi sobre cooperação, proatividade, de você... Até lembro da questão da solidariedade, de você fazer as coisas sem esperar nada em troca. E tem uma frase da Cora Coralina que diz que até a bondade é um processo de aprendizagem. Dá para aprender a ser bom. Dá para aprender a ter bondade. Então, certamente, essas ideias de promoção de solidariedade, acabar não focando só no seu mundo, mas entender a dor do outro, certamente isso são valores, eu diria melhor, são virtudes. Porque isso impacta até a eternidade. Porque isso deixa sua marca, seu legado. Então, certamente, esses pontos de proatividade, empatia, solidariedade, cooperação, esse senso de despertar e desenvolver isso nas pessoas... Eu acho que a sociedade hoje está correndo atrás de algo que ela já deveria ter feito, porque hoje é que as grandes escolas cobram muito caro para isso: te ensinar e te preparar para ter essas habilidades que já deveriam ser plantadas as sementes até muito cedo, para não ter que estar colhendo os frutos de uma sociedade bem complicada que a gente vive (Jordânia, entrevista concedida à autora, p.3).

Jordânia compreende que sua passagem pela escola lhe rendeu o privilégio de experiências que ensinam muito sobre a vida e que se oportunidades semelhantes fossem estendidas a mais pessoas, a sociedade seria mais justa.

#### ***4.4.9 Thiago Amorim - Turma 2013 a 2015***

Thiago Amorim tem 27 anos e é natural de Pentecoste. Ingressou em 2013 na Alan Pinho para o curso de Agroindústria. Considerava-se um jovem calado e individualista e aos poucos conseguiu mudar sua perspectiva à medida que foi passando tempo na escola.

Ao concluir seu ensino médio, o egresso não entrou logo em seguida na universidade, como planejou que seria o percurso de sua vida acadêmica. Mas passou a compor, juntamente com estudantes de várias turmas da Alan Pinho e outros egressos universitários, a equipe de voluntários do Projeto Estudante Cooperativo (PEC), realizado pela escola. Esse projeto atendia, aos sábados, a crianças do ensino fundamental da

comunidade e até de outros municípios com aulas para o fortalecimento das aprendizagens e atividades de integração. Para ele, essa experiência foi fundamental para que se reconhecesse como professor, profissão que exerceria anos depois a partir de sua formação em Letras Português/Inglês.

Eu acredito que essa experiência, antes de entrar realmente no meio acadêmico da licenciatura, de estudar a questão pedagógica mesmo, foi o que me modificou mais, foi o que me moldou mais para realmente entender que ser professor é algo importante para mim, por mais que seja difícil, mas é algo realmente muito importante (Thiago Amorim, entrevista concedida à autora, 2025, p. 5).

Atualmente, Thiago é professor da EEEP Alan Pinho Tabosa e coordenador de um projeto semelhante ao PEC: a Escolinha do PRECE, que funciona no turno da noite, tendo os estudantes da escola como facilitadores dos clubes organizados para atender às crianças das comunidades do entorno da escola.

O entrevistado considera que além da colaboração para que ele descobrisse suas aptidões e propósito, a escola contribuiu para melhorar sua competência comunicativa:

Eu falei que eu era uma pessoa muito calada e eu realmente era. Naquele tempo, eu não conseguia me ver, por exemplo, apresentando algo no auditório. Eu não conseguia me ver falando com um grupo de mais de 10 pessoas e hoje, já é algo tão natural para mim, por exemplo, estar na frente de um auditório lotado e falar. De estar apresentando, ter criado um projeto para apresentar para as pessoas. De realmente levar a escola, de levar a metodologia para as pessoas, é algo que me dá muito prazer (Thiago Amorim, entrevista concedida à autora, 2025, p. 5).

Thiago afirma ainda que a escola o ajudou a construir uma consciência social:

Essa ideia que a gente traz da escola, de ser uma pessoa que pensa nos outros, que pensa na sociedade, que pensa no seu próprio bairro. O que é que eu vou mudar no meu bairro? Isso era algo que eu ouvia muito aqui na escola e eu sempre ficava muito reflexivo com isso. O que é que eu, um simples aluno do ensino médio, posso fazer pelo meu bairro? Então, tudo isso fez eu ser a pessoa que eu sou hoje. De pensar mais no outro (Thiago Amorim, entrevista concedida à autora, 2025, p. 6).

O entrevistado sugere que a escola ajudou a construir sua personalidade, a partir da aquisição de valores coletivos, que o fazem pensar no outro além de si mesmo, evidenciando que os impactos dessa contribuição ainda reverberam em sua vida.

#### ***4.4.10 Samantha Alves - Turma 2013 a 2015***

Samantha Alves tem 26 anos e é de um distrito de Pentecoste chamado Sebastião de Abreu. Sua mãe a colocou cedo na escola, aos 2 anos, porque a considerava muito

falante e acreditava que a convivência com outras crianças poderia ajudá-la a se desenvolver ainda mais. Decidiu cursar seu ensino médio na Alan Pinho por influência do PRECE, pois participava de um projeto educacional realizado pelo movimento na sede do município para crianças do ensino fundamental e os facilitadores falavam da escola de educação profissional que seria inaugurada na cidade como uma excelente oportunidade para os jovens.

Assim, em 2013, a entrevistada afirma que foi aprovada para o curso de Agroindústria e compreendeu esse momento como uma grande realização que foi muito celebrada. Um ano após sair do ensino médio, ingressou no curso de Letras no IFCE, Campus Umirim. Confessa que foi para a universidade mais por pressão de sua mãe que por desejo próprio, mas acabou se descobrindo na ocasião.

Samantha Alves considera que a escola potencializou sua habilidade comunicativa. Como estudante falante que sempre foi, encontrou na Alan Pinho um espaço favorável ao seu crescimento ao ter que interagir diariamente com os colegas em atividades cooperativas. Outra contribuição importante que ela destaca é a habilidade de trabalhar com pessoas e de lidar com conflitos:

Então eu acho que os três anos que eu fiquei aqui eu aprendi muito a lidar com pessoas e pensamentos diferentes, porque fora da escola eu era muito assim: Ah, eu penso dessa forma, eu quero que seja dessa forma e tem que ser dessa forma. E aí quando eu entrei aqui eu vi que não. Outras pessoas pensavam diferente de mim e a gente tinha que entrar em consenso. Sempre a gente estava falando sobre, vamos entrar em consenso, conversar, ter o diálogo. Outra, eu vivenciei muito conflito na escola. Minha turma era muito conflituosa, mas em contrapartida a gente conseguia superar na sala, em turma, conversando. A gente sempre tinha assembleias e nessas assembleias normalmente não tinha professor. Às vezes era a liderança que montava a assembleia e a gente falava sobre as coisas que aconteceram durante a semana e o que a gente podia fazer para resolver. Então muitas coisas a gente resolveu só nós, só os alunos. na faculdade também aconteceu, mas a gente vê que na faculdade são pessoas de idades diferentes, pensamentos diferentes, sempre tem uma coisa ali, algo para debater, para bater de frente, mas a gente sempre estava ali tentando mediar, conversar. Então, isso eu levei pra a minha vida. (Samantha Alves, entrevista concedida à autora, 2025, p. 5)

Em 2023, a entrevistada retornou à escola como professora de Língua Portuguesa e está vivendo as experiências da instituição sob nova perspectiva.

#### ***4.4.11 Mônica Mota - Turma 2012 a 2014***

Mônica é oriunda de uma comunidade rural de Pentecoste chamada Miguá Terra. A entrevistada relembra que viveu e estudou a vida inteira em escolas do campo e somente

quando ingressou na Alan Pinho é que veio passar mais tempo na cidade. Seu pai e seu avô são agricultores e sua avó, professora. Ela afirma que quando estava cursando o 9º ano, “a coisa que mais se falava era sobre essa escola que ia chegar em Pentecoste, que já estava sendo construída e que seria de muita mudança para quem fosse estudar nela” (Mônica Mota, entrevista concedida à autora, 2025, p. 1). Até que, em 2012, Mônica veio a conseguir uma vaga na primeira turma da escola.

A egressa traz à memória eventos marcantes que viveu até o encerramento do seu ciclo na instituição, entre os quais ressalta experiências de acolhimento - em que se sentiu à vontade para compartilhar com seu professor um caso de violência sofrido por ela - e de autoconhecimento, que a conduziu para novos caminhos a partir da ressignificação das suas dores.

Mônica, que atualmente é assistente social, tornou-se escritora de livros infantis e uma militante da luta contra o abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes, utilizando a literatura para dar voz a essa causa:

O meu lado escritora nasceu dentro da escola. Eu acho que, talvez, em outro espaço, isso não tivesse sido incentivado, sido acolhido, e eu sou muito grata a isso, muito, muito, muito grata mesmo. O meu processo de escrita também, e não consigo me imaginar, tendo tudo que eu tenho hoje, se não tivesse passado por lá (Mônica Mota, entrevista concedida à autora, 2025, p.2)

A entrevistada aponta que as contribuições da escola para sua vida foram muitas. A primeira, está no âmbito acadêmico:

Eu acho que a principal vem, claro, do que eu falei no início, dessa questão de poder, hoje, ser uma profissional de ensino superior, não que em outras escolas eu não pudesse ter atingido isso, mas acredito que lá tive muitos motivos para me colocar onde eu estou, e eu acho que o fato de contar com outras pessoas para alcançar o que eu tenho hoje foi muito importante, não foi só uma conquista individual, foi coletiva (Mônica Mota, entrevista concedida à autora, 2025, p.2).

Outra contribuição importante para ela foi a oportunidade de aprender a realizar uma “conexão social” com o aprendizado que se adquiriu:

Eu acho que uma coisa que a escola nos ensinou, na verdade, foi fazer essa conexão social. Eu lembro que, na escola, a gente desenvolveu aquela campanha do 18 de maio, e não foi uma coisa que ficou só dentro da escola, a gente conseguiu ir para outras escolas. Em 2014, eu tive a ideia de criar uma campanha fazendo alusão ao 18 de maio, que é o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes. E eu levei, na época, para o diretor e para alguns professores, e vocês a acolheram de forma muito imediata. E uma coisa interessante foi justamente esse apoio de levar isso para fora da escola. Eu lembro que fomos na Etelvina, no Tabelaio, que são escolas da rede pública também estadual, e não ficou só nisso (Mônica Mota, entrevista concedida à autora, 2025, p.3).

Ela afirma ainda que desenvolveu dentro da escola a habilidade da comunicação: “Eu acho que sou uma pessoa muito comunicativa, e eu devo isso à escola. Eu tenho muita facilidade de mobilizar, e isso tem reflexo até hoje na minha vida, tanto pessoal como profissional. Eu tenho muita facilidade com o público, de conversar, de conectar” (Mônica Mota, entrevista concedida à autora, 2025, p.3).

Por último, destaca o aprendizado da responsabilidade coletiva:

Eu aprendi muito sobre empatia, mas uma coisa que a escola me ensinou muito é sobre responsabilidade coletiva. Eu acho que a escola promoveu muito esse debate, tanto no que tange a questões políticas, questões sociais, de saúde, enfim. Eu acho que a gente falava muito sobre isso, de ter essa responsabilidade coletiva. E foram coisas que não ficaram só naquele período. Acompanham a gente, me acompanham até hoje e me ajudaram a desenvolver olhares diferentes para a sociedade. A gente tem uma sensibilidade, mas não é algo que se restringe à sensibilidade, vai mesmo para a responsabilidade, responsabilidade com o outro, responsabilidade com o todo (Mônica Mota, entrevista concedida à autora, 2025, p.4)

Todos os relatos trazem contribuições importantes da escola para a jornada dos estudantes entrevistados e evidenciam uma preocupação da escola com questões além das cognitivas. Outras dimensões como a emocional, a social e até mesmo a espiritual são consideradas e valorizadas por meio de diferentes vivências.

## 5 “EXPOSIÇÃO MEMORIAL DA ESCOLA ALAN PINHO TABOSA: APRENDIZAGEM COOPERATIVA E SOLIDÁRIA” COMO PRODUTO EDUCACIONAL

Mestrados e doutorados na Área de Ensino da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES - requerem obrigatoriamente o desenvolvimento de um produto educacional que possa contribuir para a melhoria do ensino em contextos formais ou informais de educação. Essa agência define produto educacional como

o resultado de um processo criativo gerado a partir de uma atividade de pesquisa, com vistas a responder a uma pergunta ou a um problema ou, ainda, a uma necessidade concreta associados ao campo de prática profissional, podendo ser um artefato real ou virtual, ou ainda, um processo. Pode ser produzido de modo individual (discente ou docente) ou coletivo (Brasil, 2019, p. 16).

Segundo Rizzatti *et al.* (2020), o produto educacional está ligado aos resultados e às soluções oriundas da pesquisa realizada e, conforme Mendonça *et al.* (2022, p. 1), deve ter características que o permitam ser compartilhado e replicado pela comunidade, “chegando, assim, ao chão da escola na Educação Básica, Técnica ou Superior, ou nos ambientes não formais”

Os produtos educativos, de acordo com a CAPES, podem ser por exemplo “uma sequência didática, um aplicativo computacional, um jogo, um vídeo, um conjunto de vídeo - aulas, um equipamento, uma exposição, entre outros” (Brasil, 2019, p. 15), mas Pagán (1995) adverte que mais importante que sua materialização é sua função didática. Corroborando com esse pensamento, Kaplún (2012) afirma que o produto educacional deve enriquecer a aprendizagem em algum desses sentidos: conceitual, afetivo, atitudinal etc.

O produto educacional desenvolvido a partir desta pesquisa trata-se de uma exposição, intitulada “Exposição Memorial da Escola Alan Pinho Tabosa: Aprendizagem Cooperativa e Solidária”, a qual foi inaugurada no dia 04 de junho de 2025 com a pretensão de ser deixada em cartaz por um mês, mas teve o prazo estendido até dezembro deste ano. Esse recurso tem como objetivo geral fortalecer a identidade da instituição como um espaço de Aprendizagem Cooperativa Solidária e fomentar o sentimento de pertencimento da comunidade em relação à escola e, como objetivo específico, substanciar a história da EEEP Alan Pinho Tabosa em fotografias, vídeos, relatos e objetos, selecionados a partir da perspectiva das memórias de professores e de estudantes da instituição.

## **5.1 A Elaboração do produto educacional Exposição Memorial da Escola Alan Pinho Tabosa Aprendizagem Cooperativa**

A ideia da criação de um memorial da EEEP Alan Pinho Tabosa foi concebida em 2023, embora não se soubesse o meio pelo qual esse produto seria expresso. Até que no início do ano de 2025, após a realização da pesquisa e análise dos materiais, optou-se pela exposição e deu-se início ao processo de planejamento, curadoria e organização do trabalho.

Area Moreira (2010) concebe que todo produto educacional possui três dimensões, a saber: a semântica, a sintática e a pragmática. Dentro da dimensão semântica, a qual se refere aos conteúdos, informações e mensagens, foram feitos estudos conceituais referentes às categorias História e Memória como já discutidos na seção de revisão teórica, bem como foi realizada uma curadoria das informações obtidas na pesquisa para eleger aquelas memórias que deveriam compor o cenário da exposição.

Na dimensão sintática, que diz respeito, segundo Area Moreira (2010), à forma como a mensagem é apresentada, recorreu-se a uma exposição física, alocada na sala de estudos da parte superior da biblioteca da escola, a qual por meio de fotografias, produções audiovisuais, textos, desenhos, relatos contam em dez estações (seções) aspectos diferentes da história da escola, desde os seus fundamentos ao tempo presente. O material da exposição também será disponibilizado em um encarte junto a este trabalho de dissertação.

Area Moreira (2010) afirma que a dimensão pragmática compreende o modo como o produto será utilizado para desenvolver a aprendizagem. No caso da exposição realizada, buscou-se promover para a comunidade escolar, a partir dos diferentes recursos utilizados, o acesso a informações específicas da história da instituição e a elementos que constroem a sua identidade como escola de Aprendizagem Cooperativa e Solidária, a fim de que a experiência da visita fortalecesse nos sujeitos o sentimento de pertencimento a essa comunidade e os levasse à reflexão sobre o caminho que a escola percorrerá a partir de então.

O planejamento e a montagem da Exposição Memorial da Escola Alan Pinho Tabosa: Aprendizagem Cooperativa e Solidária contou com o apoio de professores e funcionários da instituição. A escola também arcou com todas as despesas de impressões de materiais gráficos.

Na etapa de planejamento foram definidos tema, público, período e local. Também foi realizado o orçamento do que seria gasto e elaborado um cronograma de atividades.

Quadro 7 - Planejamento da exposição

Tema da Exposição	Exposição Memorial da Escola Alan Pinho Tabosa: Aprendizagem Cooperativa e Solidária
Público alvo	Comunidade escolar, estudantes e educadores de outras instituições
Período da exposição	04 a 30 de junho
Local	Sala de estudos da biblioteca da EEEP Alan Pinho Tabosa
Orçamento	Tinta guache e pincéis: 30,00 Pintura das paredes: 300,00 Identidade visual e diagramação de materiais: 1.500,00 Impressão de materiais gráficos: 1.000,00 Frete de materiais: 200,00 Estruturas de madeira para arranjos expositivos: 100,00
CRONOGRAMA	
Planejamento das seções/estações	Abr/2025
Definição do acervo e escolha das fotografias	Abr/2025
Organização e pintura do espaço	Abr/2025
Campanha para conseguir fotografias de servidores que já saíram da escola	Abr/ a Mai/2025
Criação da identidade visual	Abr/2025
Ensaio fotográfico com os servidores da escola	Abr/2025
Elaboração das legendas e textos explicativos	Mai/2025
Elaboração de produções textuais ou artísticas pelos alunos	Mai/2025
Montagem	Mai/2025 a Jun/2025

Inauguração	Jun/2025
Desmontagem	Jul/2025

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

A exposição foi planejada em 10 estações, cada uma delas contando um aspecto da história da instituição, desde os seus fundamentos no movimento PRECE à construção da escola de Aprendizagem Cooperativa e Solidária.

O espaço escolhido para abrigar a exposição, a sala de estudos situada no andar superior da biblioteca, encontrava-se subutilizado, servindo apenas como depósito de livros didáticos antigos.

Figura 15 - Espaço a ser utilizado na exposição



Fonte: Autora (2025)

Mediante a realização de uma força-tarefa conjunta entre estudantes e funcionários, foi possível esvaziar e limpar o espaço. Posteriormente, procedeu-se à recuperação da pintura, conferindo ao ambiente uma nova aparência e revitalizando-o para um novo propósito.

A partir do mês de abril também se iniciou a curadoria do acervo que deveria compor a exposição. Além do acesso a arquivos fotográficos institucionais, foi lançado um convite aos funcionários que disponibilizassem fotografias pessoais que

consideravam importantes para a história da escola e contribuíssem para a narrativa visual da exposição. Realizou-se uma campanha específica para encontrar profissionais que haviam contribuído com a instituição desde a sua inauguração para que enviassem fotos suas para serem colocadas na estação de número 7. Esse esforço contou com o apoio fundamental da secretaria escolar, que forneceu a lista de funcionários, e de professores, que auxiliaram na localização e contato com essas pessoas, esclarecendo o propósito da exposição e solicitando suas fotografias.

Para essa mesma estação, foi realizado um ensaio fotográfico com os atuais funcionários. Como a ideia da exposição memorialística já era de conhecimento de todos, foi combinado no grupo de whatsapp da escola o dia em que seriam feitas as fotos para o memorial. Um grupo de professores se mobilizou para ajudar a produzir as fotografias. As imagens, mesmo amadoras, deveriam destacar a vida na escola e o trabalho de cada profissional. Abaixo segue um exemplo:

Figura 16 - Registro do ensaio fotográfico feito com os profissionais da escola



Fonte: Autora (2025)

Nesse registro aparece o porteiro da escola, Paulo Sérgio, que trabalha na instituição desde 2011, numa cena cotidiana. Conhecido por sua gentileza, Seu Paulo, como é chamado, é o primeiro educador a que a comunidade tem acesso ao chegar na EEEP Alan Pinho Tabosa.

Outra atividade importante foi a elaboração da identidade visual da exposição, criada pela precista e comunicadora social, Evilene Abreu, que por fazer parte do Movimento PRECE e por conhecer a escola, conseguiu compreender muito bem a essência deste trabalho. Abaixo, apresenta-se a logo da exposição, cujo ícone central traz a simbologia da cooperação:

Figura 17 - Logo da Exposição

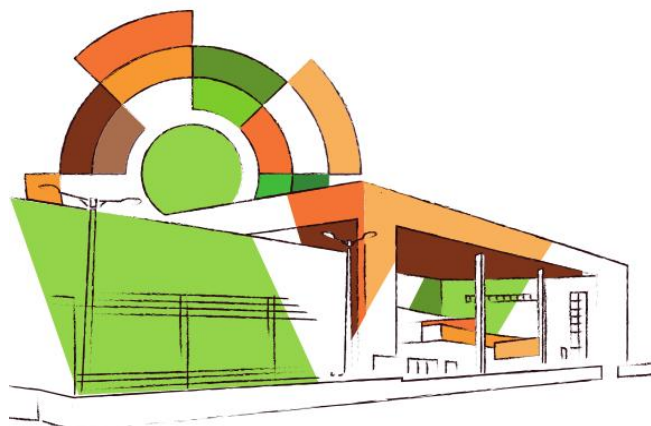


Fonte: Manual de Identidade Visual

Segundo o manual da identidade, o ícone da logo foi inspirado na organização das cadeiras em roda. Ao centro, o círculo representa uma árvore, que simboliza o conhecimento de raízes coletivas. As 13 cores da marca refletem “a diversidade das estações da exposição e traduz, de forma visual, a metodologia do aprender juntos.” (Manual de identidade visual). A escolha dos tons terrosos remete às origens da escola no PRECE, à terra, ao rizoma, à base de sua sustentação; O amarelo traz o protagonismo e a cooperação; as variações de verde refletem os frutos da escola, suas transformações, o esperar.

O manual da identidade visual traz também a ilustração principal que compôs o convite, a placa de apresentação do memorial e outros materiais expográficos:

Figura 18 - Ilustração principal



Fonte: (Manual de identidade visual)

Segundo o manual, “a ilustração principal retrata a escola em traços finos, como desenhada a lápis, resgatando a afetividade da memória escolar. Acima da construção, o ícone da exposição aparece como um sol, irradiando suas cores como luz e inspiração”. (Manual de identidade visual).

A etapa da criação da identidade compreendeu uma fase muito especial no processo de construção da exposição, pois se pretendia com o trabalho expressar a essência da instituição e estabelecer uma conexão emocional com os visitantes e a marca seria um elemento fundamental para que isso acontecesse.

Todo o planejamento da exposição foi realizado com o objetivo de inaugurá-la em junho, mês em que se celebraria os 14 anos da escola. A exposição memorialística foi concebida como um presente para a comunidade. Além disso, junho também seria marcado por outros dois eventos anuais importantes: a Feira Profissional e Cultural (FEPC) e o Dia da Família. Isso permitiria que a exposição alcançasse um maior público. Conforme planejado, a abertura da Exposição Memorial da Escola Alan Pinho Tabosa: Aprendizagem Cooperativa e Solidária aconteceu em 4 de junho de 2025, no mesmo dia em que se realizava a VIII FEPC, e permaneceu aberta ao público durante todo o mês, com previsão de extensão até dezembro do mesmo ano. Abaixo segue o cartaz de divulgação:

Figura 19 - Figura 20: Cartaz de divulgação da exposição



Fonte: Autora (2025)

O recurso foi compartilhado de forma virtual nas redes sociais da autora, da escola e dos professores e também exposto em alguns espaços físicos da instituição.

## **5.2 Exposição Memorial da Escola Alan Pinho Tabosa: Aprendizagem Cooperativa e Solidária**

A Exposição Memorial da Escola Alan Pinho Tabosa: Aprendizagem Cooperativa e Solidária foi inaugurada no dia 04 de junho às 8 horas da manhã e trouxe a placa de apresentação a seguir:

Figura 20 - Figura 21: Placa de apresentação da exposição



Fonte: Autora (2025)

A placa de apresentação da exposição contém o seguinte texto:

A exposição Memorial da Escola Alan Pinho Tabosa: Aprendizagem Cooperativa e Solidária traz um recorte de diversos momentos históricos vivenciados neste espaço de educação, expressos a partir de fotografias, vídeos e escritos que narram sua origem e caminhada até o presente.

A EEEP Alan Pinho Tabosa foi inaugurada na manhã do dia 21 de junho de 2011, compreendendo a 75ª escola da modalidade profissional no estado do Ceará, mas suas raízes se encontram numa comunidade rural não distante daqui, que abrigava sertanejos sonhadores que buscaram o saber por meio da partilha do conhecimento.

A exposição reúne dez estações, onde um grupo de jovens cooperativos celebram a conquista de um sonho - construir uma escola transformadora, que acredita na cooperação e no protagonismo de seus estudantes (Autora, 2025).

A apresentação sugere a perspectiva a partir da qual o memorial foi construído: a visão de uma integrante do movimento educacional PRECE, que por meio das memórias, colhidas dos professores e estudantes elaborou a narrativa da história da escola em dez estações.

A primeira delas chama-se *Rizoma: como tudo começou* e apresenta as origens da instituição no Movimento PRECE, iniciado em 1994 no interior do Ceará, o qual transformou a vida de muitos sertanejos a partir da cooperação e da solidariedade. A

estação é composta por dez fotografias, um texto explicativo e um desenho de um juazeiro, símbolo da história do movimento, desenhado por uma estudante egressa.

Figura 21 - Estação 1: Rizoma: como tudo começou



Fonte: Autora (2025)

As 10 fotografias trazem imagens dos precistas estudando juntos, a célula dos 7 primeiros estudantes, os primeiros universitários do movimento e também o fundador do PRECE, Manoel Andrade, e sua companheira, Ana Maria. A placa explicativa apresenta o seguinte texto:

No ano de 1994, 7 jovens - Beto, Eudimar, Francisco, Noberto, Orismar, Raquel e Toinho - liderados por um professor da Universidade Federal do Ceará, Manoel Andrade, oriundo da comunidade de Cipó, reuniu-se numa casa de farinha abandonada para se ajudarem e, juntos, concluírem seus estudos básicos. Sob os juazeiros que rodeavam a velha casa, eles compartilhavam não só os conteúdos dos livros, mas suas alegrias, tristezas e, principalmente, seus sonhos. Daquela primeira célula nasceria o Projeto Educacional Coração de Estudante, o PRECE. Com o passar dos anos, vieram as aprovações para as principais universidades do estado. À medida que eram aprovados, os jovens retornavam para ajudar aqueles que ficaram a conquistar o mesmo feito, e o pequeno grupo de estudantes foi crescendo e se expandindo para outros locais, transformando-se em um grande movimento de cooperação e de solidariedade. Ao longo da caminhada, as principais lideranças desse movimento compreenderam que a melhor maneira de possibilitar ao maior número de pessoas uma educação com base nos princípios do PRECE era chegando aos espaços de educação formal.

O PRECE precisava chegar às escolas públicas (Autora, 2025).

Entre a primeira e a segunda estação estabeleceu-se uma linha do tempo denominada *“Do juazeiro à escola”* com dez momentos marcantes desde a formação da primeira célula, em 1994, até a conquista da gestão de uma escola, baseado em Barbosa (2016).

Figura 22 - Linha do tempo: do juazeiro à escola



Fonte: Autora (2025)

Os 10 momentos marcantes da história do Movimento PRECE, escolhidos a partir de Barbosa (2016), foram colocados em destaque cronologicamente:

- 1994 - É formada a primeira célula de estudantes na comunidade de Cipó a partir da qual nasceria o PRECE;
- 1996 - Francisco Antonio, o Toinho, é aprovado em 1º lugar para o curso de Pedagogia na Universidade Federal do Ceará;
- 1998 - O PRECE é reconhecido como projeto de extensão da UFC em razão do retorno dos precisistas para desenvolverem projetos educacionais nas suas comunidades de origem;
- 2002 - Com as notícias de aprovações dos jovens do sertão na principal universidade do estado, dezenas de estudantes saem da sede do município para o Cipó em busca do PRECE;
- 2003 - Inicia-se a multiplicação do PRECE para a sede de Pentecoste, para outras comunidades e municípios;

- 2005 - Lideranças precistas descobrem que a sua vivência educacional se assemelha à Aprendizagem Cooperativa, metodologia amplamente estudada no mundo;
- 2008 - O PRECE promove, em Pentecoste, o Movimento em Defesa da Escola Pública com o objetivo de sensibilizar a população para discutir melhorias em prol da educação, e a classe política para assumir um compromisso com a causa;
- 2009 - Início da parceria PRECE e Secretaria da Educação do Estado - SEDUC;
- 2009 - O fundador do movimento PRECE é convidado a assumir um programa de bolsas em Aprendizagem Cooperativa na UFC;
- 2011 - O PRECE conquista a gestão de uma escola pública estadual no município de Pentecoste.

A segunda estação, *A conquista de uma escola*, traz as lideranças do Movimento PRECE na gestão da EEEP Alan Pinho Tabosa, inaugurada em junho de 2011. A estação é composta por onze fotografias e um texto explicativo, dispostos como na imagem a seguir:

Figura 23 - Figura 24: Estação 2: A conquista de uma escola



Fonte: Autora (2025)

As fotografias trazem cenas da inauguração da escola, os três professores da UFC que atuavam como cogestores da instituição e também o jovem que dá nome à escola, Alan Pinho Tabosa. O texto explicativo apresenta a seguinte mensagem:

Após 17 anos de inegável contribuição à educação dos jovens do sertão do Ceará, no dia 21 de junho de 2011, o espírito da cooperação e da solidariedade encontrou uma nova casa.

Um termo de parceria entre SEDUC e Universidade Federal do Ceará concedeu a esta a gestão pedagógica da EEEP Alan Pinho Tabosa - que ora se inaugurava - por meio dos professores Manoel Andrade Neto, Ana Célia Clementino Moura e Audísio Dias Filho. Eles seriam responsáveis por construir a equipe e o projeto pedagógico que levariam o DNA do PRECE a essa escola.

Para a comunidade, que talvez desconhecesse as questões políticas que giravam em torno da coordenação desse equipamento, a inauguração do imponente prédio com a presença de tantas pessoas importantes despertava além da curiosidade, a esperança de mais oportunidades para seus jovens. Para os precisistas, esse momento teve o doce sabor de um sonho realizado (Autora, 2025).

A estação de número 3, **O início de um sonho**, expõe os seis primeiros meses de trabalho, possibilitando aos jovens uma vivência de educação até então não experimentada por eles e marcando a consolidação de um sonho antigo dos precisistas de estar formalmente dentro de uma escola. A estação foi construída a partir de vinte e cinco fotografias e um texto explicativo:

Figura 24 - Estação 3: O início de um sonho



Fonte: Autora (2025)

As fotografias trazem as primeiras células de estudos da escola, as aulas de campo, as oficinas de Aprendizagem Cooperativa realizadas. Apresentam também os primeiros professores que aceitaram o desafio de construir uma nova forma de ensinar e aprender,

bem como alguns dos voluntários que colaboravam com a instituição. A placa explicativa traz o seguinte texto:

A inauguração da EEEP Alan Pinho Tabosa em 21 junho de 2011 foi um momento marcado pela alegria e pela esperança, e o peso da responsabilidade de construir a escola dos sonhos de tantos jovens estava batendo à porta. Os últimos meses do ano foram dedicados a um trabalho de adaptação à Aprendizagem Cooperativa com os estudantes do 9º ano da rede municipal, chamado de Rumo ao Ensino Médio. Muitos seriam os desafios de vivenciar uma nova metodologia e de vencer o individualismo presente na nossa cultura, mas Elton, Ednaldo, Tony, Viviane, Delson, Regivaldo, Jocélio, Aline, Daiana e Nicelly, com a ajuda de voluntários e o apoio pedagógico da UFC, estavam firmes no propósito de trazer a esta escola uma nova forma de aprender.

A quarta estação, **Aprendizagem Cooperativa e Solidária**, apresenta, em banner, o modelo de escola construído ao longo dos anos, baseado na teoria da Aprendizagem Cooperativa, amplamente estudada por diversos pesquisadores e nas práticas educativas do Movimento PRECE.

Figura 25 - Estação 4: Aprendizagem Cooperativa e Solidária



Fonte: Autora (2025)

O banner traz as cinco premissas da Aprendizagem Cooperativa e Solidária, Educação Emocional, Autodeterminação, Solidariedade, Cooperação e Liderança Estudantil associadas a iniciativas, projetos e ações que constroem a escola.

A quinta estação, **Para ficar na memória**, coloca em destaque dez momentos marcantes da história da escola a partir de quatorze fotografias representativas. Além das imagens, a estação apresenta três documentos muito simbólicos para a instituição: o juramento, utilizado nas cerimônias de colação de grau, que chama a atenção pela extensão e beleza, o texto lido no primeiro café da manhã de acolhimento aos estudantes e suas famílias e o modelo de carta a partir do qual as famílias escrevem uma mensagem dedicadas aos seus filhos para ser no dia da festa de formatura.

Figura 26 - Estação 5: Para ficar na memória



Autora (2025)

Os dez momentos marcantes que compõem a estação foram escolhidos a partir de sugestões dos professores. São eles:

- O primeiro café da manhã de recepção aos estudantes e às suas famílias, o qual simboliza a comunhão, o acolhimento e a disposição da escola em servir à comunidade (02 de fevereiro de 2012);
- A visita dos irmãos David e Roger Johnson, professores da Universidade de Minnesota, dos Estados Unidos, estudiosos da metodologia da Aprendizagem Cooperativa (13 de dezembro 2012);
- A solenidade de Colação de Grau da primeira turma (31 de janeiro de 2015);
- A visita do Magnífico Reitor da Universidade Federal do Ceará, Henry Campos e do Vice-reitor, Custódio Almeida, para realizarem o reconhecimento da escola e participarem do encerramento e certificação do primeiro ciclo de formação dos Coordenadores de Células (30 de junho de 2015);
- A primeira edição do Dançart, projeto coordenado pela professora e arte-educadora, Geisiane Andrade, o qual visa levar a toda a comunidade escolar o conhecimento e a valorização de danças folclóricas e populares. Atualmente, a culminância desse projeto se constitui um importante evento cultural da cidade (22 de outubro de 2015);
- A Participação dos estudantes Mateus Lessa e Gescilam Mota, egressos da Alan Pinho, no Programa Duplo Diploma de Graduação em Engenharia, a partir do qual

receberiam diploma de graduação na Universidade Federal do Ceará e nas Universidades francesas de Lille e Nantes (11 de novembro de 2016);

- A entrada da EEEP Alan Pinho Tabosa na rede global de escolas transformadoras, a qual conta com 250 instituições em 28 países. Essas escolas são reconhecidas a partir dos seguintes critérios: criatividade, empatia, trabalho em equipe e protagonismo (29 de julho de 2016);
- A publicação de uma matéria sobre a EEEP Alan Pinho Tabosa na capa do Diário do Nordeste em razão de a escola estar inserida em bairro vulnerável e apresentar Ideb acima da média da rede estadual (05 de outubro de 2020);
- A participação da aluna Lorena Viana, representando todos os estudantes das escolas públicas do Brasil, na cerimônia de sanção da Lei que institui o Programa Escola em Tempo Integral no Palácio do Planalto, Praça dos Três Poderes, em Brasília (DF) (31 de julho de 2023);
- A Participação da EEEP Alan Pinho Tabosa no Fórum Global do Programa Escolas 2030 com o tema “Resiliência Climática”, no Quirguistão, na Ásia (11 a 13 de Junho de 2024).

A sexta estação, **Formação para o trabalho**, apresenta imagens dos processos de formação profissional que caracterizam a modalidade da instituição.

Figura 27 - Estação 6: Formação para o trabalho

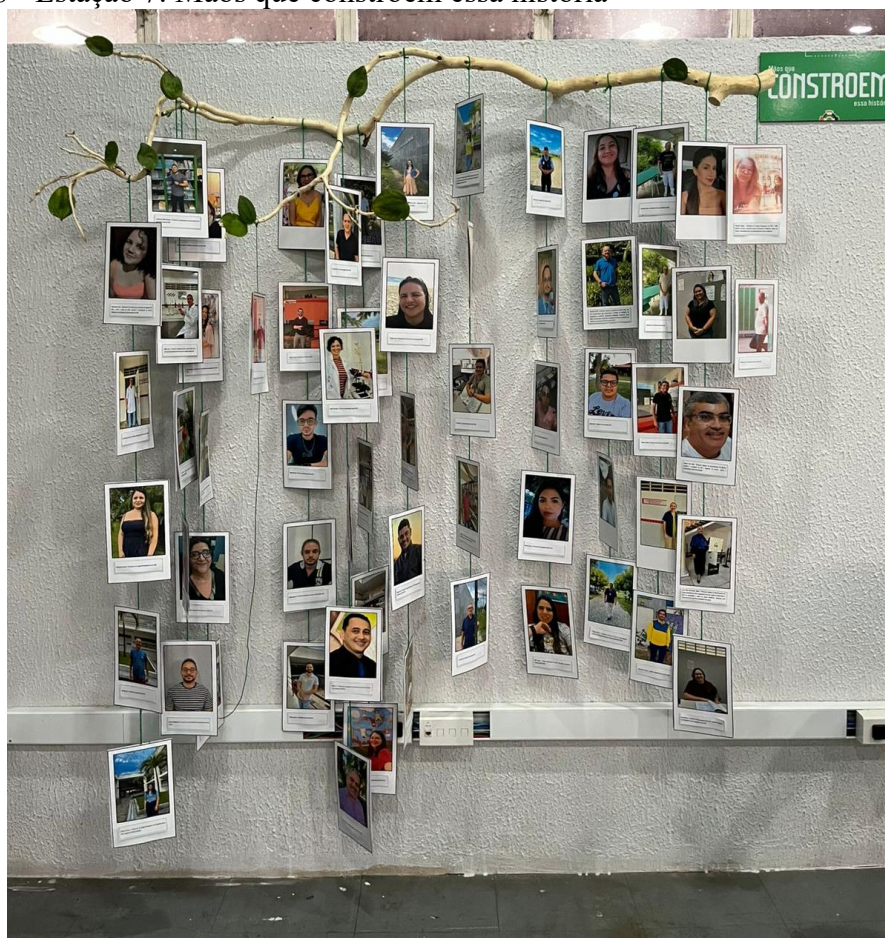


Fonte: Autora (2025)

As 40 fotografias escolhidas destacam experiências práticas da formação profissional oferecida pela escola em diferentes ciclos nos cursos de Agroindústria, Aquicultura, Informática e Química.

A sétima estação, **Mãos que constroem essa história**, é composta por imagens dos trabalhadores que colaboraram e colaboram para a construção da EEEP Alan Pinho. A seção foi estruturada a partir de um galho de juazeiro e traz profissionais de todas as gerações da escola.

Figura 28 - Estação 7: Mãos que constroem essa história



Fonte: Autora (2025)

A oitava estação, **Cotidiano**, coloca em evidência, a partir das fotografias e das edições do *Jornal Interação*, o dia a dia dos estudantes e dos professores, as aulas, os projetos, os intervalos, as festas, a escola acontecendo.

Figura 29 - Estação 8: Mãos que constroem essa história



Fonte: Autora (2025)

A estação de número 9, **Sobre nós**, apresenta produções audiovisuais sobre a instituição, que ganhou destaque e reconhecimento por ser uma escola de Aprendizagem Cooperativa e Solidária.

Figura 30 - Estação 9: Sobre nós

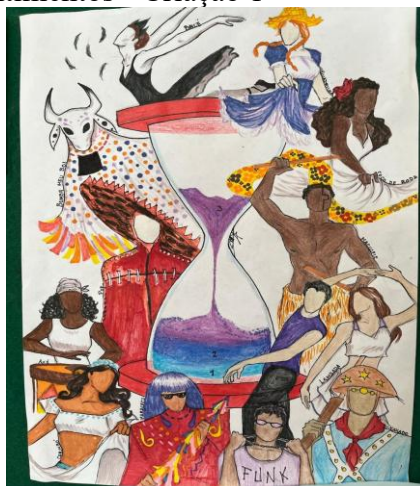


Fonte: Autora (2025)

Foram disponibilizados QRcodes de acesso a quatro documentários produzidos sobre a EEEP Alan Pinho Tabosa: Sementes da educação (2018), Corações e mentes (2019), *Peer to peer learning* in Pentecoste (2023) e Novo Ensino Médio: é sobre isso (2023). No dia da inauguração da exposição, os documentários foram exibidos na sala ao longo do dia.

A décima e última estação, **Sentimentos**, traz algumas criações (poemas, desenhos, relatos) dos estudantes de 1ª série sobre seus sentimentos em relação à escola. As produções foram dispostas em um flanelógrafo, encerrando o percurso da exposição. Abaixo seguem dois exemplos:

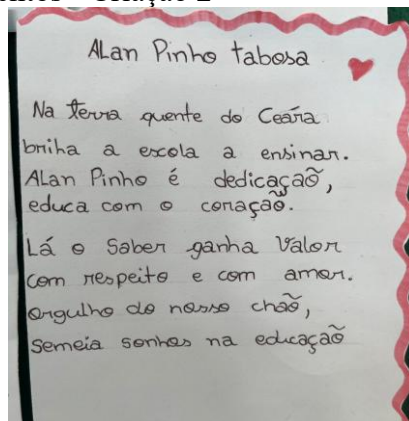
Figura 31 - Estação 10: Sentimentos - Criação 1



Fonte: Autora (2025)

O desenho faz referência à culminância do projeto Dançart, que marca de forma muito positiva a passagem dos estudantes pela Alan Pinho.

Figura 32 - Estação 10: Sentimentos - Criação 2



Fonte: Autora (2025)

A imagem traz um pequeno poema sobre o sentimento da aluna em relação à escola, destacando de forma clara o afeto envolvido no processo de aprendizagem.

### 5.3 Validação do produto

Após a construção da Exposição Memorial da Escola Alan Pinho Tabosa: Aprendizagem Cooperativa e Solidária, os professores e profissionais da administração e secretaria escolar, que somavam 53 pessoas, foram convidados a validar o produto educacional, das quais 17 aceitaram participar e responderam ao formulário do Google contendo quatro assertivas (Apêndice F) e um item para se realizar sugestões ou observações.

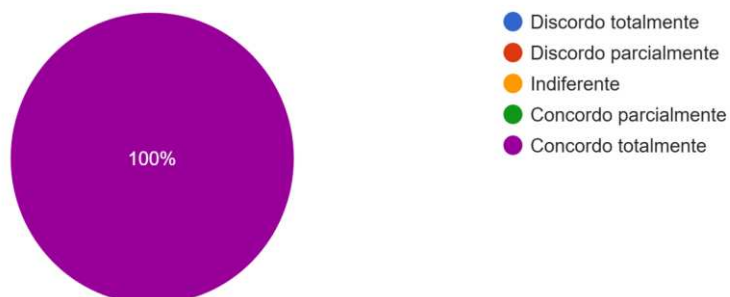
Para cada assertiva, os funcionários deveriam indicar seu nível de concordância, assinalando se concordavam totalmente ou parcialmente, se eram indiferentes ou se discordavam totalmente ou parcialmente.

Em todas as assertivas, 100% dos respondentes assinalaram que concordavam totalmente, como evidenciam os gráficos:

Gráfico 1 - Reunião de elementos da memória afetiva

1. As informações expostas na sala reúnem elementos da memória coletiva da EEEP Alan Pinho Tabosa

17 respostas

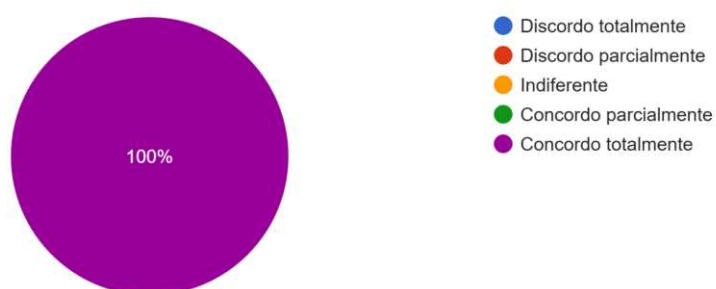


A segunda assertiva buscou compreender se a Aprendizagem Cooperativa e Solidária esteve representada de forma clara na exposição.

Gráfico 2 - Presença do tema da Aprendizagem Cooperativa e Solidária na exposição

2. O tema da Aprendizagem Cooperativa e Solidária, marca da instituição, foi colocado de forma clara em textos e imagens

17 respostas

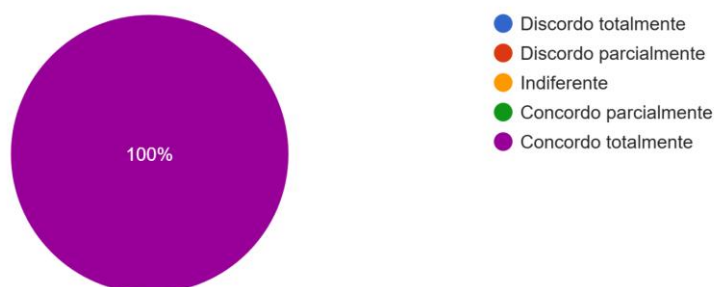


A assertiva de número 3 trouxe uma afirmação sobre a linguagem utilizada:

Gráfico 3 - Linguagem Utilizada

3. A exposição apresenta uma linguagem que a comunidade escolar consegue acessar

17 respostas



A quarta assertiva tentou compreender a visão dos respondentes sobre a organização estética da sala:

Gráfico 4 - Organização estética

4. A exposição apresenta uma organização estética visualmente atrativa

17 respostas



O quinto item trouxe um espaço para observações, no qual os funcionários puderam expressar suas considerações e oferecer sugestões. As observações foram organizadas em 3 categorias: aprovação e conexão emocional, eficácia na comunicação e sugestão de melhorias

Quadro 8 - Observações realizadas na validação do produto educacional

Aprovação e conexão emocional	Eficácia na comunicação e no cumprimento do seu objetivo	Sugestão de melhorias
Foi emocionante ver a primeira vez	A exposição foi muito assertiva! Linguagem de fácil compreensão para a comunidade escolar e externa, disposição bem	Eu sugiro uma linha do tempo, bem objetiva destacando as mudanças que a Aprendizagem Cooperativa e Solidária

	planejada dos elementos que ilustram do início, das raízes do Prece, até os dias atuais.	
O memorial nos trouxe um sentimento de nostalgia, muito importante rever e reviver as memórias da nossa história de superação, cooperação e solidariedade. Parabéns.	A Exposição Memorial conseguiu reunir os elementos essenciais da origem, da formação e da permanência do trabalho realizado com Aprendizagem Cooperativa e Solidária na escola Alan Pinho Tabosa	trouxe ao longo do tempo e as metas e sonhos a longo prazo. E as contribuições que o memorial deverá trazer para a comunidade ou áreas específicas educacionais.
	A Exposição Memorial apresenta de forma clara e envolvente o conceito e as práticas de Aprendizagem Cooperativa e Solidária, desde suas raízes que foram iniciadas em uma comunidade rural do município com o PRECE. A escolha dos materiais expostos demonstra sensibilidade histórica e valorização da memória, permitindo que o visitante compreenda tanto o contexto teórico quanto às experiências concretas vivenciadas. A organização do espaço facilita o percurso e a assimilação das ideias, com recursos visuais e textuais bem equilibrados. Um trabalho lindo e emocionante!	
	O memorial foi de suma importância para mostrar um pouco da história de como começou a EEEP ALAN PINHO TABOSA para os alunos da escola e em especial para os	

	visitantes da comunidade escola que puderam compreender o modelo de ensino da aprendizagem cooperativa e solidária e se engajar junto com a escola no processo de aprendizagem de seus filhos e da sociedade que cercam a escola.	
--	---	--

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

As respostas evidenciam que o produto Exposição Memorial da Escola Alan Pinho Tabosa: Aprendizagem Cooperativa e Solidária foi bem aceito e atendeu a expectativas básicas como o cumprimento dos objetivos propostos, a conexão emocional com os visitantes e à ideia de criação de um espaço de memória viva, que pensa e reflete sobre o que virá adiante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os questionamentos que levaram à elaboração deste trabalho e orientaram o estudo foram quatro. Os dois primeiros: “como a EEEP veio a se estabelecer na cidade de Pentecoste e de que forma um movimento de educação informal chegou à gestão de um equipamento como esse?” Para respondê-los recorreu-se às narrativas orais dos fundadores da escola, que, a partir do seu ponto de vista, contaram sobre o processo de implantação da escola na cidade e sobre as movimentações políticas necessárias para que ela estivesse sob a gestão do PRECE. Foi realizada também uma pesquisa documental em sites de notícias locais para buscar compreender o que significou para a comunidade a chegada da chamada escola técnica na cidade. Também se analisou documentos audiovisuais e fotografias do acervo da escola ou de outras fontes referentes a esse processo e outros documentos escritos, à medida que o trabalho ia se desenvolvendo e novos tópicos temáticos iam emergindo. Os resultados da narrativa construída sugerem que os espaços de educação sempre são alvos de disputa política e cabe à sociedade, organizada ou não, que consegue compreender esse conflito, lutar para que os interesses coletivos estejam acima de quaisquer outros.

A outra questão da pesquisa tentava compreender como se deu o processo de recriação da vivência do Movimento PRECE dentro da EEEP Alan Pinho Tabosa. A partir das entrevistas com os gestores da escola foi possível responder. Alguns aspectos da vivência educacional do PRECE precisaram passar por uma sistematização. O que antes era experienciado de forma espontânea e natural foi transformado em sequência didática, oficinas, projetos etc. A metodologia da Aprendizagem Cooperativa foi uma importante ferramenta nesse processo. A junção da experiência do PRECE com a Aprendizagem Cooperativa resultou no modelo de escola de Aprendizagem Cooperativa e Solidária. Os desafios da construção dessa escola foram muitos e um dos entrevistados, aparentemente, chegou a se sentir frustrado por avaliar que a escola estava se distanciando do movimento que a gerou, tornando-se “rígida” nos seus tempos e espaços.

Distante ou não do que foi vivido pelos precisas da casa de farinha, as respostas à última pergunta: “Quais memórias professores e estudantes guardam da experiência educativa dentro da instituição?”, indicaram que o trabalho desenvolvido está dando bons frutos. Os entrevistados rememoraram momentos marcantes e refletiram sobre os impactos da formação recebida na instituição para suas vidas. Os eventos significativos e contribuições mencionadas referem-se a valores como a cooperação, a justiça social e a

solidariedade, demonstrando que a escola promoveu muito mais que formações acadêmica e profissional, mas humana.

Tais questões foram respondidas ao longo de uma narrativa construída a partir dos dados reunidos, seguindo o roteiro proposto por Nosella e Buffa (2008) para as pesquisas com instituições escolares. Acredita-se que respondendo aos questionamentos iniciais, os objetivos também foram atendidos.

Como proposta de produto educacional elaborou-se a Exposição Memorial da Escola Alan Pinho Tabosa: Aprendizagem Cooperativa e Solidária, que, muito mais do que contar a história da escola e celebrar suas conquistas ao longo dos anos, despertou a comunidade para a importância de manter vivas as memórias coletivas. Prova disso, foi o engajamento da equipe de profissionais na realização das tarefas planejadas para execução do projeto. A partir da ideia inicial da exposição memorialística, nascerão outras ações relacionadas ao tema: a primeira delas é a criação de um núcleo de memória na escola, o qual deverá inicialmente ser composto por funcionários e estudantes interessados, que serão responsáveis por liderar novas iniciativas nessa área.

Este trabalho ofereceu uma pequena contribuição à história das instituições escolares apresentando a construção histórica da EEEP Alan Pinho Tabosa, escola de Aprendizagem Cooperativa e Solidária. Para as futuras pesquisas seria relevante ouvir narrativas de outros sujeitos, como familiares, moradores do entorno da escola e políticos locais para ampliar a perspectiva da história.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Ana Maria Teixeira. **Narrativas de vida e formação de estudantes e lideranças do Programa de Educação em Células Cooperativas**. 2019. 457f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza (CE), 2019.
- ANDRADE-NETO, Manoel. **À Sombra de Juazeiros: eu fui à luta com esses estudantes; a história do Movimento Prece de Aprendizagem Cooperativa e Solidária**. Fortaleza: Imprece, 2025.
- BASE, Documento. **Educação profissional técnica de nível médio integrada ao ensino médio**. 2007.
- BARBOSA, M. S. **Relações entre os valores do Programa de Educação em Células Cooperativas (PRECE) e os valores pessoais de seus participantes**. 2016. 232f. – 76 Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Fortaleza, 2016.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo** (Tradução Luís Antero Reto). **São Paulo, Brasil: Edições**, v. 70, 2016.
- BRASIL, CAPES. Documento de Área – Ensino. Brasília, 2019.
- Blog do Raimundo Moura: nos bastidores do poder, Pentecoste, dezembro. 2020. Disponível em: <https://www.blogdoraimundomoura.com.br/2020/12/escola-alan-pinho-de-pentecoste-esta.html> Acesso em 26 de março de 2024.
- BURKE, Peter. **A história como memória social. O mundo como teatro**. Lisboa: Difel, 1992.
- CANDAU, Joel. Memória e identidade; tradução. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.
- CÂNDIDO, Francineuma Guedes; JUCÁ, Sandro César Silveira; SILVA Solonildo Almeida. **Entre a história e a memória: Subsídios para o processo histórico do Instituto Federal do Ceará**. 1. ed. - Rio de Janeiro: PoD, 2020.
- CARDEIRA, Ana Rita. **Educação emocional em contexto escolar**. Portal dos Psicólogos, 2012.
- CARDINI, F. **A memória coletiva no pensamento de M. Halbwachs**. /Conferência proferida no Instituto de Psicologia na Universidade de São Paulo em 10 de novembro de 1993.
- CASASSUS, Juan. **Fundamentos da educação emocional**. – Brasília: UNESCO, Liber Livro Editora, 2009.

CIAVATTA, Maria. **A cultura material escolar em trabalho e educação.** A memória fotográfica de sua transformação. Revista Educ. e Filos., v.23, n.46, p.37-72, jul./dez. 2009.

CIAVATTA, Maria. **A formação integrada a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade.** Revista Trabalho Necessário, v. 3, n. 3, 2005.

CIAVATTA, Maria. **O ensino integrado, a politecnia e a educação omnilateral: Por que lutamos?/The integrated education, the polytechnic and the omnilateral education. Why do we fight?.** Trabalho & Educação, v. 23, n. 1, p. 187-205, 2014.

CIAVATTA, Maria. **Trabalho como princípio educativo. Dicionário da educação profissional em saúde,** v. 2, p. 408-415, 2009.

CIDADE no Ceará em emergência pela seca. **G1 Ceará,** 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/ceara/noticia/2014/10/cidade-no-ceara-em-emergencia-pela-seca-faz-ate-bingo-para-sortear-poco.html>. Acesso em 26 de março de 2024.

CUNHA, Luiz Antônio Constant Rodrigues da. **O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização.** São Paulo: Unesp, Brasília, DF: Flacso, 2000.

DA COSTA, Antonio Max Ferreira; RODRIGUES, Joentina Firmina; DO NASCIMENTO, José Mateus. **As categorias “memória” e “memória da educação profissional” nas concepções de Jaques le Goff, Maurice Halbwachs e Maria Ciavatta.** Universidade Federal da Paraíba. Revista Temas em Educação, v. 29, n. 1, 2020.

DA SILVA, Lucas Melgaço; CIASCA, Maria. **História da Educação Profissional no Brasil: do período colonial ao governo Michel Temer (1500-2018). Educação Profissional e Tecnológica em Revista,** v. 5, n. 1, p. 73-101, 2021.

EEEP ALAN PINHO TABOSA. Inauguração EEEP Alan Pinho Tabosa. You Tube, 2018. 1:02:23. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wkm1vRKs22g&t=7s>. Acesso em: 10 de agosto de 2025.

ERRANTE, Antoinette. **Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar.** In: História da Educação. Vol. 4 – n. 8. Pelotas: UFPel. Setembro, 2000, p. 141 – 174.

ESCOLA Profissionalizante de Aracoiaba. **Construtora Morais Vasconcelos, 2019.** Disponível em: <http://www.cmveng.com.br/index.php/2019/03/11/escola-profissionalizante-aracoiaba>. Acesso em 26 de março de 2024.

FONSECA, Celso Sucko da. **História do ensino industrial no Brasil.** 2ª. ed., 5 v. Rio de Janeiro: SenaiDN, 1986.

FREIRE, Paulo; Ana Maria Araújo; OLIVEIRA, Walter Ferreira de. **Pedagogia da Solidariedade.** São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FIRMIANO, Ednaldo Pereira. **Aprendizagem Cooperativa na sala de aula**. Programa de Educação em células cooperativas – PRECE, 2011.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Teoria e práxis e o antagonismo entre a formação politécnica e as relações sociais capitalistas**. Trabalho, educação e saúde, v. 7, p. 67-82, 2009.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. **Trabalho como princípio educativo**. In: SALETE, R.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Org.). *Dicionário da educação do campo*. Rio de Janeiro: Escola Politécnica Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, p. 748-759, 2012.

GARRIDO, Joan del Alcàzar. **As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate**. Revista Brasileira de História, São Paulo, vol.13, n.25, p. 33-54, set.92/ago.1993.

GOLEMAN, D. (2003) **Inteligência Emocional** (12ª ed.). Lisboa. Temas editoriais

GUAZI, T. S. **Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas**. Revista Educação, Pesquisa e Inclusão, v. 2, p. 1-20, 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo. Editora Revista dos Tribunais, 1990.

INSTITUTO DE CO-RESPONSABILIDADE PELA EDUCAÇÃO (ICE). Manual operacional **Modelo de Gestão –Tecnologia Empresarial Socioeducacional (TESE):uma nova escola para a Juventude Brasileira (escolas de ensino médio em tempo integral)**. Disponível em: [https://www.ccv.ufc.br/newpage/conc/seduc2010/seduc\\_prof/download/Manual\\_Gestao.pdf](https://www.ccv.ufc.br/newpage/conc/seduc2010/seduc_prof/download/Manual_Gestao.pdf) Acesso em jan. 2024.

JOHNSON, D. W.; JOHNSON, Roger T.; HOLUBEC, Edythe Johnson. **Cooperation in the classroom** - 2011 trainer's manual. Minnesota: Interaction Book Company, 2011.

KUENZER, A. Z. (org.). **Ensino médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2007.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **Memória e História**. Campinas: Unicamp, 1990, p.423-483.

LOPES, J.; SILVA, H. S. **Aprendizagem Cooperativa na sala de aula: um guia prático para o professor**. Lisboa: LIDEL, 2009.

MACIEL, Cosme Leonardo Almeida. Educação integral: limites e possibilidades sob a hegemonia do capital. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 10, n. 20, p. 405 a 426-405 a 426, 2015.

MAGALHÃES, J. **Contributo para a História das Instituições Educativas** - entre a memória e o arquivo. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 19., Caxambu. Anais... Caxambu: Anped, 1996. Mimeog.

MANFREDI, Silvia Maria. **Educação profissional no Brasil: atores e cenários ao longo da história**. Paco Editorial, 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados** - 5. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

MATOS, Catarina da Graça Almeida. **Aprendizagem cooperativa em sala de aula na EEEP Alan Pinho Tabosa-CE e sua relação com uma cultura de paz, sob a ótica das juventudes**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

MARTINS, Artemis. **Educação e formação humana em Marx e Engels**. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2018/05/05/educacao-e-formacao-humana-em-marx-e-engels/#sdfootnote1sym>. Acesso em: 08 de jun de 2024.

MENDONÇA, A. P. **O que contém e o que está contido em um Processo/Produto Educacional?**: Reflexões sobre um conjunto de ações demandadas para Programas de Pós-Graduação na Área de Ensino . Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico, Manaus, Brasil, v. 8, n. :, p. e211422, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.31417/educitec.v8.2114>. Acesso em: 15 set. 2025

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Brasil Profissionalizado. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/brasil-profissionalizado> > Acesso em 10 de jun de 2024.

MOREIRA, Manuel Area. **Los medios de enseñanza: conceptualización y tipología**. Quaderns Digitals, 2010. Disponível em: <https://ced.enallt.unam.mx/blogs/socio-pragmatica/files/2013/06/Manuel-Moreira1.pdf>.

MOURA, Dante Henrique et al. **Politecnia e formação integrada: confrontos conceituais, projetos políticos e contradições históricas da educação brasileira**. **Revista brasileira de educação**, v. 20, n. 63, p. 1057-1080, 2015.

MOURA, Raimundo. **Escola Profissionalizante de Pentecoste é inaugurada**. Blog do Raimundo Moura, 21 jun. 2011. Disponível em <https://www.blogdoraimundomoura.com.br/2011/06/inauguracao-da-escola.html?m=1> . Acesso em: 15 jul. 2025.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares**. Tradução: Yara Aun Khoury. São Paulo: Projeto História n.10. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História, 1993.

NOSELLA, Palolo; BUFFA, Ester. **Instituições escolares: por que e como pesquisar**. Alínea, 2009.

QUEIROZ, Talita Feitosa de Moisés. **Escola estadual de educação profissional Alan Pinho Tabosa: disparadas juvenis na formação de uma escola pública.** 2022. 183 f. Dissertação (Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

RAMOS, Marise Nogueira. **História e política da educação profissional.** Curitiba: Instituto Federal do Paraná, v. 5, 2014.

RAMOS, Tony Wérison de Sousa. **Programa de educação em células cooperativas: Prática e prece pela emancipação social de pentecoste.** 2009.

RIBEIRO, Ellen Cristine dos Santos et al. **A educação profissional no Ceará sob a crítica marxista: História, política e especificidades.** Revista e-Curriculum, v. 18, n. 2, p. 1017-1039, 2020.

RIZZATTI, I. M.; MENDONÇA, A. P.; MATTOS, F.; RÔÇAS, G.; SILVA, M. A. B. V.; CAVALCANTI, R. J. S.; OLIVEIRA, R. R. **Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores.** Actio Docência em Ciências, v. 5, n.2, Curitiba, p. 1-17, jul. 2025.

RÜSEN, J. **Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography,** Ouro Preto, v. 2, n. 2, p. 163–209, 2009. DOI: 10.15848/hh.v0i2.12. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/12>. Acesso em: 14 fev. 2024.

SEDUC - Secretaria de Educação do Estado do Ceará. (n.d.). **Educação profissional: Conheça o trabalho, a estrutura e os resultados das Escolas Estaduais de Educação Profissional do Ceará.** Disponível em: <https://educacaoprofissional.seduc.ce.gov.br/apresentacao/>. Acesso em 11 de novembro de 2023.

SETEC/MEC. **Proposta em discussão: políticas públicas para a educação profissional e tecnológica.** 2004.

SOUSA, Francisco Milton de. **Aprendizagem cooperativa em aulas de química: análise da correlação entre desempenho acadêmico e cooperativo versus responsabilidade individual e interação promotora na Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa em Pentecoste-CE.** 2015. Dissertação (Mestrado em Química) — Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Fotografias escolares: a leitura de imagens na escola primária.** Educar, Curitiba, n.18, p.75-101. 2001. Editora da UFPR.

## **APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS – GRUPO 1 (ESTUDANTES EGRESSOS)**

### **Identificação**

1. Qual o seu nome, sua idade e sua cidade?
2. Em qual período estudou na EEEP Alan Pinho Tabosa, qual curso você fez e qual a sua ocupação atualmente?

### **Experiência na escola**

1. O que fez você escolher essa instituição para cursar o ensino médio?
2. Esta escola se destaca pela utilização da metodologia de aprendizagem cooperativa e solidária, cujos princípios se refletem no cotidiano escolar e não apenas nas atividades em sala de aula. Essa metodologia foi capaz de oferecer alguma contribuição para a sua formação profissional e pessoal? Se sim, nos diga quais.
3. Que eventos/acontecimentos/projetos despertaram suas melhores emoções e marcaram sua trajetória no ensino médio?
4. Quais as lembranças você gostaria de nos contar sobre a sua vivência na escola?
5. O que esta instituição lhe ensinou que não foi aprendido nos livros didáticos?

## **APÊNDICE B –PROFESSORES QUE NÃO PASSARAM PELO PRECE**

### **Identificação**

1. Qual o seu nome, sua idade?
2. Qual a sua formação, qual disciplina leciona e há quanto tempo trabalha na instituição?

### **Experiência na escola**

1. Por que razão decidiu trabalhar nesta escola?
2. Quais experiências vivenciadas na EEEP Alan Pinho mais lhe marcaram?
3. Você teve dificuldades para se adaptar ao modelo de escola? Caso tenha tido, descreva. Caso não tenha tido, diga que fatores colaboram para isso.
4. Quais as melhores lembranças que você tem da sua vivência no cotidiano escolar da instituição?
5. Na sua avaliação, qual a sua maior contribuição para a vida profissional e/ou pessoal dos jovens que passaram pela instituição e para a comunidade?

## **APÊNDICE C- PROFESSORES QUE PASSARAM PELO PRECE**

### **Identificação**

1. Qual o seu nome, sua idade?
2. Qual a sua formação, qual disciplina leciona e há quanto tempo trabalha na instituição?
3. Em qual período você participou do movimento PRECE?

### **Experiência na escola**

1. Como o PRECE se faz presente na Alan Pinho? O que se perdeu do PRECE nessa passagem da educação informal para a formal?
2. Que experiência vivida por você no PRECE é levada para a sua prática docente?
3. Quais experiências vivenciadas na EEEP Alan Pinho mais lhe marcaram?
4. Quais as melhores lembranças que você tem da sua vivência no cotidiano escolar da instituição?
5. Na sua avaliação, qual a sua maior contribuição para a vida profissional e/ou pessoal dos jovens que passaram pela instituição e para a comunidade?

## **APÊNDICE D - ROTEIRO PARA ENTREVISTAS – GRUPO PROFESSORES GESTORES QUE ESTAVAM PRESENTES NA FUNDAÇÃO DA ESCOLA**

### **Identificação**

1. Qual o seu nome, sua idade?
2. Qual a sua formação e por quanto tempo trabalha/trabalhou na EEEP como gestor? Qual cargo você ocupa/ocupou?
3. Explique como você chegou à gestão desta escola.

### **Experiência na escola**

1. (Professores gestores) Conte como se deu o processo de implementação desta escola na cidade e da metodologia de ACS nesse contexto (educação formal)?
2. Quais os maiores desafios você encontrou para manter o projeto de escola da EEEP Alan Pinho ao longo dos anos em que esteve nesta instituição e que estratégias utilizou para superá-los?
3. Quais experiências vivenciadas na EEEP Alan Pinho mais lhe marcaram?
4. Quais as melhores lembranças que você tem da sua vivência no cotidiano escolar da instituição?
5. Na sua avaliação, qual a maior contribuição da escola para a vida profissional e/ou pessoal dos jovens que passaram pela instituição e para a comunidade?

## **APÊNDICE E – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS FUNDADOR DO MOVIMENTO PRECE E COGESTOR DA ESCOLA NO ANO DE SUA INAUGURAÇÃO**

1. Qual o seu nome, sua idade e a função que ocupa?
2. Qual o papel da Universidade Federal para a implementação dessa escola e para a conquista dessa escola pelo movimento PRECE?
3. A partir da sua visão, como se deu o processo de implementação dessa escola na cidade, quais as movimentações políticas foram necessárias para que ela se estabelecesse e tivesse o movimento prece na gestão?
4. Como se vê a implementação da metodologia de aprendizagem cooperativa e solidária no contexto da educação formal? E qual o papel da Universidade Federal nessa implementação?
5. E como o PRECE se faz presente aqui na Alan Pinho? E o que se perdeu do PRECE para cá, dessa passagem da educação informal para formal?
6. Quais os maiores desafios que a instituição encontrou, até onde você conseguiu acompanhar, para se manter uma escola de aprendizagem cooperativa e solidária ao longo dos anos?
7. E qual a importância dessa escola para a comunidade?

## **APÊNDICE F – QUESTÕES PARA VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL**

- 1. As informações expostas na sala contribuem para o resgate da memória da EEEP Alan Pinho Tabosa**
    - a) Discordo totalmente
    - b) Discordo parcialmente
    - c) Indiferente
    - d) Concordo parcialmente
    - e) Concordo totalmente
  - 2. O tema da aprendizagem cooperativa e solidária, marca da instituição foi colocado de forma clara em textos e imagens**
    - a) Discordo totalmente
    - b) Discordo parcialmente
    - c) Indiferente
    - d) Concordo parcialmente
    - e) Concordo totalmente
  - 3. A sala de memória apresenta uma linguagem que a comunidade escolar consegue acessar**
    - a) Discordo totalmente
    - b) Discordo parcialmente
    - c) Indiferente
    - d) Concordo parcialmente
    - e) Concordo totalmente
  - 4. A sala de memória apresenta uma organização estética visualmente atrativa**
    - a) Discordo totalmente
    - b) Discordo parcialmente
    - c) Indiferente
    - d) Concordo parcialmente
    - e) Concordo totalmente
  - 5. Escreva observações ou sugestões acerca da sala de memória da EEEP Alan Pinho Tabosa**
-

## **ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

### **A HISTÓRIA E AS MEMÓRIAS DA EEEP ALAN PINHO TABOSA: UMA ESCOLA DE APRENDIZAGEM COOPERATIVA E SOLIDÁRIA**

**JANAYNA DE SOUSA MACIEL MORAES**

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

#### **Justificativa e objetivos:**

A presente pesquisa buscará construir a narrativa da história da Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, localizada em Pentecoste, Ceará, a partir de documentos e de memórias de ex-estudantes e de professores que vivenciaram a experiência educacional de estudar e trabalhar na escola e a implementação da Aprendizagem Cooperativa e Solidária, marca da instituição. Acredita-se que o registro e posterior divulgação da história da jovem escola potencializarão o sentimento de pertencimento de toda a comunidade escolar à instituição bem como constituirá um importante aporte histórico para as gerações presente e futuras, que pode ser capaz de inspirar práticas educativas inovadoras como as experienciadas nesse espaço de educação.

#### **Procedimentos:**

Você participará desta pesquisa concedendo uma entrevista, que durará aproximadamente 30 minutos. A pesquisadora lhe fará perguntas sobre o período que estudou ou trabalhou na EEEP Alan Pinho Tabosa, de modo que você expresse suas lembranças. Esta entrevista será gravada em áudio ou vídeo e, caso você aceite participar da pesquisa, deverá assinar o termo de autorização específico para uso de voz e imagem.

#### **Desconfortos e riscos:**

Os riscos desta pesquisa são considerados mínimos e consistem em eventuais desconfortos ou aborrecimentos associados a perguntas específicas ou ao tempo demandado pela entrevista. Para minimizá-los, buscaremos realizar a entrevista em local de sua escolha e garantiremos que ela não demorará mais do que o tempo previsto, de no máximo 30 minutos. Ressaltamos que você tem o direito de não responder a perguntas que lhe constriam ou lhe sejam desagradáveis.

**Benefícios:**

Dada a natureza da construção do conhecimento científico, é importante esclarecer que você não terá benefício direto imediato, mas indiretamente você contribuirá para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. O conhecimento gerado a partir de sua colaboração poderá trazer benefícios à sociedade, uma vez que o resultado do estudo ficará disponível numa plataforma online de acesso público e irrestrito.

**Sigilo e privacidade:**

Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome será citado. Caso não autorize a divulgação de seu nome e seu relato, sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores.

**Ressarcimento e indenização:**

Você terá a garantia ao direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

**Contato:**

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora Janayna de Sousa Maciel Moraes, através do e-mail: [macieljanayna03@gmail.com](mailto:macieljanayna03@gmail.com), telefone: (85) 34012332, endereço profissional: Rua Maria Menezes Furtado, 125, Vila Nova, Pentecoste – Ce.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do IFCE das 08:00hs às 12:00hs e das 13:00hs as 17:00hs na IFCE Campus Fortaleza - R. Jorge Dumar, 1703 - Jardim América, Fortaleza - CE, 60410-426; fone (85) 34012332 e-mail: [cep@ifce.edu.br](mailto:cep@ifce.edu.br)

**Autorização sobre o uso da imagem e áudio:**

( ) Concordo em participar da pesquisa, autorizando somente a gravação do áudio das entrevistas (ou depoimentos), desde que este não seja divulgado, restringindo a sua utilização para fins de estudo e análise de dados deste trabalho.

( ) Concordo em participar da pesquisa, autorizando a gravação do vídeo das entrevistas (ou depoimento), desde que este não seja divulgado, restringindo a sua utilização para fins de estudo e análise de dados deste trabalho.

( ) Concordo em participar da pesquisa, autorizando a gravação do meu depoimento em áudio. Ao mesmo tempo, autorizo a utilização do áudio dos depoimentos para fins científicos, de estudos e divulgação da memória da EEEP Alan Pinho Tabosa (livros, construção de websites, artigos, slides), em favor dos pesquisadores, acima especificados, sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

( ) Concordo em participar da pesquisa, autorizando a gravação do meu depoimento em áudio e vídeo. Ao mesmo tempo, autorizo a utilização destas imagens, áudio e depoimentos para fins científicos, de estudos e divulgação da memória da EEEP Alan Pinho Tabosa (livros, construção de websites, artigos, slides), em favor dos pesquisadores, acima especificados, sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

**Consentimento livre e esclarecido:**

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar e declaro estar recebendo uma via original deste documento assinada pelo pesquisador e por mim, tendo todas as folhas por nós rubricadas:

Nome do(a) participante:

---

Contato telefônico (opcional):

---

e-mail (opcional):

---

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_.

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

Nome do(a) pesquisador(a):

JANAYNA DE SOUSA MACIEL MORAES

---

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_